

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CAMPUS REITOR JOÃO DAVID FERREIRA LIMA
DEPARTAMENTO DE ARTES
CURSO DE CINEMA

Bernardo Schmitt

Serra geral, Vale Europeu

Florianópolis

2021

Bernardo Schmitt

Serra geral, Vale europeu

Trabalho Conclusão do Curso de Graduação em Cinema do Departamento de Artes, Centro de Comunicação e Expressão da Universidade Federal de Santa Catarina como requisito para a obtenção do título de Bacharel em Cinema.
Orientadora: Prof. Dra. Patricia de Oliveira Iuva.

Florianópolis

2021

Ficha de identificação da obra

Schmitt, Bernardo
Serra Geral, Vale Europeu / Bernardo Schmitt ;
orientador, Patricia de Iuva, 2021.
218 p.

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) -
Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de
Comunicação e Expressão, Graduação em Cinema, Florianópolis,
2021.

Inclui referências.

1. Cinema. 2. Historia em Quadrinhos. 3. Farsa. I.
Iuva, Patricia de. II. Universidade Federal de Santa
Catarina. Graduação em Cinema. III. Título.

BERNARDO SCHMITT

Serra Geral, Vale Europeu

Este Trabalho Conclusão de Curso foi julgado adequado para obtenção do Título de “Bacharel em Cinema” e aprovado em sua forma final pelo Curso de Graduação em Cinema.

Florianópolis , 01 de Outubro de 2021.

Prof. Henrique Finco, Dr
Coordenador do Curso

Banca Examinadora:

Profa. Patricia de Oliveira Iuva, Dra.
Orientadora

Instituição Universidade Federal de Santa Catarina

Prof. José Cláudio Siqueira Castanheira, Dr.
Avaliador

Instituição Universidade Federal de Santa Catarina

Prof. Márcio Markendorf, Dr.
Avaliador

Instituição Universidade Federal de Santa Catarina

Esta história é dedicada aos amigos que ficaram pelo caminho.

AGRADECIMENTOS

Eu gostaria de agradecer meus pais, por seu imenso amor e suporte, desde os tempos das fraldas até hoje. Quando eu disse que queria fazer cinema e não medicina, eles me apoiaram. Quando eu disse que queria fazer quadrinhos e não cinema, eles me apoiaram também. Não existem palavras para descrever a sorte que eu tive.

Gostaria de agradecer também meus avós, por seu carinho e seu amor. Foi com o seu Ary que eu aprendi a contar histórias; e não só a contar, mas a exagerar, enfeitar e recontar. Ele me perguntou quase todos os dias dos últimos seis meses se “já tá pronto o ‘CCC’?”; tá pronto agora vô.

Agradeço também aos professores de desenho: MC Coelho, Gleisson Cipriano, Sérgio Amstalden e Clóvis Geyer. Em especial, sou eternamente grato à minha orientadora, professora Patrícia Iuva. Sua ajuda e mentoria nestes últimos três anos é incomensurável.

Aos amigos que perdi contato nestes tempos difíceis, agradeço a Brenda, Baena, Ana, Eduardo, Vini e Gabi. Espero vê-los de novo do outro lado.

Aos amigos que estiveram ao meu lado, virtualmente falando, agradeço a B(r)uno Ulasnoski, que esteve comigo quando eu decidi fazer quadrinhos; que desenhou comigo; que foi o primeiro a ler as minhas histórias; que sempre esteve lá. Agradeço também a Bruno Vormer; com quem eu sempre pude falar, sobre qualquer coisa; que acompanhou de perto esta jornada; que sempre esteve lá. Agradeço também a Pedro Terres, que me aguentou por quase uma década; que passou comigo pelos altos e baixos - e também alguns médios; que sempre esteve lá.

Noto em especial a ajuda providenciada pelos já mencionados Clóvis Geyer, Gleisson Cipriano, Patricia Iuva, Pedro Terres, Buno Ulanoski e Bruno Vormer, que tiveram contato com este projeto em seus diversos estágios e cujas críticas e sugestões foram imprescindíveis. Agradeço também a biblioteca municipal de Ituporanga, pelo empréstimo de diversas fontes de consulta. Não sei se eles tem uma política de multas por atraso, mas agradeço por nunca terem aplicado.

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 01 - The Invisibles n 12. Páginas 12 e 14	189
FIGURA 02 - New York, life in the big city. Páginas 44 e 45	191
FIGURA 03 - Prometeia, edição 15. Páginas 10-11	192
FIGURA 04 - Página 23, com versão comentada.	193
FIGURA 05 - Quatro tipos de balões de fala	194
FIGURA 06 - Sandman, edição 42. Páginas 13 e 19	195
FIGURA 07 - Páginas 78 e 160 de Asterios Polyp	196
FIGURA 08 - Quadros 2 e 7, da página 8 de Serra geral, Vale europeu.	196
FIGURA 09 - Páginas 15 e 31 de Prince of Cats.	197
FIGURA 10 - A banda The Archies, da revista Archie, cantando	198
FIGURA 11 - Casanova - Gula, n 07. Páginas 8 e 10.	198
FIGURA 12 - Stray Bullets, edição 1 páginas 5 e 6	200
FIGURA 13 - Página 16, Serra geral, Vale europeu	201
FIGURA 14 - Fotos de Álbum	204
FIGURA 15 - Fotos tiradas em viagens pelo interior do Alto Vale.	205
FIGURA 16 - Construção do quadro 1 da página 10	209
FIGURA 17 - Construção da página 14	210
FIGURA 18 - Estudos de cabeça feitos por Fred Moore.	211
FIGURA 19 - Galeria de personagens principais	212
FIGURA 20 - Processo de criação da página 32	213
FIGURA 21- Página 9, antes e depois.	215

SUMÁRIO

AGRADECIMENTOS	6
INTRODUÇÃO	9
SINOPSE	11
ARGUMENTO	12
ROTEIRO	19
MEMORIAL	185
1. Origens da História	186
2. Narrativa visual, nos quadrinhos e no cinema	188
3. Fazendo o quadrinho	199
BIBLIOGRAFIA	217

INTRODUÇÃO

Esta história nasceu quando outra morreu.

Minha intenção original era escrever um quadrinho autobiográfico intitulado *Neblina*. No final de abril de 2018, minha madrinha faleceu depois de mais de uma década batalhando com o câncer. A história se passaria alguns dias antes, no dia 9 de abril, a última vez que eu a vi. Quase toda a família se reuniu naquele dia, para passar um tempo junta. Eu ainda consigo ver a narrativa claramente na minha cabeça: seria um drama familiar que transcorreria durante um dia, dos primeiros raios de sol, até escurecer.

Eu não consegui escrever aquela história. Quando eu tentava, eu me sentia culpado. Sentia que estava mentido, fabricando uma ficção a partir da experiência real. Parecia sacrilégio.

Então, eu tentei uma outra abordagem. Tentei escrever como não-ficção. Os acontecimentos eram os mesmos, mas eu comentaria diretamente no texto sobre as mentiras, sobre os artificios narrativos, sobre como a vida real é tão mais confusa que a ficção.

Eu também não consegui escrever essa história. Ela se tornou convoluta, voltada apenas para si própria. Era um exercício vazio em estilo. Tinha pouco a ver com a história original, menos ainda com a verdade.

Assim, *Neblina* morreu. Mas os seus temas continuaram comigo. Eu ainda queria escrever uma história sobre família, sobre morte e sobre o passado. Então eu comecei a escrever *Serra Geral, Vale Europeu*.

Desta vez, eu iria inventar tudo desde o começo.

Na superfície, as duas histórias não poderiam ser mais diferentes. Enquanto *Neblina* era um drama familiar que buscava o "realismo" e a verossimilhança - não havia gritaria, choro, ou dramaticidade extrema - *Serra Geral* é uma farsa com personagens idiossincráticas e situações exageradas. Apesar disso, o sentimento que eu vejo em ambas é o mesmo. As personagens são todas assombradas pelo passado, pelos seus erros e pelos seus fracassos.

Este tempo todo entre o desenvolvimento destas narrativas foi útil, contudo.

Originalmente, minha intenção não era fazer uma história em quadrinhos. Quando os eventos que seriam descritos em *Neblina* ocorreram, eu não sabia desenhar mais do que um boneco-palito. Comecei a aprender desenho em outubro de 2018.

Eu nunca desenhei quando criança, mas eu sempre escrevi roteiros de quadrinhos. Eu indicava o que acontecia em cada um dos quadros e quantos quadros havia em cada página. Meus roteiros ficavam todos guardados, só esperando alguém para desenhá-los. Em 2018, eu decidi parar de esperar. Depois de três anos estudando desenho, suas técnicas e fundamentos, eu finalmente consigo desenhar algo que eu não odeio completamente no dia seguinte.

Então eu decidi tentar fazer uma história em quadrinhos como meu trabalho de conclusão de curso. Este é o resultado.

SINOPSE

Serra Geral, Vale Europeu é a história de Cid, um criador de galinhas afundado em dívidas. Para tentar quitá-las, ele decide levar um de seus galos para ser usado em rinhas. Quando sua esposa, inadvertidamente, cozinha o galo, Cid acaba caindo em uma série de enrascadas, tanto com seu credor, quanto com os criminosos que controlam a rinha.

ARGUMENTO

Abril, 1983.

Nós abrimos com uma visão isométrica de um vale, acompanhada de uma narração sobre o inverno e sobre a onda de suicídios que ocorre nessa estação. Ainda na narração, as imagens transitam para a um rio que nasce no alto da Serra Geral, no campo, e o acompanha, passando pelo mar de morros, enquanto desce para o Vale Europeu. Aqui, encontramos uma picape dirigida por Alcides "Cid" Stadnick, que ruma pela estrada em direção a um posto de gasolina.

No posto Cid - um pequeno fazendeiro e criador de galinhas - encontra Júlio "Juba" Bara, caminhoneiro, ao qual ele pretende vender um galo polaco para ser usado em rinhas. O negócio vai bem, mas Cid logo descobre que a intenção de Juba não é comprar o animal - ele não tem nenhum dinheiro - mas sim fazer uma parceria. Cid reluta, mas convencido por Juba dos possíveis lucros, aceita.

De volta para casa, Cid vai guardar Tião (seu galo poderoso) no galinheiro, e é derrubado por Betina (uma galinha enlouquecida) na lama. Lúcia Stadnick, esposa de Cid, o ajuda a capturar a galinha.

Ela pergunta como foi lá embaixo na cidade, e porque o açougueiro não quis comprar Tião. Cid mente, dizendo que o galo tinha muitos hormônios, era grande demais, e por isso ele recusou. Cid vai se lavar para tirar a lama e, enquanto ele está no banho, Lúcia vai até o galinheiro, pega o agora "inútil" galo Tião, degola e cozinha com polenta.

Cid e Lúcia sentam para almoçar, nós descobrimos que eles estão em dívida devido a um negócio fracassado, Lúcia quer vender o terreno para o vizinho (Ademar), mudar-se para a cidade e arranjar emprego lá. Cid não quer, ele acredita que o futuro está no campo, que eles só precisam de um bom negócio, que o terreno é valioso e que Lúcia não precisa trabalhar. No fim da conversa, ele descobre que seu almoço é Tião.

Cid vai a rinha como prometido, é um escurinho (onde os galos só são revelados na hora da briga) então ele leva consigo uma gaiola misteriosa. Laerte, que cuida da rinha, o reconhece apenas como "O Polaco amigo do Juba" e o deixa entrar. O lugar se chama "O Poço", uma fazenda isolada em que, na parte de dentro, algumas dúzias de homens sentam em cadeiras de plástico ao redor de um buraco cavado no chão, o poço, onde dois galos duelam.

Juba chega atrasado, e bêbado. Cid tenta contar sobre o fim que levou Tião, mas é sempre interrompido. Até que, percebendo algo estranho, Juba abre a caixa e revela Betina lá dentro. Ela escapa da caixa e cacareja em alto e bom tom para todos na rinha.

A sala toda ri de Cid. Juba vomita em um balde, o álcool e horror das perdas lhe subindo a cabeça; todos tentam, apavorados, mudar suas apostas. Laerte leva Cid até a arena e coloca a galinha para rinha.

Betina ganha.

Cid e Juba fazem muito mais dinheiro que o esperado. Na volta para casa, Juba tenta convencer Cid a continuar rinhando, mas ele está indeciso. De volta para casa, Lúcia facilmente descobre que Cid foi numa rinha, afinal ele fica levando galinhas pra fora de casa e trazendo elas de volta vivas, e confronta ele. Eles brigam, e a briga termina com Cid indo dormir, deixando ela sozinha. Lúcia vai até o galinheiro, e vê Betina toda ferida e sangrando.

Cortamos para um escritório, algum lugar na cidade, onde Carmen conta seu dinheiro, dividindo em duas pilhas, junto da presença do filho, Eduardo, e percebe que muito está faltando. Eduardo a informa que a rinha deu prejuízo na noite passada. Ela precisa dividir os lucros com o "sócio" Elias e, querendo evitar conflito, decide cobrir a parte dele e resolver sozinha o problema.

Ela visita o poço, e conversa com Laerte. Ele a informa que eles levaram um "golpe", uma galinha ganhou a rinha, e quem trouxe ela era um "polaco" sagaz e Juba. Laerte afirma que ele apostou dinheiro da casa contra a galinha, achando que seria dinheiro fácil. Ela pergunta onde está Juba, ele responde "Tu conhece o Juba, ou ele tá no posto ou..."

Em um quarto de bordel, Carmen acorda Juba que dorme sozinho em uma cama de casal. Eles são irmãos, nós descobrimos. Ela briga com ele, por ter abandonado tudo, a família e os negócios, e ido pra longe com o caminhão, apenas para voltar anos depois e roubar dela. Ele diz que não foi roubo, e defende seu direito de participar das rinhas, acusando ela de destruir o negócio da família fazendo parceria com "nazistas" (Elias é alemão). Carmen o proíbe de ir na rinha, frequentar o bordel ou qualquer outra atividade do "negócio" da família.

Carmen volta para casa, e encontra dormindo em sua varanda, Elias (o sócio), apesar dos esforços dela, ele descobriu sobre o que aconteceu na rinha e veio ameaçá-la. Ele é um sujeito

instável e perigoso - quando o filho mais novo de Carmen interrompe a conversa, ele dá uma bizarra lição no garoto sobre respeitar os mais velhos.

Lúcia acorda com o som insuportável das galinhas cantando, ela levanta da cama, pega a caminhonete, e sai estrada a fora.

Ela chega até um local com algumas estufas de fumo, onde Ademar (o vizinho) e sua filha estão trabalhando. Ela quer vender metade do terreno dela para ele. Ele fica animado e pede para conversar com Cid.

"Não, o Cid não vai vender, é só a minha metade". Ele diz que isso não vai pagar a dívida dela - "só metade da dívida é minha" ela responde.

Ademar não paga ela na hora, como ela esperava, meramente quitando a dívida como primeira parcela; então Lúcia, precisando de dinheiro, pergunta "como vai a lanchonete do teu irmão".

Lúcia chega em casa à noite, vestindo um uniforme de garçonete. Cid tenta conversar, mas ela vai dormir, deixando ele sozinho.

Na manhã seguinte, Cid acorda com o som de motor de carro se afastando e percebe que está sozinho. Ele levanta triste e ouve novamente o som do motor, desta vez se aproximando. Ele corre para a porta, esperando por Lúcia, mas ao abrir encontra Ademar e a filha.

Eles vêm acompanhados de dois pedreiros, que vão analisar o terreno. Cid descobre que Lúcia está vendendo metade e tenta desesperadamente barganhar com o vizinho, que não arreda. Cid oferece pagar a parte que Ademar já pagou a Lúcia, com interesse, mas Ademar não está interessado. É apenas quando os pedreiros terminam sua avaliação e anunciam que o terreno "não vale nada", que Ademar aceita.

À noite, Cid vai até a rinha em busca do dinheiro para pagar Ademar, enquanto Juba espera no carro. Almeida (funcionário de Laerte) não quer deixar ele entrar, por ordens de Carmen. Cid diz que ele tem uma ideia para fazer muito mais e nunca mais voltar, e que Almeida e a "casa" podem participar. Ele aceita.

Cid volta para seu carro, e com um canivete, corta Betina.

Cid entra no poço, Elias está lá dentro, eles se introduzem amigavelmente. Todos, ao verem Cid e sua galinha no páreo, apostam nele; ele, aposta no adversário. Betina perde, ele leva tudo.

De volta ao carro, Juba quer comemorar no boteco e Cid aceita. Eles bebem e conversam, Juba conta um pouco de seu passado e por que quis se tornar caminhoneiro, por que quis desesperadamente sair da cidade, de sua casa e ficar longe do pai logo depois que sua mãe faleceu. Cid, bêbado, percebe que Lúcia estava certa, que não vale a pena se apegar a terra, e ele pretende vender o resto do terreno e usar esse dinheiro para ir morar com ela na cidade.

Do lado de fora do boteco, em seu carro, Elias observa.

Cid deixa Juba no posto, eles se despedem, e Cid retorna para casa. Ele entra na casa, Lúcia não está mais ali.

Juba está urinando no banheiro do posto de gasolina quando Elias entra pela porta. Juba fica surpreso, e diz que conseguiu o dinheiro que devia para Elias. Elias replica que ele está roubando o poço para pagá-lo, que o dinheiro já era dele.

Elias parte para brigar, Juba é maior e mais forte. Parece fácil para o caminhoneiro, que até mesmo esfrega a cabeça de Elias no urinou. Cansado da surra, Elias pega sua pistola e atira no pescoço de Juba, que sangra até a morte. Antes de sair do banheiro, Elias lava o rosto.

Elias dirige até a casa de Cid (tendo encontrado o endereço nas anotações de Juba), mas estando muito sonolento, decide dormir no carro.

Na madrugada, Carmen é acordada por seu filho mais novo. A polícia acabou de ligar. Ela vai até o posto, onde encontra polícias, amigos dela, que tentam impedi-la de entrar no banheiro. Ela entra de qualquer forma, encontrando o corpo de seu irmão.

Ela chora e afirma que esse é o fim da "sociedade" com Elias, é hora de brigar.

Amanhece, Elias acorda, sai do carro e vai até a casa de Cid. Ele bate na porta e é recebido por um Cid de ressaca. Aqui, nós descobrimos o quão insano Elias realmente é.

Ele não está interessado em matar Cid, ele acredita que o futuro está nas rinhas de galo, que drogas, jogo do bicho, puteiros, tudo isso vai passar, o verdadeiro negócio são as rinhas. Então ele, acreditando que Cid é o "polaco", o galista que consegue ganhar até com uma galinha, ele chama Cid para trabalhar na fazenda Schveppa. Esse é o 'um bom negócio' que Cid sempre sonhou. Ele primeiramente recusa, e a cena termina sem termos certeza se ele aceitou ou não.

Fim da primeira parte.

Junho, 1983.

A Parte dois abre com imagens da cidade, e uma narração sobre a formação da cidade, sua origem e relação com o rio.

Um mês se passou. Lúcia está vivendo em uma quitinete na cidade, mas seu dinheiro está quase no fim. Cobrada pela dona da casa quanto ao aluguel, ela tenta conseguir um adiantamento com Edemar (o irmão de Ademar e dono da lanchonete), mas não tem sucesso.

Ela decide voltar para casa, e encontra o lugar abandonado e todas as galinhas no galinheiro mortas. Ela enterra todas elas em uma vala que ela termina de cavar ao anoitecer.

Manhã seguinte, Carmen e Eduardo dirigem até a casa de um primo de Elias no interior, responsável pelo jogo do bicho. Eles ameaçam o homem e fazem ele entrar no carro. Eles dirigem até o poço, e espancam o homem. Carmen perde o controle e mata o homem a pauladas. Eles desovam do corpo no rio.

Ademar passa na casa Stadnick para ver o terreno e Lúcia o encontra. Ele diz que não viu mais Cid, Lúcia conta das rinhas e ele diz que foi ele que indicou 'o poço' para Cid. Ademar também desiste de comprar o terreno, ele está falindo.

Lúcia vai até o poço, ela tenta conseguir respostas de Laerte e Almeida, mas quando eles descobrem que ela é a esposa do polaco, eles começam a ameaçá-la. Ela é salva por Carmen, elas conversam e Carmen informa que o marido de Lúcia provavelmente foi morto assim como Juba pelas mãos de Elias.

Carmen deixa Lúcia ir embora.

Elias abre o galpão atrás de sua casa, onde dúzias e dúzias de galos estão presos em cocheiras nas paredes. Ele encontra garrafas vazias de cachaça pelo chão e o cheiro de urina é insuportável. Ele segue andando, até o quarto onde Cid fica (um colchão no chão, palha, um rádio velho). Cid está deitado, barba grande, e fraco, claramente sofrendo abuso físico.

Elias briga com Cid pelo estado do lugar, pelos galos fracos que ele tem criado, que ele está bebendo a cachaça de passar na pele do galo (aparentemente galistas passam cachaça na pele de galos pra deixar ela mais forte).

Elias bate em Cid, mostra que ele não está limpando direito as gaiolas, o chama de bêbado preguiçoso e mostra como tratar o galo direito: jogando ração na boca de Cid e fazendo ele dar comida de boca pro galo (galistas também fazem isso).

Elias recebe a notícia de um dos capangas que seu primo foi encontrado flutuando no rio, ele sai e deixa Cid sozinho. Cid se recompõe, ele vai para o canto, tirando o colchão encostado na parede do lugar, para revelar o buraco que ele está cavando para escapar do galpão.

Carmen está no banheiro, pensando no homem que ela matou, pensando em Juba. O filho dela bate na porta, tem uma ligação, é Elias.

Ela atende. Elias quer se encontrar, resolver as coisas como nos velhos tempos "quando alguém não se comporta, é colocado na linha, mas não morto. Matar não é civilizado".

Carmen e Elias se encontram em um lugar neutro, com alguns leões-de-chácara cada.

Elias faz a proposta de voltar aos velhos tempos, os italianos (ela) cuidam na Cidade e os alemães (ele) do campo, sem um se envolver nos negócios do outro. Carmen fala que Elias matou o irmão dela, que é tarde demais para voltar atrás agora.

Elias diz para Carmen que ele não matou Juba, "não faria sentido, por que eu mataria meu melhor cliente?". Ele afirma que o polaco foi quem matou Juba e fugiu com o dinheiro. "tarde demais para isso", Carmen responde, agora ela quer tudo. Ela avisa que eles têm até amanhã ao meio dia para fazer as malas e sair da cidade, e que, a partir de agora, é chumbo.

Malas são feitas em cima de uma cama. É Lúcia, ela arruma as suas coisas, a casa e entra na picape. Decidindo se vai, ou se fica.

Elias chega em casa, ele encontra três de seus homens espancando Cid; "ele tentou fugir" eles dizem.

Elias briga com Cid, levando ele até o galpão, dando um discurso meritocrata neo-liberal "todo mundo quer ficar rico, mas ninguém quer trabalhar!". Ele tranca Cid no galpão, amarra ele numa coluna de madeira, e solta todos os galos juntos, deixando eles soltos pelo chão (galos de briga não podem ser deixados juntos, eles se matam e o que tiver pela frente).

Vai chover esta noite, e sabendo disso, Carmen e Eduardo se preparam para iniciar a briga.

À noite, Elias assiste televisão com a sua Motta, quando ele começa a ouvir tiros. Carmen chega com seus homens. Ele abre a porta para entrar em combate, mas é imediatamente baleado e morto por Carmen. Ela invade a casa e encontra Motta Schveppa, a mãe de Elias, que é citada durante a história como sendo uma pessoa horrível e brutal. Ela está respirando oxigênio puro e deitada em uma cama, incapaz de falar. Não mostra o que Carmen faz com ela.

No fim do tiroteio, ela vai até o galpão, onde encontra Cid amarrado e dezenas de galos de briga; todos miraculosamente mansos e parados. Ela desamarra ele e eles conversam brevemente. Ela descobre que ele é o "polaco ". Carmen puxa seu rifle para matá-lo, mas os galos todos pulam em medo, distraindo ela e permitindo que Cid fuja.

Cid foge pela mata e Carmen o persegue. Eles fazem uma longa perseguição pela mata, Cid tenta se esconder, mas é encontrado. Ele tenta se defender com uma pedra mas Carmen atira na cabeça dele, arrancando um pedaço da orelha.

Cid foge correndo e cai em um buraco na mata, mas consegue se agarrar nas vinhas e com dificuldade se puxa para cima. Ele sai do buraco, e olha para trás, apenas para ver Carmen cair no mesmo buraco e quebrar a perna. Cid abandona ela, fugindo para casa.

Ele chega em casa e encontra o lugar vazio. Ele procura ao redor e acha Lúcia, ela não conseguiu ir embora. Eles têm uma última conversa sobre o futuro, e lá fora, o vale está completamente alagado.

ROTEIRO

PARTE I - Abril, 1983

Página 0

Tudo preto, as seguintes palavras em branco -

Na estrada para a Pérsia, ao passarem marchando por dois galos que brigavam, Temístocles falou aos soldados: ‘Vejam, eles não lutam por sua nação, por seus deuses, pelos monumentos de seus ancestrais, por sua liberdade ou por sua prole; lutam apenas pois não é de sua natureza submeter-se ao outro. E vós - tão compelidos agora a defender - fariam o mesmo?’

Página 1

Quadro Único.

Um plano isométrico de um largo vale cercado em todos os cantos por morros. Com riachos que se encontram em um rio maior, e estradas de chão que se encontram numa rodovia.

RECORDATÓRIO:

Uma mulher pulou do carro ontem, eu li no jornal. O marido dirigia e a filha pequena ia no banco de trás.

Ela só esperou por uma reta, abriu a porta e pulou.

Nessas duas semanas pra cá tiveram dois enforcados, e um homem que tomou veneno.

Três mortos até agora, por que a mulher viveu. Uma cicatriz grande no rosto, no braço e as costa toda ralada, mas viveu.

Página 2

Quatro quadros widescreen, ocupando toda a largura da página e ¼ da altura cada.

Quadro 1

Da face pedregosa de um morro, bem no seu topo, fluem águas em uma pequena cachoeira, caindo para um riacho.

RECORDATÓRIO : As pessoas se matam mais no inverno por aqui, meu avô dizia. Não tem muito trabalho no campo, as veis passam fome e frio.

Quadro 2

O riacho flui para baixo, descendo pelo mar de morros.

RECORDATÓRIO: Só que as coisas já não são mais como era no tempo dele, com tanta gente morando na cidade agora ou indo lá pra trabalhar.

Quadro 3

O rio, ainda em movimento descendente, encontra uma pequena estrada de chão que o atravessa perpendicular através de uma pontezinha de madeira.

RECORDATÓRIO: E o inverno também já nem é mais tão frio. Nevou duas vezes quando ele era menino e eu nunca nem vi neve.

Quadro 4

O rio agora distante, e pela estrada cruza uma picape do final dos anos 60, suja e enferrujada.

RECORDATÓRIO: Mas as pessoas continuam se atirando de carros mesmo assim, como se tivesse virado tradição ou coisa parecida.

Página 3

Quadro 1 (widescreen)

A picape passa por uma casa de madeira abandonada. As janelas quebradas ou removidas, a porta escancarada, e o mato tomando conta.

Quadro 2 (widescreen)

A Picape passa por uma entrada de um sítio, a placa que lê 'Sítio Wojciech' jaz quebrada no chão. Um cachorro pequeno urina na cerca destruída, enquanto outro, maior, repara na passagem do veículo.

Quadro 3

Os cães iniciam perseguição.

Quadro 4

O pequeno desiste e fica para trás, mas o maior continua.

Quadro 5

A picape atravessa da estrada de chão para a de asfalto, entrando na BR-282.

Quadro 6

O cachorro, como que sabendo seu limite, desiste da perseguição no lugar onde as estradas se encontram

Página 4

Quadro 1

Nós vemos o motorista pela primeira vez. Um homem no fim de seus trinta anos, aproximando-se dos quarenta. Magro e de aparência frágil, com grandes óculos de tartaruga, este é Alcides 'Cid' Stadnick.

Quadro 2

Uma caixa de madeira, usada para transporte de animais de pequeno/médio porte, no porta malas da picape bate contra o vidro.

Da caixa sai o som de um bicho 'CRUK CRUK'

Quadro 3

Close em Cid com a caixa ao fundo

Quadro 4

Cid avista um posto de gasolina no canto direito da rodovia.

Quadro 5

Cid entra no posto com a picape.

Quadro 6

Cid desce do carro.

Quadro 7

Cid coloca o chapéu

Quadro 8

Cid abre a porta do posto.

Página 5

Quadro 1

Uma atendente no posto, uma mulher de meia idade, galega, com um enorme cabelo armado e óculos pontudos.

Atendente - Bom dia Senhor, como posso achudar?

Cid (fora do quadro)- Eu... tô procurando por um Júlio... Júlio Bara?

Quadro 2

Close na atendente. Com uma face de reconhecimento

Atendente - Chúlio... Chúlio...

Cid (fora de quadro) - Ele é caminhoneiro.

Atendente - Ahhh, chim chá sei, é o Chuba!

Quadro 3

Ela aponta lá fora, para um caminhão colorido, que se destaca em um largo estacionamento de caminhões.

Atendente - Ele deve de tár dormindo ainda, o preguiçoso velho. Lá naquele caminhão vermelho lá, chábe.

Quadro 4

Cid está entre os caminhões, parado defronte o caminhão de Juba.

Cid - Júlio...

Quadro 5

Mesmo plano, push in. tudo em silêncio. Cid olha ao redor.

Quadro 6

Mesmo Plano. Cid chama mais alto.

Cid- Júlio!

Quadro 7

Cid bate na porta

Cid - Júlio!

Quadro 8

A porta do caminhão começa a abrir.

Página 6

Quadro 1

(o maior, ocupando duas fileiras de quadros)

Juba abre a porta do caminhão com um estrondo. Usando apenas regata e cueca, seus longos cabelos caindo por trás dos ombros, ele é um gigante sobre o mirrado Cid e está fulo por ter sido tirado da cama.

Juba - O Que Foi Caralho!?

Quadro 2

Cid, assustado.

Cid - É o Alcides... Stadnick, o Cid. Eu... eu... trouxe comigo o galo que nem a gente tinha... que nem a gente combinou.

Quadro 3

Close em Juba, ainda sonolento, mas menos irritado.

Juba - Cid? Que horas são?

Cid - Desculpa eu...

Quadro 4

Juba coloca o casaco e sorri.

Juba - Sem erro...sem erro... é só que me chamando de 'Júlio', já achei que era polícia, ou pior...

Juba - Que era da família. Ha ha!

Quadro 5

Juba coloca a mão ao redor do ombro de Cid.

Juba - Então, vamô lá vê o bicho?

Página 7

Quadro 1

Cid mostra a caixa na traseira da picape.

Juba - Posso abrir?

Cid - Claro, só...

Juba - Qual é o nome dele?

Quadro 2

Juba encara mesmerizado a criatura na caixa

Cid -...cuidado... é Tião.

Juba - Que porra é essa...

da caixa sai o som 'CRUK CRUK'

Quadro 3

Cid e Juba conversando .

Cid - Tu não gostou?

Juba - Isso é um peru.

Cid - É um galo.

Juba - Que tipo de galo?

Cid - Só um galo.

Quadro 4

Close em Juba, o posto ao fundo

Juba - É um polaco?

Cid - Eu?

Juba - O galo.

Cid - Não sei.

Quadro 5

Juba fecha a caixa

Cid - Então, Juba, tu vai querê levá?

Juba - Você dá algum hormônio pra ele?

Cid - Não.

Juba - Por que eles não aceitam com hormônio.

Cid - Eu não sei nem onde se arranja isso daí.

Quadro 6

Ele bate na caixa, dando tapinhas

Juba - Olha Cid, isso não é um galo.

Juba - Isso é uma aberração, completamente, ele podia estrelar em um daqueles filmes, sabe, que nem king kong assim... "Tião, a besta"

Cid - Bem, desculpa eu achei...

Quadro 7

Juba - Ele vai ser perfeito.

Cid - O quê? É sério?

Juba - Sim sim, nós temos um campeão aqui.

Quadro 8

Juba coloca a mão no ombro de Cid.

Juba - Anda, você já tomou café? Eu tô varado.

Página 8

Quadro 1

Dentro do posto. Cid no canto, Juba pega um bolinho de carne de uma vitrine de salgados.

Juba - Um galo como aquele, eu coloco em 60... não, 75/25 a chance dele simplesmente destroçar o frango que dividir ringue.

Quadro 2

Juba paga a atendente. Ela sorri pra ele e ele sorri de volta.

Atendente - Mais alguma coisa, Chuba?

Juba - Só isso galeguinha, pode ficar com a diferença.

Atendente - Bom apetite então querido.

Quadro 3

Juba senta na mesa com Cid.

Juba - Esse é o engraçado da cidade pequena, tu pode sair por cem anos e quando tu volta todo mundo se lembra, todo mundo te trata como se tivesse passado um dia só.

Juba - A alemoa ali, a gente era namoradinho de criança, se encontramos aqui por acidente, que coisa né?

Cid - É...

Juba- Ela até já escreveu o telefone no meu caderninho.

Quadro 4

Juba come o bolinho

Juba - Hmm, você devia provar esse bolinho.

Quadro 5

Juba limpa a boca

Juba - Então, Cid. Sobre o Tião, ele é coisa de louco.

Juba - A gente só tem que levar ele numa rinha sem batida, por que o Tião ali, ele vai atrair muita aposta, e se todo mundo apostar nele, não tem muita grana.

Quadro 6

Juba - É melhor ir no escurinho buscando aquele meio a meio nas apostas, talvez até mais já que tu é um galista desconhecido.

Juba - Sorte nossa que tem uma hoje a noite, escurinho.

Juba - Eu posso colocar as apostas pela cidade.

Quadro 7

Cid chocado

Juba - Você leva ele?

Cid - Levar...? Eu... não... não!

Quadro 8

Cid protesta

Cid - Juba, isso não é o que o Ademar tinha me dito. Ele disse que tu tava querendo comprar um galo, e que o dinheiro era bom. Eu trouxe o Galo. Mas isso... não...

Página 9

Quadro 1

Juba - Olha, Cid, veja bem, eu não sei nada sobre cuidar de galinhas, eu não tenho nem onde deixar a galinha e, pra falar a verdade contigo, eu tô quebrado.

Quadro 2

Juba - O que eu tô procurando aqui é uma parceria. Você entra com o Tião, eu ajeito o negócio na rinha, eu faço as apostas.

Juba - Meio a Meio.

Quadro 3

Cid se levanta ultrajado

Cid - Não, não. Eu não quero me envolver com isso.

Cid - Eu só queria vender a galinha.

Quadro 4

Juba - Cid... eu acho que você não está vendo a oportunidade que eu vejo aqui.

Juba - Esse é um bom negócio... O Tião ali, o que vai acontecer? Em alguns anos, o que ele vai ter valido?

Quadro 5

Juba - Ein? O que ele vai valer? Metade dos ovos que ele ajudou a fazer, metade das galinhas que ele for pai e, quando ficar velho, um galo assado?

Quadro 6

Juba - Se você levar ele hoje, só hoje a noite, vai dobrar isso. Minto, vai triplicar!

Quadro 7

Cid senta de volta na cadeira

Juba - Anda Cid. Senta aí, come um bolinho.

Quadro 8

Juba sorri.

Juba - Vamos conversar sobre o polaco baixinho e seu polaco gigante.

Página 10

Quadro 1

Cid estaciona sua picape em frente de casa, no alto de um mar de morros na serra geral. É uma casa pequena e velha, de madeira.

Quadro 2

Ele tira a caixa com Tião da parte de trás da picape.

‘CRUK CRUK’

Quadro 3

Ele atravessa a casa, pela lateral, carregando Tião, para ter acesso ao galinheiro na parte de trás.

Quadro 4

Ele estende a mão para girar a tranca de madeira da porta do galinheiro.

Quadro 5

A porta abre com um estrondo. Cid é jogado e cai para trás, enquanto uma galinha ensandecida sai voando de dentro do galinheiro.

‘Cãã Cãã’

Quadro 6

Cid cai sentado na lama. Tião grita de dentro da caixa

‘CRUK CRUK’

Quadro 7

Lúcia, a esposa de Cid, em primeiro plano, observa a desastrosa cena.

Quadro 8

Cid corre atrás da galinha que foge em direção da casa, gritando 'Cãã Cãã'

Cid - Betina!

Página 11

Quadro 1

Lúcia facilmente pega a galinha aos seus pés.

Cid (fora do quadro) - Lúcia! brigado!

Cid (fora do quadro) A peste da Betina me derrubou de novo.

Quadro 2

Ela entrega a galinha para ele.

Lúcia - Como foi lá em baixo na cidade? Tudo certo?

Cid - Tudo ótimo, tudo ótimo.

Quadro 3

Cid coloca a galinha de volta no galinheiro, Lúcia analisa a caixa de Tião.

Lúcia - Mas e o Tião?

Cid - Que que tem?

Lúcia - Ele tá aqui ainda... o açougueiro não quis comprar?

Quadro 4

Cid percebe a merda que fez.

Cid - O açougueiro? É, não... Ele... ele mudou de ideia.

Lúcia - Por quê?

Cid - Porque...

Quadro 5

Os dois se encaram frente a frente.

Cid - hormônio...

Lúcia - Hormônio?

Cid - É, ele disse que o Tião tem muito hormônio. Disse que estraga a carne, fica muito dura. Daí não quis comprar.

Quadro 6

Lúcia para um segundo e pensa. Cid olha as roupas.

Lúcia - Huh...

Cid - Merda, eu preciso me lavar... A betina acabou comigo.

Quadro 7

Cid vai caminhando de volta para casa.

Lúcia - E as cria dele? Vão ter muito hormônio também será?

Cid - Pode ser... Não sei...

Quadro 8

Lúcia fica parada, sozinha agora, pensando.

Página 12

Quadro 1

Cid toma banho

Quadro 2

Close em uma panela tampada no fogão à lenha

Quadro 3

Lúcia está em frente ao fogão, olhando por uma janela para o galinheiro lá fora. Ao lado da janela, um faqueiro pendurado na parede.

Quadro 4

Close em Lúcia, as facas a sua frente.

Quadro 5

Close na pia ao lado do fogão, uma tábua de cortar está posicionada com algumas cenouras.

Quadro 6

Lúcia sai da casa em direção ao galinheiro. Pela janela, vemos Cid, que se banha.

Quadro 7

Close em Lúcia, caminhando.

Quadro 8

Close na mão de Lúcia, com uma faca.

Página 13

Quadro 1

Lúcia entra no galinheiro.

Quadro 2

Nós vemos enfileiradas as galinhas em seus poleiros de madeira.

Quadro 3

Close em Lúcia, olhando para baixo, pensando.

Quadro 4

Em primeiro plano Lúcia com a faca, ao fundo Tião. É a primeira vez que vemos ele, e o reconhecemos através do barulho.

“CRUK CRUK”

Quadro 5

Close em Tião

“CRUK CRUK”

Quadro 6

A faca de Lúcia decapita Tião, em cima da tábua de cortes ao lado da pia.

Quadro 7

Close na panela, agora aberta e borbulhando com a carne do galo.

Quadro 8

Cid terminou o banho e está se secando.

Página 14

Quadro 1

Sentado à mesa para almoçar, Cid se degusta com uma coxa de Tião.

Lúcia - Ah Cid, o vizinho, o Ademar... Ele passou aqui quando tu tava fora.

Cid - Ah é?

Quadro 2

Lúcia do outro lado da mesa.

Lúcia - É. Ele fez uma nova proposta no terreno. Quitar as dívidas tudo do armazém e ele ainda paga dois milhões.

Quadro 3

Cid aponta para o prato a sua frente.

Cid - Hmm, esse frango tá muito bom, Lúcia. Macia a carne.

Quadro 4

Lúcia - Então? O que tu acha?

Cid - Do quê?

Lúcia - Do terreno, Cid.

Quadro 5

Lúcia - A gente podia vender aqui, financiar algo na cidade, num daqueles loteamentos que tem, enquanto a gente procura emprego.

Quadro 6

Cid - Ah... Não, eu acho que não, Lúcia. Esse nosso terreno é muito bom, a terra é boa. Mais um pouco e a gente pode investir aqui, fumo... milho talvez...

Quadro 7

Lúcia - Tu fala em investir a anos, Cid.

Quadro 8

Silêncio entre os dois.

Página 15

Quadro 1

Cid - Lúcia sabe, não... Nem todo mundo que vai pra cidade se dá bem assim não. Dez anos prá cá, tava todo mundo indo, vendendo a casa e indo.

Cid - O que aconteceu? Agora tão querendo voltá.

Quadro 2

Cid - Quem se deu bem foi quem comprou essas casas tudo. O Ademar mesmo, comprou duas, derrubou pra fazer estufa de fumo, tá rico agora.

Cid - A gente tem uma coisa boa aqui, dois milhão, isso é que nem dá de mão beijada.

Quadro 3

Cid - A gente teve um pouco de azar, só isso. Se a gente não dá certo aqui em cima, a gente não dá certo lá embaixo.

Lúcia - Lá eu posso trabalhar Cid, eu posso ajudar.

Quadro 4

Cid - Fazendo o quê? Tu não quer trabalhá de doméstica... Uma... uma... Trabalhá numa lojinha de esquina. Eu não quero que tu viva assim.

Cid - Eu não quero que tu se preocupe, Lúcia. Eu vou acertá essas dívidas, pode deixá.

Quadro 5

Cid dá um sorriso triste.

Cid - Eu só preciso de um pouco mais de tempo... Eu só preciso de um bom negócio.

Quadro 6

Silêncio.

Quadro 7

Cid olha para baixo.

Cid - Sabe, essa... essa galinha ficou muito boa Lúcia, parabéns.

Quadro 8

Cid olha para Lúcia chocado.

Lúcia - é Galo.

Página 16

Quadro 1

Noite. Ao lado de um rio, uma grande fazenda, com um casarão principal de janelas fechadas e cortinas cerradas.

Quadro 2

A picape de Cid estaciona em frente a fazenda.

Quadro 3

Cid olha a caixa no banco ao seu lado, ela tem um véu que a cobre completamente.

Quadro 4

Close em Cid.

Quadro 5

Cid em frente a porta da fazenda, uma fresta nela está aberta.

Voz (de dentro da porta) – Que que tu qué?

Quadro 6

A fresta da porta abre um pouco mais.

Cid – Eu... Eu tô com o Juba, eu trouxe... O galo.

Voz – Tu é o Polaco?

Cid -...Sim.

Quadro 7

A porta abre mais, nós vemos o rosto de um homem em seus cinquenta anos, baixo, com óculos escuros e o cabelo liso puxado para trás com brilhantina.

Voz – Por que não disse logo, homi?

Quando 8

Ele abre a porta completamente, gesticulando para Cid.

Voz – Vem entrano... Vem entrano. Seja muito bem vindo ao Poço!

Página 17

Quadro único

Plano isométrico, o poço inteiro em vista.

Cid entra enquanto conversa com Laerte (a voz), eles andam pela esquerda em direção a um bar, no canto superior esquerdo, passando por algumas mesas. À direita, nós vemos um grupo de homens sentados ao redor de um buraco retangular no chão, que dá nome ao estabelecimento, onde dois galos brigam.

Laerte - Você já trouxe ele coberto, isso é bão, isso é bão. Qual o nome?

Cid - É... ahm... Tião.

Laerte - Tião, certo. Vô colocá no quadro.

Laerte - O meu é Laerte, prazê.

Laerte - Aposto aqui é comigo ou com Almeida ali nu boteco.

Cid - Certo.

Laerte - Se alguém chegá aí pra ti querendo dar uma de bookie, tu me chama. Tem sempre uns...

Cid - Certo.

Laerte - O Juba ainda não chegô.

Laerte - Deve tê é esquecido o caminho...

Laerte - Ou ficô entalado no caminhão viu! Hi hi hi, não é verdade?

Cid - Uhum.. é....

Laerte - tu pode esperá aí no boteco, cervejinha aqui é preço de mercado.

Página 18

Quadro 1

Cid senta no bar, a caixa do galo no banco ao seu lado. Ele olha para fora de quadro.

Quadro 2

Cid observa as pessoas ao redor do poço, apostando numa briga de galos

Voz (off) - Colega...

Quadro 3

Alguns homens ganham, enquanto outros perdem dinheiro com a resolução da rinha.

Voz (off) - Ei amigo!

Quadro 4

O plano abre e vemos atrás de Cid o barman, Almeida. Cid reage um pouco assustado ao finalmente perceber a presença dele.

Cid - Oi ahn?

Almeida - Tu vai querê bebê alguma coisa ou não?

Cid - Não, eu...

Quadro 5

O plano abre novamente, por trás de Cid, entra Laerte.

Laerte - Oh Almeida, não é assim que se atende o cliente! Traz uma garrafa d'A Favorita!

Cid - Não, eu não quero beber não...

Laerte - Que isso polaco, que desfeita, eu mesmo que faço a cerveja.

Laerte - Dois copos, Almeida.

Quadro 6

Laerte vai tirando a caixa do banco ao lado de Cid para poder sentar

Laerte - Deixa eu só...

Laerte - Nossa, que leve. Tem certeza que tu não esqueceu o galo em casa?

Quadro 7

Almeida serve os copos enquanto Cid e Laerte conversam. Cid parece preocupado.

Laerte - Hi hi... tô só te troçando homi, acalma.

Laerte - Tu vai ver, tu vai gostar, essa aqui é maltada, não é esses suco de milho verde que vendem por aí não.

Quadro 8

A caixa entre os pés dos dois

Laerte - Tem esse frutado no fim sabe, esse cítrico. Eu mesmo que planto o malte, é boa não é?

Cid - É...

Laerte - Claro que é, produção familiar, não tem nem tobata que é pra não deixar muito fácil...

Laerte - Ih, alá quem tá ali!

Página 19

Quadro 1

Juba entra pela porta

Laerte - Juba! Seu italiano filho da puta. Veio pagá o que me deve? Hi hi

Juba - Eu vim é arrecadar o que eu te devo, Laerte.

Quadro 2

Laerte - Andô bebendo, ein? Seu porco...

Juba - Sim, mas não foi muito não, o vinho que a tua mulher gosta é muito doce.

Laerte - Ah é? O teu amigo tá aqui, deixasse o coitado esperando.

Juba - E ela não tinha taça, era direto do umbigo... Daí fica difícil...

Laerte - Sorte que não foi o contrário, no teu imbigio ela tinha afogado.

Quadro 3

Juba chega em Cid, embriagado.

Juba - Ha ha! Galinovisk! Como é que tá?

Cid - Juba, oi...

Juba - Trouxe o campeão?

Quadro 4

Juba chega perto da caixa...

Cid - Juba, eu queria saber... tu já fez, por acaso, as apostas tudo?

Juba - Ah, nem se preocupa Cid, tá tudo ajeitado. Eu só não joguei as cueca e o caminhão, ha ha.

Quadro 5

Juba dá uns tapinhas na caixa.

Juba - Eu mal posso esperar pra ver o nosso Golias em...

Da caixa, sai um cacarejo.

"CÃÃ CÃÃ"

Juba - Ha! Uma demonhão desse com uma vozinha.

Quadro 6

Juba olha pra Cid

Cid - Hã...Juba isso é...

Juba - Uma gripe deve ser né? Galo tem gripe?

Cid - É, isso... uma gripe...

Quadro 7

Juba senta ao lado de Cid, Cid olha distante, enquanto Juba analisa um copo de cerveja.

Juba - E que tu tá bebendo Cid? O Laerte te empurrou aquele mijo que ele faz?

Juba- "É frutado! É frutado!"

Quadro 8

Cid olha para um homem que segura seu galo acima da cabeça, fazendo aviãozinho, enquanto comemora a vitória.

Juba - Que desmoralizia...

Juba - Ô Almeida! Tem Brahma?

Página 20

Quadro 1

Juba e Cid sentados. Juba fala com Almeida que está fora de quadro. Cid olha para frente.

Juba - Mil a mais? É por isso que esse país não vai pra frente.

Juba - Uma garrafa de mijo então!

Quadro 2

Cid ainda olha para frente, Juba olha para ele.

Juba - Um dia a gente não vai mais ficar parado, aguentar isso, não é verdade, polaco?

Juba - Polaco...?

Quadro 3

Juba olha na direção que Cid está olhando. Almeida coloca a garrafa entre eles.

Quadro 4

Juba olha de volta para Cid, Cid olha para ele.

Juba - Polaco... Tu quer ir ali dar uma espiadinha?

Cid - O que? Não, eu...

Quadro 5

Juba levanta, com a garrafa em mãos, um pouco desequilibrado.

Juba - Vem cá. Vamo ver a rinha.

Quadro 6

Juba caminha em direção a rinha, virando a garrafa. Cid levanta ao fundo.

Quadro 7

Cid segue, se aproximando.

Quadro 8

Cid se aproxima do círculo de pessoas ao redor do buraco no chão.

Página 21

Quadro 1

Close em Cid, olhando para baixo,

Quadro 2

Por entre os ombros das pessoas, nós vemos o buraco retangular onde dois galos brigam

Quadro 3

Close na briga, uma galo pula para cima da outro

Quadro 4

Cid vira o rosto e fecha os olhos violentamente.

Quadro 5

Ele fica com a cabeça virada para o lado, temeroso, os olhos abertos.

Quadro 6

Não resistindo, ele se vira novamente para ver a rinha.

Quadro 7

O plano abre, Juba chega pela direita para falar com Cid.

Juba - Coisa de louco não é verdade?

Cid - Sim

Juba - É melhor ainda quando tu ganha.

Quadro 8

Laerte entra pela esquerda. Os dois olham para ele.

Laerte - Juba, Polaco. O Tião é o próximo, certo?

Lerrte - Ele vai contra o "Odair José".

Laerte - Cada nome que me aparece...

Página 22

Quadro 1

Laerte entrega uma espora metálica para eles.

Laerte - Tai a espora, gaze tem lá no balcão.

Quadro 2

Juba vê Almeida no fundo, que está agachado tentando olhar dentro da caixa.

Juba - Certo, vamos...

Juba - Ei! Babaca! O que tu tá fazendo!?

Quadro 3

Almeida vira a cabeça, surpreso.

Almeida - Ele tava fazendo um barulho estranho!

Juba - Sai daqui seu animal.

Quadro 4

Juba e Cid em frente a caixa

Juba - E me alcança o esparadrapo!

Juba - Então polaco, sabe botar espora? Quer fazer as honras?

Quadro 5

Juba sorri, achando engraçado.

Cid - Eu.. Juba, eu preciso...

Cid - Me perdoa Juba, me desculpa.

Juba - Tá tudo bem, nem todo mundo sabe, tem muita técnica, aqui eu te ensino...

Quadro 6

Juba olha sério.

Cid - Não, Juba, me desculpa, me desculpa!

Juba - Cid... o que... o que tu fez?

Quadro 7

Juba puxa o véu e abre a caixa, olhando seu interior.

Cid - Eu não queria... foi a minha mulher Juba, ela matou o Tião! Ela matou ele.

Quadro 8

Mesmo plano, Juba ainda observa a caixa.

Página 23

Quadro 1

Mesmo plano do quadro anterior, Juba levanta os olhos da caixa e encara Cid.

Quadro 2

Juba se vira para Almeida

Cid - Juba, eu não queria eu juro que...

Juba - Almeida, ainda tem o baldinho aí atrás?

Almeida - Aham.

Juba - Me alcança então faz favor.

Quadro 3

Juba recebe o baldinho.

Juba - Agradecido.

Quadro 4

Juba vomita no balde.

Quadro 5

Juba limpa a boca

Cid - Juba, Juba...

Juba - Cala a boca seu colono polaco do caralho.

Juba - Tu sabe o quanto tu me deve?

Quadro 6

Betina, a galinha, tira a cabeça pra fora da caixa.

Juba - Tu sabe quanto eu botei nessa rinha, seu filho da puta?

Cid - Juba...

Juba - Cala a boca.

Quadro 7

Betina começa a sair da caixa.

Cid - Juba, Juba.

Juba - Cala a boca, polaco! Cala a boca, eu não quero ouvir uma palavra de ti, nunca mais.

Juba - Seu animal de teta...

Quadro 8

Betina sai completamente da caixa

Cid - Juba, a galinha!

Página 24

Quadro 1 (widescreen)

Betina grita, enquanto todos da sala se viram para olhar a galinha e os dois homens ao redor dela.

"CÃÃ CÃÃ"

Voz1 - Ih alá, o galo do Juba soltou a franga!

Voz2 - Tião virô Tiona.

Voz3 - Oh Almeida! Muda aí o tutu pro Odair José. Issai é propaganda enganosa!

Quadro 2

Dinheiro troca de mãos.

Quadro 3

Um homem conta dinheiro, mãos o oferecem mais ainda.

Voz4 - Quero tudo no Terror das Empregadas!

Quadro 4

Juba vomita no balde de novo, Cid está perplexo.

Quadro 5

Laerte aparece sorrindo

Laerte - Não aprontô o "Tião" ainda, Polaco?

Quadro 6

Ele abre o esparadrapo.

Laerte - Deixa que papai coloca a espora pra ti.

Quadro 7

A espora na pata da galinha, presa com o esparadrapo enrolado.

Laerte - Ôh lindeza...

Página 25

Quadro 1

Cid no meio, segurando a galinha, Laerte à direita e Juba à esquerda.

Juba - Porra Laerte, cancela essa merda. Teve um mal entendido, lembra que tu me deve umas...

Laerte - Sinto muito, Juba...

Quadro 2

Juba fica para trás, Laerte continua levando Cid

Laerte - ...Mas o pessoal veio pra sê entretido.

Laerte - Eu tenho de provê.

Laerte - Abram alas!

Quadro 3

Cid coloca a galinha no buraco.

Quadro 4

Algumas pessoas trocam dinheiro

Laerte - Vamo lá, no três!

Quadro 5

Cid, cercado por pessoas, olhando para o poço

Laerte - Um...

Quadro 6

Fecha em Cid

Laerte - Dois e...

Quadro 7 (*Widescreen*)

A galinha Betina e Odair José, um galo com quase o dobro do tamanho dela, estão frente a frente no poço, prestes a se enfrentarem

As mãos que antes os seguravam, agora os largaram.

Laerte - Pode Soltá!

Página 26

Quadro 1

A picape de Cid anda pela estrada, Juba tira a cabeça para fora no banco de passageiro enquanto grita cantando.

Juba - EU VOU TIRAR VOCÊ DESSE LUGAR!!!

Quadro 2

Juba e Cid dentro do carro, Juba bebe de um cantil

Juba - Sabe Cid? Eu podia pegar você e aquela galinha tua ali atrás, levar pra cabine do meu caminhão, e fazer amor gostoso com os dois.

Juba - Eu até fico no meio.

Quadro 3

Juba oferece o cantil para Cid, que dirige. Cid recusa.

Cid - Ah não não, obrigado.

Juba - Então, desembucha! Como é que tu fez aquilo?

Quadro 4

Juba - Fala a verdade, tu sacrificô o Tião pro cão e investiu na Betina os poderes dele pra poder melhorar as apostas?

Juba - É a única conclusão lógica que eu chego.

Quadro 5

Cid sorri

Cid - Foi sorte Juba, só sorte mesmo.

Quadro 6

Juba se reclina no banco, extasiado.

Juba - Deus do céu...

Juba - Eu tô mamado...

Quadro 7

Juba olha para Cid, sorrindo.

Quadro 8

Juba vira a bebida.

Juba - Tu é um filho da puta, Cid. Um grande dum filho da puta.

Página 27

Quadro 1

Juba percebe que o cantil acabou

Juba - Então Cid, agora quando tu chega em casa, deixa ela meio separada das outras galinha, se puder.

Juba - Dá um pouco mais...

Juba - Merda, tá seco.

Quadro 2

Juba acende um cigarro.

Juba - Um pouco mais de comida assim, por que tu sabe né? galo com fome comi até homi, como diz o outro.

Juba - Só não dá demais assim pra não engordar. Até sexta ela tá novinha.

Cid - Que que tem sexta?

Juba - Rinha, ué.

Quadro 3

Juba traga o cigarro.

Cid - Eu... Eu achei que era só essa....

Cid - Esse dinheiro aqui, já me alivia. Quase paga a dívida toda. Eu vou poder plantar, finalmente sair dessa desgraça.

Cid - Eu não sei se eu quero continuar não, Juba.

Quadro 4

Juba olha para Cid e expele a fumaça, como se duvidando de sua resolução.

Juba - Sei...

Quadro 5

o carro de Cid para na frente do poço.

Juba - Vamo fazer o seguinte, Cid...

Quadro 6

Juba, fora do carro, entrega seu caderninho de anotações para Cid

Juba - Escreve aqui onde você mora pra mim.

Quadro 7

Cid escreve no bloco, ``nova poloni...``

Juba - E se você realmente quiser desistir, se for de verdade, eu passo lá e eu compro a Betina de ti.

Quadro 8

Juba sorri, com o caderninho.

Juba - Agora eu sei onde te encontrar, Cid.

Juba - e quando esse dinheiro aí acabar, você sabe onde me encontrar também.

Página 28

Quadro 1

Lúcia observa, pela janela, Cid chegando com a picape.

Quadro 2

Ele leva a caixa para o galinheiro, nós vemos pela janela da cozinha.

Quadro 3

Ele entra pela porta da lavanderia.

Lúcia - Então tu foi numa rinha de galo?

Quadro 4

Cid - O quê?

Lúcia - Não se faz de idiota Cid, tu levou o Tião pro "açougue" e trouxe de volta, e agora levou, o que, a Betina? Pra dar uma voltinha à meia noite?

Quadro 5

Lúcia - Esse é o teu plano então? É assim que tu vai manter a casa? Apostando!

Quadro 6

Cid coloca o dinheiro na mesa.

Cid - Tá dando certo!

Quadro 7

Cid - Isso é mais dinheiro que aquele nosso armazém fez em cinco meses! É quase tanto quanto eu devo pro Ademar.

Cid - Em uma noite Lúcia. Uma noite, tá entendendo?

Quadro 8

Lúcia - Apostando. Tu não vê que isso não é... não é um negócio, não é um trabalho.

Lúcia - Tu vai apostar nosso dinheiro todo em galinhas, tu sabe como tu é... A gente vai afundar ainda mais em dívida.

Lúcia - É estúpido, estúpido e cruel.

Página 29

Quadro 1

Cid - Cruel? Cruel com quem? Com a Betina?

Cid - Tu matou o Tião, tu matou e cozinhou ele. Ele ainda estaria aqui se tivesse ido pra rinha.

Cid - Eu não estou apostando, Lúcia. Não é sorte, não tem sorte...

Quadro 2

Cid - Eu sei o que eu tô fazendo, eu... eu sou bom nisso.

Cid - Olha pro Tião, olha pra Betina! Eu sei criar galo Lúcia... A gente sabe.

Cid - A gente pode fazer disso aqui um negócio.

Quadro 3

Lúcia - Tu andô bebendo, Cid? Na rinha?

Cid - Não, eu...

Cid - Eu tô falando sério Lúcia, eu... eu...

Quadro 4

Silêncio.

Quadro 5

Cid abre a porta do quarto

Cid - Olha eu vou deitar tá bom? Eu tô cansado.

Cid - Amanhã a gente conversa melhor.

Quadro 6

Lúcia fica sozinha, na cozinha. Na janela ao fundo, o galinheiro.

Lúcia - Cid!

Quadro 7

Lúcia observa o dinheiro em cima da mesa.

Quadro 8

Lúcia sai pela porta da lavanderia.

Página 30

Quadro 1

Lúcia caminha até o galinheiro.

Quadro 2

Cid, sentado na cama, tira seu sapato.

Quadro 3

Cid apaga a luz do abajur.

Quadro 4

Lúcia entra no galinheiro.

Quadro 5

Lúcia fica assustada ao observar algo lá dentro.

Quadro 6

Cid deitado na sua cama no escuro.

Quadro 7

Fecha em Cid, ele sorri, contente.

Quadro 8

Vemos o que Lúcia estava observando, a galinha Betina. Ferida, sangrando, a asa parece quebrada, e as penas estão estiradas.

Página 31

Quadro 1

Establishing shot, uma casa grande, estilo antigo, italiana. A rua em frente é de pedra-ferro, e outras casas são visíveis. Nós estamos na cidade.

Quadro 2

Duas pilhas de dinheiro, em cima de uma escrivaninha, uma claramente maior do que a outra.

Carmen (off) - Que porra é essa?

Quadro 3

Eduardo (jovem, meados dos vinte anos, cabelo grande, bigode, porte atlético) está sentado do outro lado da escrivaninha, relaxado em sua cadeira, fumando.

Eduardo - Não sei mãe, uma coleção de retratos do Castello Branco?

Eduardo - Alguns Deodoros?

Eduardo - Muitos milicos, eu sei disso.

Quadro 4

Carmen (uma senhora, meados dos quarenta, cabelo curto, um pouco gorda, mas ao mesmo tempo aparenta ser bastante forte, parruda), sentada à escrivaninha.

Carmen - Eu tô perguntando por que um deles é tão menor que o outro, seu animal.

Quadro 5

Médio em Eduardo.

Eduardo - Ah O Poço veio leve essa semana.

Carmen - O que aconteceu?

Quadro 6

Plano médio em Carmen

Eduardo - Não sei, o Laerte não disse nada, e eu só reparei quando cheguei de volta na cidade.

Carmen - Merda...O que eu vou dizer pro Elias?

Eduardo - Ué, diz que o Poço veio leve.

Carmen - Claro, tu sabe o quão compreensivo ele é...

Quadro 7

Carmen segura a pilha grande.

Carmen - Não... pega isso aqui e entrega praquele Alemão...

Carmen - Se ele perguntar, diz que tá tudo nos conformes.

Quadro 8

Carmen levanta.

Carmen - Eu vou ver o que que deu no poço.

Eduardo - Não quer que eu vá? Tu não precisa microgerenciar a porra toda.

Carmen - Pode deixar querido, o doutor disse que eu preciso esticar mais as pernas.

Página 32

Quadro 1

Uma cobra coral está se esgueirando por entre arbustos.

Almeida (off) - Tu que é um idiota Laerte, é óbvio que não é coral de verdade.

Quadro 2

Um pedaço de pau prende a cabeça da cobra

Almeida (off) - Tu não tá vendo que ela tem dois anéli branco, no meio de três anéli preto no meio de dois anéli vermeio?!

Quadro 3

Almeida e Laerte conversam lado a lado, agachados.

Laerte - Eu não tô discordando da quantidade, nem da cor e nem da disposição dos anéli. Eu tô dizendo que a coral falsa também é desse jeito.

Laerte - Não dá pra saber assim, só olhano.

Laerte - Tem que abrir pra saber.

Quadro 4

Mesmo plano, Carmen está ao fundo.

Almeida - Tu é tanso ou...

Carmen - Com licença, Laerte...

Quadro 5

Laerte levanta rápido, Almeida vira a cabeça para trás.

Laerte - Opa, Dona Carmen, tudo bem? Como vai a senhora?

Carmen - Tudo certo Laerte. Boa tarde Almeida também.

Quadro 6

Almeida se vira para ela, segurando uma cobra.

Almeida - Dona Carmen, tarde.

Almeida - A senhora acha que isso aqui é de verdade ou de mentira?

Quadro 7

Carmen olha para Laerte

Carmen - vamos conversar lá dentro?

Quadro 8

Carmen vai na frente e Laerte passa olhando para Almeida.

Almeida - O quê?

Laerte - Idiota...

Página 33

Quadro 1

Dentro do poço, Carmen senta em uma cadeira, enquanto Laerte tira outra cadeira de uma pilha de cadeiras de plástico.

Laerte - Você qué bebê alguma coisa Dona Carmen? Tem uma cervejinha aqui...

Carmen - Não, não, obrigada. Eu não vou me delongar.

Carmen - Eu só vim checar o estado das coisas.

Quadro 2

Laerte senta em frente a Carmen.

Laerte - Ah, as coisas tão boas.

Laerte - Tudo nos conformes. Tem galo entrando, e tem um pouco menos de galo saindo, hi hi.

Quadro 3

Carmen - Ah é? Engraçado, porque eu tava contando o dinheiro, sabe, o meu dinheiro, e aparentemente tem um pouco menos saindo do que entrando também.

Laerte - Isso? Bão, isso daí foi um problema que a gente teve, esses caras, eles... eles trouxeram uma galinha pra rinha.

Quadro 4

Carmen - Uma galinha?

Laerte - É, e isso causou uma flutuação nas apostas, sabe, até eu... Eu investi um pouco do caixa aqui, fazer um tutu fácil pra casa eu pensei...

Carmen - E?

Quadro 5

Laerte - E não é que deu que a galinha ganhou.

Carmen - Quê?

Quadro 6

Laerte - É, sabe, foi tão rápido, e eu não tava de butuca... Eu...

Carmen - Quem eram os caras?

Laerte - Bem, tinha esse polaco baixinho, sabe, falava pouco mas parecia ser crânio, acho que foi ele que armou isso daí...

Laerte - Já o outro... sabe...

Quadro 7

Close em Carmen, surpresa e braba.

Laerte - O outro era o Juba.

Quadro 8

Carmen - Tu sabe onde ele tá agora?

Laerte - Não... mas tu conhece o Juba, se ele não tá no posto...

Página 34

Quadro 1

Exterior, um motel.

Quadro 2

Dentro do quarto. Juba está acordando.

Carmen - Júlio...

Juba - Quê... Que foi...

Carmen - Júlio, tu é um filho da puta.

Quadro 3

Juba abre os olhos,

Juba - O quê? Carmen? O que tu tá fazendo aqui?

Juba - E cadê a Janaína?

Quadro 4

Carmen - Eu mandei ela pra casa.

Carmen - Tu tá tentando fode comigo, Júlio?

Quadro 5

Juba - Não... Não!

Juba - Que nojo...

Quadro 6

Carmen - Então por que caralho tu foi dá golpe na minha rinha, seu idiota de merda?!

Juba - Eu não fui, eu não dei golpe nenhum.

Quadro 7

Carmen - Eu sei que tu foi, seu idiota. O Laerte me disse.

Quadro 8

Juba - Eu fui, eu fui! Eu só não dei golpe!

Juba - Eu falei errado. Eu quis dizer que eu fui, eu só não dei nenhum golpe.

Página 35

Quadro 1

Juba aponta para um cabide com roupas.

Juba - Eu ganhei de forma justa, de acordo com as regras.

Juba - Pode me alcança as minhas roupas ali na coisa?

Quadro 2

Carmen faz cara feia.

Juba - Eu tô pelado aqui embaixo.

Quadro 3

Ela joga as roupas nele.

Carmen - Se tu precisa de dinheiro, tu pode pedir pra mim. Tu não precisa me roubar.

Juba - Ai.. ai...

Quadro 4

Juba, sentado, se tapando com as cobertas

Juba - Não é roubar.

Carmen - Tu ganhou com uma galinha, Júlio, vamo se respeitar.

Quadro 5

Juba coloca a regata.

Juba - Não é roubar, tu é dona de uma casa de jogo. Eu ganhei o jogo, eu ganhei nas apostas, tu tem que me pagá. É assim que funciona.

Quadro 6

Juba coloca o chapéu.

Juba - Em lugar nenhum tá escrito que não pode galinha. Se não pudesse, o juiz tinha que ter feito alguma coisa na hora.

Juba - Se o juiz não só permitiu, como apostou mais dinheiro na partida...

Quadro 7

Juba ainda na cama, com o lençol tapando as vergonhas.

Juba - Aí é problema da casa.

Quadro 8

Carmen se vira, de braços cruzados e com cara feia.

Juba - Pode se virar? Pra eu...

Página 36

Quadro 1

Carmen de costas para Juba, que coloca a calça.

Juba - Semana que vem eu vou levar a galinha de novo, e ganhar de novo ou talvez perder.

Juba - Mas com certeza vai dar pra fazer algum dinheiro.

Quadro 2

Carmen olha a penteadeira, que tem alguns objetos na mesa e um grande espelho redondo.

Juba - Se a casa for esperta, pode fazer um pouco também...

Quadro 3

Carmen vê um pequeno espelho, quadrado na mesa da penteadeira, com cocaína.

Juba - Já pode desvirar.

Carmen - Que porra é essa?

Juba - Carmen isso... Não é o que tu tá achando.

Quadro 4

Carmen se vira para Juba, segurando um espelhinho.

Carmen - Ah não? Tu precisava de um espelho menor pra se enxergar?

Carmen - Isso aqui é caspa? De tanto se pentear?

Quadro 5

Juba meio desconcertado, na defensiva.

Carmen - Tu deu essa merda pra Janaína?

Juba - Não, ela não usou nada. De verdade...

Carmen - Tu é um filho da puta, Júlio.

Quadro 6

Juba sussurra.

Juba - É a sua mãe também...

Quadro 7

Carmen explode gritando

Carmen - Cala a boca! Só cala a boca! Cala a boca! Seu merda!

Carmen - Acabou! Nem pensa em voltar naquela rinha! Ninguém mais vai te atender nessa cidade. Nem aqui, nem na rinha, no bicho, nada!

Quadro 8

Silêncio.

Página 37

Quadro 1

Carmen senta na cama.

Carmen - Meu deus como tu é burro... Como pode... como pode alguém se tão burro?

Carmen - Tu sabe o que o Elias ia fazer se ele descobrisse? Tu tem noção da... do inferno que ele não ia fazer?!

Quadro 2

Juba - Olha, você faz sociedade com um nazista, é isso que acontece...

Carmen - Meu deus... Só cala a boca, por favor.

Quadro 3

Carmen - O que tu queria Júlio? Hein? O que tu queria? Tu foi embora. Tu pegou o teu caminhão e tu foi embora, me deixou sozinha com o pai... Agora tu volta pra me roubar?Pra fuder com a rinha, pra falar como eu devia ou não te feito as coisas?

Quadro 4

Carmen - Vai tomar no teu cu, Júlio... Pelo amor de deus... Não era tu que era melhor do que isso tudo?

Juba - Carmen...

Carmen - Se eu pudesse, se tivesse jeito, eu nunca tinha feito acordo nenhum. Eu não tinha juntado o negócio com os alemães. Mas eu tava sozinha... E eu resolvi o problema. Eu não atirei pra todo lado que nem o pai, eu resolvi. Sozinha!

Quadro 5

Juba senta ao lado de Carmen e coloca o braço ao redor do ombro dela.

Juba - Carmen... eu...

Quadro 6

Ela tira o braço dele do ombro.

Quadro 7

Carmen levanta e vai saindo pela porta.

Carmen - Não vai embora sem visitar, tá bom? Os teus sobrinhos sentem a tua falta.

Quadro 8

Ela sai, Juba fica sozinho.

Página 38

Quadro 1

Casa de Carmen na cidade, noite ainda. Ela para o carro na frente.

Quadro 2

Dentro do carro, Carmen toma um momento para respirar.

Quadro 3

Ela pressiona os dedos contra a testa numa tentativa de aliviar a dor de cabeça. Os olhos estão cerrados.

Quadro 4

Ela anda até a varanda, tem um homem sentado na cadeira de balanço.

Quadro 5

O homem está dormindo na cadeira, a boca aberta e as mãos juntas como um defunto.

Carmen - Com licença.

Quadro 6

Ele acorda, bocejando.

Homem - Dona Carmen, me desculpe...

Homem - Eu não tenho dormido muito bem...

Quadro 7

Carmen abre a porta.

Carmen - Tudo bem, Elias.

Quadro 8

Elias sorri.

Carmen - Ao que eu devo a visita?

Página 39

Quadro 1

Carmen liga a luz no interruptor.

Carmen - Sinta-se à vontade.

Quadro 2

A luz da sala acende.

Elias - Quanto tempo que eu não venho aqui, não mudo nada.

Elias - Tu lembra Carmen? Tu e o teu pai, eu e a minha mãe, os adultos conversando de negócios.

Elias - O Juba tinha saído com uns amigos eu acho...

Quadro 3

Carmen e Elias sentados.

Carmen - Então, o que tu quer?

Elias - Bem, sabe, é que eu desci aqui na cidade hoje e...

Quadro 4

Elias senta em uma cadeira claramente muito pequena para suas pernas altas.

Elias - E não sei se tu ouviu, mas o assunto aqui embaixo é que a rinha tá furada. Que a nossa rainha tá furada...

Carmen - Ah é?

Quadro 5

Elias - É...

Elias - Que hoje em dia até galinha ganha.

Elias - Isso me deixou... Encucado...

Quadro 6

Elias - Eu nunca tive razão de duvidar da habilidade de vocês italianos pra cuidar da rinha...

Carmen - E tu não precisa ter.

Carmen - O dinheiro chego ou não chego?

Quadro 7

Elias - Dinheiro, dinheiro, dinheiro...

Elias - Dinheiro é bom, mas sabe o que é ainda melhor? Fazer dinheiro!

Elias - Quando é que vai chega o dia deu receber uma porra dum envelope vazio da mão do teu filho, me dizendo:

Quadro 8

Elias - "A vida é assim, Elias. As pessoas já tão cansadas de rinha"?

Página 40

Quadro 1

Carmen - Não vai acontecer de novo, eu já cuidei pra que não aconteça.

Carmen - A partir de agora, vai ser tudo nos conformes.

Quadro 2

Elias - Você lidou com eles?

Elias - Porque eu ouvi que eram dois. Um deles era um galista polonês, um verdadeiro profissional. Sempre tirando a sorte grande.

Elias - E eu ouvi que o outro era o Juba.

Quadro 3

Carmen - Eu conversei com o meu irmão, tá tudo certo.

Elias - Bem, tu me desculpa mas eu tenho meus motivos pra duvidar...

Quadro 4

A voz de alguém fora da sala interrompe o raciocínio de Elias

Elias - Tu sempre protegeu o Juba, "O Júlio é sensível", "O Júlio isso, o Júlio aquilo", eu não acho que...

Filho (off) - Mãe...

Quadro 5

O filho mais novo de Carmen observa pela porta.

Filho - Mãe, eu tô com fome.

Quadro 6

Carmen e Elias.

Carmen - Já vou fazer a janta querido, só um segundo.

Quadro 7

Close em Elias, bocejando.

Filho - Mas eu tô com fome agora...

Carmen - Só um minuto...

Quadro 8

Elias se vira subitamente na direção da criança.

Filho - Que saco...

Elias - Ei!

Página 41

Quadro 1

Elias segura o garoto pelo braço, apontando o dedo na cara dele.

Elias - Isso não é jeito de falá cá tua mãe.

Carmen (off) - Elias...

Quadro 2

Close em Elias

Elias - Na minha época... Se eu falasse cá Motta desse jeito, tua sabe o que ela tinha feito? Se eu faltasse co respeito?

Elias - Sabe?

Elias - Ela me levava no garpão...

Quadro 3

Elias segurando o braço

Elias - e quebrava meus braço!

Quadro 4

O garoto chorando.

Carmen - Elias já chega!

Carmen - Vai pro quarto, Tônio.

Quadro 5

Elias vira para Carmen.

Elias - Eles têm qui aprendê... aprender...

Quadro 6

Carmen - Meu irmão não vai mais causar problemas, e nem o polonês. Nós tivemos um pouco de azar com a questão, agora acabou.

Carmen - Tu não tá pensando em acabar com mais de vinte anos de parceria por causa disso, né Elias?

Quadro 7

Elias levanta, ajeitando a gola da camisa.

Elias - Eu não sonharia com isso... ‘‘Um pouco de azar’’.... deve ser só isso mesmo...

Elias - Só um pouco de azar.

Quadro 8

Close em Elias.

Elias - Não tem por que fazer todo um rebuliço.

Página 42

Quadro 1

As galinhas fazem um barulhão no galinheiro.

Quadro 2

Lúcia acorda com o barulho

Quadro 3

Lúcia olha para Cid, dormindo ao seu lado

Quadro 4

Mesmo plano, mas Lúcia não está mais na cama.

Quadro 5

Ela gira a chave da caminhonete.

Quadro 6

Ela dirige estrada afora, dois cachorros correm atrás do carro.

Quadro 7

Ela olha para fora da janela.

Quadro 8

Ela vê um armazém fechado, abandonado, com uma placa de vende-se.

Página 43

Quadro 1

Duas estufas de fumo soltam fumaça próximas a um campo de plantação vazio.

Quadro 2

Uma fonalha de estufa aberta, com troncos lá dentro sendo incinerados

Quadro 3

Um homem e uma menina, ambos suando, estão lado a lado, a menina joga um tronco lá dentro, com medo.

Homem - Não precisa tê medo, pode colocá a mão dentro do buraco, só não encosta no ferro aqui de roda...

Quadro 3

Uma voz vem de trás deles, eles se viram para ver quem é.

Voz - Com licença... Ademar?

Quadro 4

Ademar, o homem, fica defronte a Lúcia

Ademar - Epa, Dona Lúcia.. Dia.

Lúcia - Bom dia Ademar.

Quadro 5

Lúcia vê a menina atrás do pai, segurando uma tora.

Lúcia - Essa é a Maria? Já tá uma moça...

Maria - Bom dia, senhorita.

Lúcia - Senhorita, que educada...

Quadro 6

Ademar se vira para a filha.

Ademar - É, tá aprendendo os trabalho agora, começá a se virá.

Ademar - Pode deixá filha, depois a gente coloca mais lenha viu.

Quadro 7

Ademar senta e puxa um palheiro.

Lúcia - Como é bom aqui dentro... quentinho...

Ademar - É só por que a senhora veio lá de fora. Fica aqui umas hora, parece que tá no inferno.

Lúcia - Então eu vou se bem rápida, não quero te atrapalha também.

Quadro 8

Ademar para de acender o palheiro e olha para Lúcia, contente.

Lúcia - é só que, Ademar... Eu queria vê contigo, era sobre o terreno meu lá...

Lúcia - A oferta ainda tá de pé?

Página 44

Quadro 1

Ademar contente

Ademar - Sim! Sim! Com certeza, então isso é um sim?

Lúcia - Sim, eu quero vendê.

Quadro 2

Ademar - Ha! Hoje o dia já começou bão viu, eu não achei que o Cid, e tu me perdoa o jeito viu, mas sendo cabeça dura como ele é, achei que não ia arredá.

Quadro 3

Lúcia - O Alcides não aceitou não, só eu. Eu quero vendê metade.

Ademar - Mas Lúcia isso... isso não cobre nem a dívida que tu me deve.

Quadro 4

Lúcia - Só metade da dívida é minha.

Maria- Pai...

Quadro 5

Close no termômetro da estufa.

Maria - Pai, o termômetro ó, tá baixano.

Ademar - Certo, coloca mais umas tora então.

Quadro 6

Ademar - Mas cuidado, viu?

Lúcia - Então, tem negócio?

Quadro 7

Ademar pensa...

Ademar - Hmmm...

Ademar - Tá no teu nome?

Lúcia - Sim, mas eu vou vendê só a metade ali sem o galinheiro e sem a casa, isso fica pro Alcides.

Quadro 8

Ademar - Êta...

Ademar - Eu não sei não viu Lúcia, metade não resolve tanto assim pra mim não.

Página 45

Quadro 1

Ademar - Tu não convencê o Cid tu acha?

Lúcia - É metade ou nada, Ademar.

Quadro 2

Ademar - Eu não sei, eu...

Lúcia - Óia Ademar, tu sabe que o terreno lá em casa é bom, metade é muito melhor que nada. É inteiramente melhor que nada, pra bem dizê. E nós dois sabemo bem que tu já tá pagando perto de nada pelo que vale.

Quadro 3

Maria se queima, encostando o antebraço no ferro. Ademar olha para ver o grito.

Ademar - Bem, quando tu coloca as coisa assim...

Maria (off) AAAAAAAAAAH!!!!

Quadro 4

Maria chora, segurando o braço. Ademar se aproxima.

Ademar - Deixa eu ver... Deixa eu ver...

Quadro 5

Ademar pega o braço de Maria.

Ademar - Viu, eu disse pra não encostá no ferro! Não disse!?

Quadro 6

Lúcia chega, sorrindo.

Lúcia - Não deu nada, nem vai deixar marca.

Lúcia - Deixa ali na torneira pra pará de doer.

Quadro 7

Maria sai, cabisbaixa.

Lúcia - E passa no vinagre quando chegá em casa.

Ademar - Pelo menos assim aprendê a cuidá.

Quadro 8

Lúcia - Então, o que vai ser? sim ou não?

Página 46

Quadro 1

Ademar e Lúcia dão um aperto de mãos.

Ademar - Fechado então Lúcia, meus parabéns.

Quadro 2

Lúcia - Ótimo, e o dinheiro?

Ademar - Ah, bem... Eu te pago assim que nós assiná o papel. Hoje em dia, tu sabe, não dá mais só pra confiar na palavra do sujeito, tem que tá no papel.

Lúcia - Tu não consegue me dar nada agora?

Quadro 3

Ademar ri.

Ademar - Então, eu só consigo te dá uma parte hoje. Que é, por mode do destino, o exato mesmo tanto que tu já me devia.

Ademar - Então nós ficamos acertado, e tu considera isso já a primeira parcela.

Quadro 4

Lúcia - Ótimo... Merda. Deixa eu ver...

Ademar - Eu... tu me desculpa, Lúcia, eu de verdade não tenho nada pra te dá agora.

Quadro 5

Lúcia - Tudo bem...

Quadro 6

Silêncio.

Quadro 7

Lúcia - Ei... Ademar... O teu irmão...

Ademar - Que que tem?

Quadro 8

Lúcia - Ele ainda tá com aquela lanchonete dele lá embaixo?

Página 47

Quadro 1

Noite, a porta da casa de Lúcia e Cid por dentro. Cid assiste televisão.

Quadro 2

Lúcia entra pela porta, com um uniforme de garçoneite.

Quadro 3

Cid se vira para ela.

Cid - Lúcia! Por onde tu andava?

Cid - Eu só faltei ligá pra polícia!

Quadro 4

Lúcia - Eu tava no trabalho.

Quadro 5

Cid - O quê? Onde?

Lúcia - Na lanchonete do Edemar, o irmão do Ademar.

Quadro 6

Cid - Quê? Por quê? Por que tu não falou nada?

Quadro 7

Lúcia entra no quarto.

Lúcia - Eu tô muito cansada Cid, amanhã a gente conversa.

Quadro 8

Cid sozinho.

Página 48

Quadro 1

A picape dirige para longe da casa fazendo barulho de motor.

Quadro 2

O barulho do motor acorda Cid.

Quadro 3

Cid olha para o lugar de Lúcia na cama, está vazio.

Quadro 4

Close em Cid.

Quadro 5

Cid senta na cama, olhando para trás com o som de motor de carro novamente.

Quadro 6

Uma batida na porta.

Quadro 7

Cid vai abrir a porta.

Cid - Lúcia...

Quadro 8

Cid triste e surpreso.

Página 49

Quadro 1

Ademar e Filha estão na porta.

Ademar - Cid! Dia. A Lúcia tá por casa? Eu trouxe os papel.

Quadro 2

Cid - Não, ela... Que papel?

Quadro 3

Ademar olha para trás.

Ademar - Bem, sem problema. A gente veio só dar uma olhadinha no terreno viu...

Ademar - Pode vim rapaziada!

Quadro 4

Dois pedreiros vão caminhando até a parte de trás do terreno.

Quadro 5

Cid - Espera? Onde eles tão indo?

Ademar - E aí, Cid? Como tá a prantação esse ano? Fez fumo de novo?

Quadro 6

Maria puxa o braço de Ademar.

Cid - Não, esse ano eu não...

Maria - Pai, Pai. Vai começar a Lassie.

Ademar - Vai lá filha, tem uma TV ali ó. Deixa os adulto conversa.

Quadro 7

Maria passa correndo por Cid, entrando na casa.

Ademar - Maldita TV, ainda vai derretê o cérebro deles, viu.

Quadro 8

Ademar para Cid

Ademar - Mas e tu cid? Como tu tá aguentando a separação?

Pagina 50

Quadro 1

Cid - Que separação?

Ademar - Sabe, tem muito casal por aí que vive a vida toda infeliz, miseravi. Eu até nem sou contra o divórcio viu, só não pra mim e pra mulher, né.

Quadro 2

Cid - Eu e a Lúcia não tamo se separando.

Ademar - A não? Perdão Cid, é que com a história da venda do terreno, eu já fui e imaginei o pior.

Quadro 3

Cid - Que terreno?

Ademar - Esse aqui que a Lúcia me vendeu, mais pra lá na verdade...

Quadro 4

Cid - Não... Ela vendeu a minha casa? Ademar, tu... tu não pode... tu não pode comprar dela. Ela... a gente tá brigado, mas vamo se acertar, isso é... isso é só o momento.

Cid - Por favor Ademar, não faz isso comigo...

Quadro 5

Ademar - Tu sabe que eu quero te ajudar Cid, pela nossa história.

Ademar - Mas eu já dei a minha palavra, até já paguei a primeira parcela viu.

Ademar - Não tá em cartório, mas eu dei a palavra.

Ademar - Pra mim vale tanto quanto.

Quadro 6

Cid entra na casa, virando as costas.

Ademar - E sendo bem honesto Cid, era do meu interesse te convencê a vendê essa outra metade aqui, disminiu a papelada, se é que tu me entende.

Quadro 7

Cid pega o dinheiro na mesa.

Cid - Aqui! Eu te pago o que tu pagou pra ela, ficamo acertado, pode ser?

Ademar - Deixa eu ver isso aí...

Quadro 8

Ademar pega o dinheiro.

Ademar - Mas Cid... Isso aqui é praticamente o que tu me deve, homi!

Página 51

Quadro 1

Cid com a cabeça apoiada na mão, no fundo, pela janela, os pedreiros.

Ademar - Ei Cid, vamo lá, se anima...

Quadro 2

Ademar - As tuas dívida tão tudo paga, tu não tá se separando...

Ademar - As coisas não vão tão mal assim.

Quadro 3

Cid - Ademar, por favor. Não faz isso comigo.

Cid - Não tira a minha terra de mim, a Lúcia tá assim mas isso vai passá. Isso aqui é tudo que eu tenho, Ademar. Por favor...

Cid - Eu te pago, eu consigo mais dinheiro, eu pago o que tu pagou pra ela.

Quadro 4

Ademar - Eu sinto muito Cid, eu quero te ajudar, de verdade. Mas eu dei minha palavra.

Quadro 5

O pedreiro chega na janela da cozinha.

Pedreiro - Com licença doutor, desculpa interromper.

Pedreiro - Nois terminamo aqui e olha, doutor Ademar, sendo bem sincero pro senhor...

Quadro 6

Pedreiro - ...esse terreno não vale a casa que tá em cima e a casa não vale nada.

Pedreiro - É pequeno, é cheio de pedra, a terra tem lugar que é pura areia. Não vai crescer nada aqui não, e se for botar estufa, eu não duvido dela desabá.

Quadro 7

Ademar - Entendi...

Quadro 8

Ele coloca mão no joelho de Cid, que está cabisbaixo.

Ademar - Muito bem Cid, tu me convenceu a fazer a coisa certa aqui....

Página 52

Quadro 1

Noite. Duas mãos abrem uma cápsula de remédio ao meio, que derrama seu conteúdo em uma tigela.

Quadro 2

Uma colher mistura à tigela.

Quadro 3

Nós vemos Elias carregando a tigela pela cozinha de sua casa.

Elias - Muita fome, Motta?

Quadro 4

Close na velha Motta Schveppa, uma senhora idosa, de rosto fechado e expressão de paisagem, sentada em uma poltrona.

Quadro 5

Elias segura uma colher na direção dela.

Elias - Anda, abre a boquinha. Tu não quer que eu fique fazendo aviãozinho, né?

Quadro 6

Close na Motta Schveppa, sem alterar a expressão.

Quadro 7

Elias prova um pouco da papa de aveia.

Elias - Hmmmm... Tá uma delícia, tem certeza que tu não quer um pouco? Só um pouquinho?

Quadro 8

Close na Motta, sem expressão.

Página 53

Quadro 1

Elias - Tá bom, tá bom, "ninguém engana a Motta", eu sei... Eu coloquei o remédio, mas tu precisa tomar.

Elias - Daqui a pouco as pernas tão atacando de novo. É o que o doutor disse, é o nervo, tem que tratar. Não dá pra ficar assim.

Quadro 2

Close na Motta, sem reação.

Quadro 3

Elias se estressa.

Elias - E daí que vai ficá com sono!?! O que que tu vai fazê, vai saí correno por aí?

Elias - Pelamor de Deus!

Quadro 4

Close na Motta, sem reação.

Quadro 5

Elias abaixa a cabeça e se arrepende.

Elias - Desculpa... eu vou deixar aqui do lado.

Elias - Come só se tu tiver fome então.

Quadro 6

Close na Motta, sem reação. Elias beija a testa dela.

Elias - Eu vou sair, tá bom?

Quadro 7

Elias - Eu volto tarde, não me espera...

Elias - Se tu quiser outra coisa, pede pra Silvia que ela faz pra ti

Elias - E não vai sozinha pra cama, chama ela. Não vamos fazer que nem da outra vez.

Quadro 8

Elias vai saindo.

Elias - Eu te amo, tá bom?

Elias - Toma o remédio...

Página 54

Quadro 1

Noite. Betina, dentro do galinheiro, grita assustada.

Quadro 2

Cid tenta pegar Betina e colocá-la na caixa

Quadro 3

Betina resiste, se debatendo.

Quadro 4

Cid sai do galinheiro com a caixa embaixo do braço.

Quadro 5

Lúcia observa Cid pela janela da cozinha.

Quadro 6

Cid nota a presença de Lúcia.

Quadro 7

Cid abaixa a cabeça, virando o rosto envergonhado.

Quadro 8

A janela da cozinha está vazia agora.

Página 55

Quadro 1

Cid está do lado de fora da picape, em frente ao poço. Juba está dentro.

Juba - Cid...

Quadro 2

Plano médio Cid, fora do carro.

Juba - Vai dar boa, não se preocupa, o Laerte me deve umas.

Juba - Ele não vai te recusá.

Cid - Certo...

Quadro 3

Juba, sentado no carro.

Juba - E, não esquece.

Juba - Seja firme!

Quadro 4

Juba bebe do cantil.

Juba - Coitado...

Quadro 5

Cid fica em pé na frente da porta do poço.

Quadro 6

Cid fica em pé na porta do poço, mesmo plano de antes.

Quadro 7

Cid bate na porta.

Quadro 8

Almeida começa a abrir a porta.

Almeida - Polaco...

Página 56

Quadro 1

Almeida - Não te avisaram, foi?

Almeida - Tu tá barrado, não posso te deixá entrá mais não.

Quarto 2

Cid - Eu... Ahn... eu queria....

Cid - O Laerte tá por aí? Será que eu posso... Ahn... Podia falá com ele?

Quadro 3

Almeida fecha a cara.

Quadro 4

Almeida - Laerte não tá, eu que tô mandando aqui hoje.

Almeida - Tu fala comigo.

Quadro 5

Cid - É que eu queria...

Almeida - E tu não pode entrá, não depois do que tu aprontô.

Quadro 6

Cid - Eu não aprontei...

Almeida - Óia Polaco, não me disminoi. Não disminoi essa instituição.

Almeida - Tu fudeu com nois Polaco, tu fudeu com nois e gozô.

Quadro 7

Almeida - Dona Carmen quase separou Laerte da cabeça de Laerte, e ele viu razão de fazê o mesmo comigo.

Almeida - Eu nem sei o que tu quer trazendo essa galinha aqui de volta, essa jogada aí já tá batida, todo mundo já viu.

Quadro 8

Cid - Eu...

Almeida - Óia homi, aceita um conselho, dá meia volta e vai pra casa.

Página 57

Quadro 1

Cid pensativo.

Quadro 2

Cid olha para a caixa de Betina.

Quadro 3

Close na galinha.

Quadro 4

Cid olha de volta para Almeida.

Cid - E se eu aprontá outro golpe?

Quadro 5

Almeida - Óia polaco, tu ta testando a minha paciência....

Cid - E se eu aprontar outro golpe, e dessa vez tu aposta comigo?

Quadro 6

Almeida - Que golpe? Todo mundo conhece a galinha, todo mundo sabe que tu vai ganhar.

Quadro 7

Cid - E tu faz de volta todo aquele dinheiro que o Laerte perdeu, quem sabe até mais. Faz bonito com a chefia.

Quadro 8

Close em Almeida, pensando.

Página 58

Quadro 1

Cid volta para a picape. Juba está fumando do lado de fora.

Juba Deu certo Cid?

Quadro 2

Cid coloca Betina no banco de passageiro.

Quadro 3

Cid abre o porta luvas.

Quadro 4

Cid procura algo ali.

Quadro 5

Cid tira lá de dentro um canivete.

Quadro 6

Cid abre o canivete.

Quadro 7

Close na caixa, Betina olhando assustada.

Cid - Tá tudo nos conformes.

Quadro 8

Cid olhando para a caixa, Juba atrás, olhando surpreso. Cid segura na mão a faca.

Cid - Mas nós vamo entregá a briga.

Página 59

Quadro 1

Uma gota de sangue saindo da caixa.

Voz (fora de quadro) - Ó amigo, a Betina é a próxima.

Quadro 2

A gota cai no chão, em uma pequena poça.

Cid (fora de quadro) - Certo... Obrigado.

Quadro 3

Cid segura a caixa, a perna tremendo um pouco. Ele senta no banco do bar, dentro do poço.

A galinha faz um som baixo. "Cãã Cãã"

Quadro 4

Uma voz vem do lado direito de Cid, ele se vira para olhar.

Voz (Elias, mas só descobrimos no quadro 6) - A primeira vez é assim mesmo, nem o homem nem o galo se aguentam.

Quadro 5

Close em Cid

Cid - Não... não é a minha primeira não.

Voz - Ah é? Ganhou ou perdeu?

Cid - É eu... Eu vim no começo da semana. Ganhei.

Quadro 6

Corta para o homem que fala com Cid, apoiado no balcão do bar, é Elias.

Elias - Parabéns...

Elias - Mas a segunda é a que importa mesmo. É a que decide se tu para de vez ou se vai até o fim.

Quadro 7

Elias e Cid apertam a mão.

Elias - Cadê os meus modos, não é verdade?

Elias - O meu nome é Elias, colega. Elias Schveppa.

Cid - Alcides... Stadnick.

Quadro 8

Elias com uma face de reconhecimento.

Elias - Stadnick? Isso é o quê? Russo?

Cid - Polonês.

Página 60

Quadro 1

Establishing shot, Bar do Alemão, à beira da rodovia.

Tem uma estátua de Hans sorridente em frente ao estabelecimento.

De dentro, vem a voz de Juba.

Juba - Deu dois dias que a mãe morreu, eu arrumei as coisas e fui embora.

Quadro 2

Juba sentado em uma mesa de bar.

Juba - Não, eu não conseguia ficar mais em casa nenhum segundo.

Juba - A Carmen, minha irmã, tava grávida na época. Eu não acho que ela me perdoou, mas eu tinha 21, sabe...

Juba - Eu tinha que ir.

Quadro 3

Cid observa Juba

Juba - Não tinha como eu fica mais aqui, morando com o pai. Eu disse pra ela vir comigo, mas não teve jeito.

Quadro 4

Juba serve o copo de Cid, Cid olha assustado.

Juba - Tu vai me deixar bebendo sozinho Cid?

Quadro 5

Cid olha o copo cheio.

Quadro 6

Cid pega o copo cheio.

Juba - Meu pai era bicho ruim, batia em nós, batia na mãe. Quando ele descobriu que a Carmen tava grávida, meu deus...

Juba - Só faltô se revirá de dentro pra fora, como diz o outro.

Quadro 7

Cid leva o copo até a boca.

Juba - Ele não durou muito mais depois que eu saí, um colono que não gostava de como ele negociava meteu a faca no bucho.

Quadro 8

Cid vira o copo na boca.

Juba - Daí um dos homem do pai fez vingança depois, arrancou as fuçura do colono e deixô na frente da igreja que ele ia.

Juba - Era sábado à noite, o Padre encontrou no domingo de missa.

Página 61

Quadro 1

Cid pega a garrafa da mesa.

Juba - Eu vou parar de falar que daqui a pouco eu tô chorando.

Juba - E eu não choro desde "Agarre-me se Puderem".

Quadro 2

Cid serve seu próprio copo.

Juba - Gostô da marvada, foi, polaco?

Quadro 3

Cid, com as bochechas vermelhas.

Cid - É... é boa...

Quadro 4

Juba sorri.

Juba - É boa pra caralho.

Juba - Vivendo por aqui, não sei como tu aguenta sem beber. Quando eu tô lá embaixo, ou pro Norte, no Rio, São Paulo, eu não bebo, quase não fumo.

Juba - Não sei como tu guenta.

Quadro 5

Cid olha triste.

Cid - As vezes não é fácil.

Quadro 6

Juba - Nunca fosse pro Rio, Cid? Pular carnaval? Mijá na rua, vê gente pelada dançando?

Cid - Não eu... Nunca saí daqui, da região.

Quadro 7

Juba bate num envelope na mesa.

Juba - Bem, taqui a tua oportunidade Cid, com o que tu fez hoje, vai pra onde quiser.

Quadro 8

Só o envelope.

Juba - E se decidir ficar, pode sustentá o vício.

Página 62

Quadro 1

Elias dirige seu carro pela estrada, um Buick GS 455.

Quadro 2

Ele olha para o lado e vê o bar do alemão.

Quadro 3

Close in, ele vê a picape de Cid estacionada.

Quadro 4

Elias sorri.

Quadro 5

Ele entra com o carro no estacionamento.

Quadro 5

Ele estaciona o carro na frente da estátua do Hans.

Quadro 7

Ele olha para cima, sonolento.

Quadro 8

O rosto alegre e sorridente de Hans olha de volta.

Página 63

Quadro 1

Cid está em pé na frente da mesa, um pouco bêbado, Juba sentado.

Cid - Eu preciso... Mijar...

Juba - Mas já polaco? Tá com a bixiga fraca.

Juba - Vai lá, vai.

Quadro 2

Juba bebe sozinho, sorrindo. Nós vemos ele e o envelope na mesa.

Quadro 3

Juba olha o envelope, sorrindo.

Quadro 4

Close no rosto de Juba, sério.

Quadro 5

Juba tira o dinheiro do envelope, jogando na mesa.

Quadro 6

Juba olha ao redor.

Quadro 7

Ele vê uma pilha de bolachas porta copos no balcão.

Quadro 8

Close na bolacha, com um Hans sorridente estampado.

Página 64

Quadro 1

A picape de Cid chega no posto. Cid e Juba estão bêbados lá dentro.

Cid - Sabe Juba, tu tem razão!

Quadro 2

Eles caminham fora do carro.

Cid - Eu moro naquela casa faz 40 anos... a vida todinha! O meu pai morô lá... O meu pai morreu lá!

Cid - E quando morreu, o nome tava tão sujo, mas tão sujo, que a gente teve que í e botá o terreno no nome da Lúcia pra não perdê.

Cid - O meu vô morreu ali também... Ele não morava com a gente, ele morava subindo o rio. Mas quando ele ficou velho, ele foi morá lá.

Quadro 3

Cid - E qué sabe, tu tá certo Juba, e a Lúcia também, ela tá certa.

Cid - Eu vou vendê aquela merda e í embora.

Quadro 4

Juba - Ah é? Vai pular carnaval?

Cid - Ha! Quem sabe... Quem sabe...

Quadro 5

Cid bebe do cantil.

Quadro 6

Cid devolve o cantil pra Juba.

Cid - Tu ia tê gostado dele, Juba, o vô.

Cid - Vocês ficam me chamando de Polaco, ele que era polaco mesmo.

Quadro 7

Eles caminham até o caminhão.

Cid - Não falava uma palavra, assim... De português.

Cid - Falava quando era mais novo, mas foi esquecendo.

Quadro 8

Eles chegam até o caminhão de Juba.

Cid - Por que também, vivia numa comunidade polonesa. Comprava de polonês, vendia pra polonês, bebia com polonês, dormia cá polonesa.

Cid - Às vezes, ali no fim, ele achava que ainda tava na Polônia.

Página 65

Quadro 1

Juba segura seu cantil

Juba - E tu polaco... Cid. Tu fala polonês?

Cid - Não. Eu falava alguma coisa, mas já faz anos.

Quadro 2

Juba bebe do cantil.

Juba - Bem...

Quadro 3

Juba - Eu acho que isso é um adeus então, Cid.

Juba - Assim que o sol raiar, eu vou pra bem longe.

Quadro 4

Cid - Eu vou fazer as malas também Juba, talvez a gente se encontre em algum carnaval.

Quadro 5

Juba sorri, ele segura a porta do caminhão para fechá-la.

Juba - É Cid, quem sabe... Quem sabe eu te vejo dançando pelado na rua...

Juba - Adeus colega.

Quadro 6

Juba na cabine do caminhão buzina. Cid acena.

Cid - Adeus.

Quadro 7

Cid volta caminhando, para ir embora.

Quadro 8

Cid passa em frente a um Buick GS 455.

Página 66

Quadro 1

Elias, dentro do carro. Cid passa por ele indo para a esquerda.

Quadro 2

Ele olha para a direção que Cid foi.

Quadro 3

Ele olha na direção de Juba.

Quadro 4

E novamente para Cid.

Quadro 5

Juba de novo.

Quadro 6

Ele boceja, sonolento.

Quadro 7

Ele se olha no espelho.

Quadro 8

Ele sai do carro.

Página 67

Quadro 1

Cid está chegando com a caixa de betina no galinheiro.

Quadro 2

A caixa está no chão, a porta aberta, Cid dá leves tapinhas na parte de trás.

Cid - Anda, anda, vai...

Quadro 3

A caixa no chão, nenhum movimento.

Quadro 4

A caixa no chão, nenhum movimento.

Quadro 5

Close em Cid, triste e um pouco chocado.

Quadro 6

Ele coloca a mão dentro da caixa para tentar tirar a galinha.

Quadro 7

Ele para com a mão lá dentro.

Quadro 8

Ele tira a mão, ela está coberta de sangue.

Página 68

Quadro Único

Um plano isométrico da casa de Cid, todos os cômodos vistos como em The Sims, tudo vazio.

Cid - Lúcia?

Página 69

Quadro único

No mesmo plano da página anterior, tudo em silêncio. Cid cabisbaixo.

Página 70

Quadro 1

Juba está urinando num mictório coletivo (aqueles de metal de posto) no banheiro.

Quadro 2

Close em Juba, de olhos fechados.

Elias (off) - Boa noite, Juba.

Quadro 3

Juba se vira.

Juba - Schveppa! Que que tu tá fazendo aqui essas horas?

Quadro 4

Elias - Precisava usar o banheiro.

Juba - Bem, que sorte te encontrar. Eu vou pegar a estrada amanhã e o meu nariz tá ficando com fome...

Quadro 5

Juba - Não se preocupa, eu tenho aquele dinheiro que eu te devo aqui comigo.

Quadro 6

Close em Elias.

Elias - É, eu tô sabendo, Juba.

Elias - Que tu anda roubando da minha rinha pra me pagar.

Quadro 7

Juba - Schveppa, eu ia te dar a explicação que eu dei pra Carmen, mas nós dois sabemos que cê é burro demais pra entendê...

Quadro 8

Eles se encaram em silêncio.

Página 71

Quadro 1

Elias puxa uma faca.

Quadro 2

Eles se encaram.

Juba - Da última vez que tu puxou briga comigo não deu muito certo...

Quadro 3

Elias parte ao ataque.

Quadro 4

Juba segura o braço de Elias com força, fazendo-o derrubar a arma.

Quadro 5

Juba rasga o paletó de Elias.

Quadro 6

Juba esfrega a cara de Elias no mictório.

Quadro 7

Juba joga Elias contra a parede.

Quadro 8

Elias fica caído no chão.

Juba - Deu?

Página 72

Quadro 1

Elias, seu rosto ainda escorrendo urina, enquanto ele pega algo dentro do paletó.

Quadro 2

Elias aponta uma arma para Juba.

Quadro 3

Close em Juba, um pouco assustado.

Quadro 4

Mesmo plano. A cor muda do azul da noite para o sépia do dia. Juba é baleado. Sua boca abre um pouco.

Quadro 5

Juba tenta conter o sangue escorrendo de sua garganta.

Quadro 6

Mesmo plano, vazio, exceto pela ponta do chapéu de Juba, que cai para fora do plano.

Quadro 7

Juba caído no chão.

Quadro 8

Mesmo plano. A poça de sangue aumenta.

Página 73

Quadro 1

As mãos de Elias coletam água da torneira.

Quadro 2

Elias lava o rosto.

Quadro 3

A atendente do posto, lá das primeiras páginas, está em frente ao caminhão de Juba.

Quadro 4

A cor muda novamente para a cor sépia. A atendente olha para trás, percebendo que alguém se aproxima, quando é baleada.

Quadro 5

Elias olha ao redor na cabine do caminhão.

Quadro 6

Ele abre o porta luvas.

Quadro 7

Ele encontra o envelope com dinheiro.

Quadro 8

Ele encontra o caderninho de Juba.

Página 74

Quadro 1

Elias lê o caderninho, na parte escrito ``Nova Polônia, última casa no morro do...``

Quadro 2

Elias sorri.

Quadro 3

Ele arranca a página.

Quadro 4

Ele amassa a página.

Quadro 5

Ele coloca ela no bolso rasgado do paletó.

Quadro 6

Elias caminha para longe, a bola de papel cai de seu bolso no chão.

Quadro 7

Nos aproximamos da bolinha, enquanto Elias vai desaparecendo.

Quadro 8

Fecha na bolinha de papel no chão.

Página 75

Quadro 1

O carro de Elias está em frente a casa de Cid.

Quadro 2

Elias acende a luz do carro.

Quadro 3

Elias está sonolento.

Quadro 4

Elias olha sua arma.

Quadro 5

Elias olha para a casa.

Quadro 6

Close em Elias, sonolento

Quadro 7

Elias apaga a luz do carro

Quadro 8

O carro do lado de fora, Elias dorme.

Página 76

Quadro 1

Noite ainda. O filho mais novo de Carmen, seu rosto meio escondido por uma porta.

Filho - Mãe...

Quadro 2

Ele abre mais a porta

Filho - Tá acordada?

Carmen - Que foi?

Quadro 3

Carmen começa a levantar, coçando o olho.

Filho - Tem um delegado no telefone...

Quadro 4

Carmen olha assustada.

Filho - É sobre o tio Juba.

Quadro 5

O posto, à noite. Tem dois fuscas da polícia estacionados.

Quadro 6

Carmen passa pelo corpo da atendente, nós vemos só o tamanco dela numa poça de sangue.

Quadro 7

Um policial está na porta do banheiro.

Policial - Dona Carmen, eu acho melhor a senhora não...

Quadro 8

Close em Carmen, Eduardo atrás.

Carmen - Sai da minha frente.

Página 77

Quadro 1

Carmen vomita na pia.

Quadro 2

Carmen se olha no espelho.

Quadro 3

Ela se ajoelha diante de Juba.

Quadro 4

O cabelo está tampando o rosto de Juba.

Quadro 5

Ela tira o cabelo do rosto dele.

Quadro 6

Os olhos dele estão abertos e escancarados.

Quadro 7

Close em Carmen.

Quadro 8

Carmen desvia o olhar.

Página 78

Quadro 1

A bolinha de papel, ao lado do pé de Carmen.

Eduardo (off) - Ninguém viu nada, só ouviram os tiros.

Quadro 2

Eduardo fumando um cigarro com Carmen.

Carmen - Desde quando tu fuma?

Eduardo - Sério mãe?

Quadro 3

Eduardo entrega o caderninho para Carmen.

Eduardo - Isso aqui tava jogado no banco.

Carmen - Tu não devia fumar, tu é novo ainda.

Quadro 4

Carmen olha a página rasgada do caderno.

Quadro 5

Ela fecha o caderno.

Carmen - Alguma outra coisa?

Quadro 6

Eduardo - Nada, nenhum registro.

Eduardo - Nenhum dinheiro... nada.

Quadro 7

Carmen fica em silêncio, fumando.

Quadro 8

Carmen - Foi o Elias.

Carmen - Foi aquele alemão filho da puta.

Página 79

Quadro 1

Eduardo - É, ou foi algum homem dele.

Carmen - Não.

Quadro 2

Carmen - Foi ele mesmo.

Carmen - Pessoalmente.

Quadro 3

Carmen - E aquele Polaco?

Eduardo - Que que tem?

Carmen - Tá aonde?

Quadro 4

Eduardo - Ninguém sabe. Ninguém nunca viu, não deve ser daqui.

Quadro 5

Eduardo - A essa hora, já deve tá longe.

Carmen fuma.

Quadro 6

Carmen - Junta todo mundo então.

Eduardo - Quem é todo mundo?

Quadro 7

Carmen apaga o cigarro com o pé no chão.

Carmen - Todo mundo que sabe segurar um revólver e me deve alguma coisa.

Quadro 8

Carmen tira o pé, revelando o papel amassado ao lado do cigarro.

Carmen - Chega dessa merda.

Página 80

Quadro 1

Dia. O carro de Elias está estacionado.

Quadro 2

Elias olha seus dentes no retrovisor.

Quadro 3

Ele se encara no espelho

Elias - Sabe polaco, eu sou um empreendedor...

Quadro 4

Ele se olha de novo.

Elias - Sabe, Cid... Eu sou...

Quadro 5

Continua se olhando.

Elias - Eu me considero um empreendedor.

Quadro 6

Ele sai do carro.

Quadro 7

Em frente a porta, Elias cheira o próprio bafo.

Quadro 8

Ele bate na porta de Cid.

Página 81

Quadro 1

Cid abre a porta, sonolento.

Cid - Lúcia...

Quadro 2

Elias - Polaco, desculpa... eu te acordei?

Cid - Não eu...

Elias - Não se lembra de mim?

Quadro 3

Elias - É o Elias, da rinha.

Elias - Posso entrar?

Quadro 4

Elias vai entrando.

Elias - Com licença.

Quadro 5

Cid, na porta.

Cid - Elias, eu... Não é um bom... Uma boa hora.

Quadro 6

Elias puxa uma cadeira

Elias - Eu sei que você deve estar muito ocupado, com os galos e tudo, eu não vou te ocupar muito...

Quadro 7

Elias senta na cadeira.

Elias - Senta aqui comigo, eu trago boas notícias... Uma oportunidade.

Quadro 8

Eles estão sentados frente a frente.

Elias - Sabe, polaco... Cid... Eu me considero um empreendedor.

Página 82

Quadro 1

Elias - Pra mim... Pra chegar onde eu tô, tu precisa saber ver o mundo, tu precisa olhar as coisas, olhar as pessoas e saber:

Quadro 2

Elias gesticulando.

Elias - "Taí uma oportunidade".

Quadro 3

Close em Cid, um pouco assustado

Elias - Tu precisa ver as tendências e saber onde colocar o dinheiro.

Elias - Semente dá dinheiro, porque ninguém vai parar de comer.

Elias - Puteiro dá dinheiro, porque ninguém vai parar de fuder.

Quadro 4

Close em Elias.

Elias - Pó, erva? Isso faz um trocado agora, daqui 20 anos? Quem diz que o povo ainda vai cheirar? Não... Não, eu acho que não.

Quadro 5

Cid levanta subitamente.

Elias - O que foi? Eu te assustei?

Cid - Não não, eu... Eu vou passar café.

Quadro 6

Elias sorri.

Elias - Pode ser Nescafé, não precisa...

Cid - Eu não tenho Nescafé.

Elias - Bem, eu aceito uma xícara se não for muito incômodo, obrigado.

Quadro 7

Cid olha esta em frente a janela, colocando a jarra no fogo.

Elias - Então amigo, o empreendedor tem que ser um homem de visão.

Elias - Eu olho agora o mundo lá fora, eu olho as coisas e elas tão gritando pra mim, o dinheiro, sabe polaco...

Quadro 8

Cid vira o rosto.

Elias - O dinheiro, dinheiro mesmo, tá em galo.

Página 83

Quadro 1

Cid passa o café na pia, defronte a janela e as facas.

Elias - Eu tô falando sério, rinha é o esporte mais antigo do mundo.

Quadro 2

Cid observa as facas.

Elias - Na Babilônia já era notícia velha.

Quadro 3

Close em Cid, considerando.

Elias - Rinha é tão velho quanto plantar e mais velho que colher, por que era assim que eles passavam o tempo até o milho subir.

Quadro 4

Cid coloca a xícara em frente a Elias

Elias - Enquanto tiver quem plante, vai ter rinha. Eu quero ser o homem que tem todas as rinhas.

Elias - Obrigado.

Quadro 5

Close em Elias, de olhos fechados.

Elias - Quando eu fecho os meus olhos, e eu visualizo "onde eu quero estar em cinco anos", eu vejo os galistas todos falando "eu vou lá na rinha do seu Schveppa, que lá a coisa é boa".

Quadro 6

Mesmo close.

Elias - Eu vejo eles dizendo isso em português, em alemão, em italiano. Eu vejo eles dizendo isso com sotaque gaúcho, com sotaque paranaense, até paulista... Nordestino, quem sabe?

Quadro 7

Elias - E quanto a tu polaco...

Cid - Meu nome é Cid.

Cid - Não é polaco, é Cid.

Quadro 8

Elias sorri.

Elias - Cid...

Página 84

Quadro 1

Elias - Eu sei reconhecer talento quando eu vejo, é parte do trabalho.

Elias - Quando eu olho pra ti, eu vejo um homem que ganha rinha de galo com galinha. Que rende quando ganha e rende ainda mais quando perde.

Quadro 2

Elias - É por isso que eu tô aqui agora, Cid...

Elias - Eu quero que tu venha comigo, eu quero que tu cuide dos meus galos, eu quero tu cuidando do poço depois que eu comprar a outra metade.

Quadro 3

Elias - Eu quero fazer de ti um homem rico.

Quadro 4

Cid, um pouco chocado.

Quadro 5

Cid pensa.

Quadro 6

Cid pensando, ainda.

Quadro 7

Elias - Então, o que tu me de diz?

Cid - Bem, eu...

Quadro 8

Cid - Não.

Página 85

Quadro 1

Cid - Eu te agradeço a oferta seu Elias, mas eu não tenho interesse não.

Cid - Eu e a minha mulher, a gente tá saindo daqui, vamo vender essa casa e, com o dinheiro da rinha, vamo pra cidade.

Quadro 2

Elias fecha a cara.

Cid - O senhô é muito gentil em me dar essa oportunidade, mas eu vou ter que recusar.

Quadro 3

Elias coloca o dedo no envelope, em cima da mesa.

Elias - Esse é o dinheiro da rinha?

Cid - Sim...

Quadro 4

Elias olha o conteúdo do envelope e sorri.

Quadro 5

Elias despeja o envelope, vários porta-copos de papelão com o rosto sorridente do Hans caem pela mesa.

Quadro 6

Cid olha horrorizado para os porta-copos.

Cid - Eu... eu...

Quadro 7

Elias - Parece que o Juba não tem sido assim honesto...

Quadro 8

Elias - Mas não se preocupa Cid, eu sou...

Cid - Quem te falô do Juba?

Página 86

Página toda focada apenas no Cid, todos os quadros mostram ele.

Quadro 1

Elias - Não tem quem vende pó em posto de gasolina nesse Brasil e não conhece o Juba.

Elias - Eu sei que vocês eram parceiros, tu confiou nele, e ele te fudeu.

Quadro 2

Elias - Eu digo que quem se fudeu foi ele, quem ganha no fim não é quem tem dinheiro, é quem faz dinheiro.

Quadro 3

Elias - Essa história de vender a casa, ir pra cidade. Isso é balela, Cid.

Elias - Isso é coisa que tu diz em voz alta, só pra vê se tu se convence que é verdade, que é o melhor.

Quadro 4

Elias - E a tua mulher? Essa que vai contigo pra cidade, cadê ela num sábado de manhã? Por que ela não tá aqui, com o marido?

Elias - Eu não acho que ela vai pra lugar nenhum. Ou quem sabe já foi...

Quadro 5

Elias - Eu tô estendendo a minha mão aqui, Cid. Eu tô te oferecendo uma oportunidade de sair desse buraco.

Elias - de uma vez por todas, de verdade.

Quadro 6

Elias - O que tu me diz? Ein?

Quadro 7

Cid pensando.

Quadro 8

Cid pensando.

PARTE II - Junho, 1983

Página 87

Uma página toda em preto, as seguintes palavras em letras brancas -

``O ruim do Diabo é isso, ele sempre faz uma oferta melhor.``

Página 88 & 89

Uma grande paisagem que engloba uma igreja matriz em primeiro plano, e os pequenos prédios no fundo, nas margens de um rio.

Recordatório - Eles ergueram uma igreja à beira do rio, e depois veio o resto. Um sapateiro pros pé, um alfaiate pro corpo, um barbeiro pro cabeça e o padre cuidando da alma. Logo logo, já era uma cidade.

Recordatório - Meu vô, ele foi um dos primeiros que deixou a vida no campo, veio fazer a vida na cidade. Naquela época não tinha muita diferença entre os dois, eu imagino, sete ou oito casas e uma igreja à beira do rio. A mesma coisa que no interior, só mais concentrado.

Recordatório - Quando ele chegou, ele não sabia fazer sapato, nem costurar roupa, nem cortar cabelo e muito menos tinha vocação divina. Então ele começou fazendo isso e aquilo, pequenos serviços. Ele era bom na conversa, era o que pai contava. Se alguém precisava de um favor, ele fazia. Se tinha alguma disputa, ele resolvia. Se alguém comprava fiado, ele cobrava.

Página 90

Quadro 1

Um canto de uma rua na cidade

Recordatório - Eles chamavam ele de ``Barão Italiano``, ou só Barão, porque o sobrenome dele era Bara.

Quadro 2

A imagem contínua da anterior; mostrando o resto da rua. Começa a garoar.

Recordatório - A cidade cresceu e ele junto: bicho e apostas, puteiros... Ele não via aquilo como crime, todo mundo sabia, todo mundo ia.

Quadro 3

Crianças andam de bicicleta pela calçada, na chuva.

Recordatório - Era como o sapateiro e os outros: um serviço.

Quadro 4

Uma senhora fuma um cigarro, olhando a garoa pela janela.

Recordatório - O Barão foi vereador por três mandatos. Quando morreu, foi sepultado na câmara.

Quadro 5

Um homem corre, improvisando seu casaco como guarda-chuva.

Recordatório - Ele era um grande homem. A rua onde eu moro tem o nome dele.

Quadro 6

Um cachorro se esconde da chuva, deitado embaixo de uma árvore.

Recordatório - Eles chamavam meu pai de Barãozinho, até ele dizer que ia quebrar os dentes de quem ele pegasse falando isso.

Quadro 7

Uma janela de uma casinha.

Recordatório - Já eu não me importo muito quando os mais velhos me conhecem por "neta do Barão".

Quadro 8

Close na janela.

Recordatório - Não, eu acho bonito até, que um homem pode durar assim tanto tempo depois de morto.

Página 91

Quadro 1

Nós estamos dentro da janela agora, em um pequeno quarto.

Quadro 2

Abre ainda mais, nós vemos uma pequena kitchen, onde cozinha, sala e quarto se fundem.

Quadro 3

No sofá da sala, dormindo, está Lúcia. O lugar é uma bagunça, copos por tudo, cobertores e almofadas pelo chão, etc;

Quadro 4

Ela desperta, com o som de batidas na porta.

Quadro 5

Lúcia vai até a porta, que continua batendo.

Quadro 6

Lúcia abre a porta, Uma senhorinha baixinha espera do outro lado.

Senhorinha - Óh! querida, eu ti acordei?

Quadro 7

Lúcia bocejando.

Lúcia - Não, não Dona Ana, que isso...

Ana - Bom... bom...

Quadro 8

Ana - Eu não queria incomodá sabe... É só porque... sabe o alugueli?

Página 92

Quadro 1

Noite. Chove em frente a lanchonete ``Cometa``. De dentro, vem uma voz

Edemar (off) - Que altura que já não tá esse rio?

Quadro 2

Um cozinheiro opera uma fritadeira enquanto conversa com EDEMAR, o dono, que está inclinado em um balcão.

Cozinheiro - Não sei, deu na rádia que de manhã pragora subiu otro meio metro. Mas não falarô em total.

Edemar - Meu deus...

Quadro 3

Close em Edemar. Ele olha para o lado, atraído por alguém que o chama fora de quadro.

Edemar - Loucura... Mais de muitos ano que não dá uma coisa dessa. Bom essa barragi nova aí presta serviço...

Lúcia (off) - Com licença... seu Edemar?

Edemar - Oi ahm, Lúcia?

Quadro 4

Lúcia está parada na porta

Edemar (off) - Já tá indo? Boa noite, fica com Deus.

Lúcia - Sim, já. Eu posso só antes falá com o senhor?

Edemar (off) claro...

Quadro 5

A lanchonete, agora fechada, e as cadeiras sobre as mesas.

Lúcia - Então seu Edemar, eu... eu não gosto nem de pedi, mas é que eu...

Quadro 6

Continuação do cenário do quadro anterior; Lúcia frente a frente com Edemar.

Lúcia - Eu nem sei como pedi... É que o meu aluguel venceu... Tem como eu consegui um adiantamento pra esse mês

Quadro 7

Close em Ademar

Ademar - Eu... Lúcia...

Ademar - Desculpa, eu não adianto nada... eu não poderia...

Quadro 8

Close em Lúcia, triste.

Lúcia - Não, tá tudo bem, eu entendo.

Página 93

Página toda em Lúcia

Quadro 1

Plano médio em Lúcia

Edemar (off) - É que seu eu der pra um, tu sabe como é.

Lúcia - Sim, sim...

Quadro 2

Lúcia desconfortável.

Edemar (off) - Daí daqui a pouco é a Fátima pedindo e eu tenho que dá, o Jonas ali... Todo mundo.

Lúcia - Aham.

Quadro 3

Lúcia esboça um sorriso forçado

Edemar (off) - Tu sabe, eu não faço por mal...

Lúcia - Não...

Edemar (off) - Dá pra um, tem que dá pra todo mundo. Não dá pra dá pra nenhum daí.

Lúcia - sim...

Quadro 4

Edemar (off) - Então me desculpa assim Lúcia, eu queria te ajudar de verdade mas eu não tenho como. Tá bom?

Lúcia - Tá bom.

Quadro 5

Edemar - Então tá bom então. Boa noite viu, tu já tá indo né? Fica com Deus.

Lúcia - Tá bom. Boa noite, fica com Deus.

Quadro 6

Lúcia observa Edemar indo embora.

Quadro 7

Lúcia começa a chorar.

Quadro 8

Ela aperta os olhos com os dedos, fechando-os com força.

Página 94

Quadro 1

Dia, um ônibus em uma parada no meio do nada.

Quadro 2

O ônibus vai embora e só Lúcia desce, carregando consigo uma pequena mala de mão.

Quadro 3

Lúcia caminha pelas casas abandonadas de Nova Polônia, os dois cachorros do começam não se importam com a sua presença.

Quadro 4

Ela sobe o morro de sua casa.

Quadro 5

Lúcia bate na porta da frente da casa.

Lúcia - Cid! Cid!

Quadro 6

Nenhuma resposta.

Quadro 7

Ela caminha ao redor da casa

Lúcia - Cid!

Quadro 8

Ela começa a sentir o cheiro de alguma coisa ruim

Página 95

Quadro 1

Do galinheiro, nós vemos de onde o cheiro se origina (fumacinha de desenho cartoon)

Quadro 2

Lúcia tapa o nariz

Quadro 3

Ela se aproxima do galinheiro.

Quadro 4

Ela começa a girar a maçaneta de madeira do galinheiro.

Quadro 5

Close em Lúcia, uma expressão de choque.

Quadro 6

Lúcia vomita no chão.

Quadro 7 (widescreen, ocupando toda a fileira)

Nós vemos por todo o galinheiro os restos mortais de mais de uma dúzia de galinhas.

Página 96

Quadro 1

Lúcia agachada, cospe no chão.

Lúcia - Meu deus... Cid...

Quadro 2

Ela se levanta e vira para casa, gritando.

Lúcia - Cid! Cid!

Quadro 3

Ela vai correndo até a casa.

Quadro 4

Ela tenta a porta dos fundos.

Quadro 5

A porta abre.

Quadro 6

Lúcia entra pelo pequeno corredor.

Lúcia - Cid?

Quadro 7

A casa está vazia.

Quadro 8

Close em Lúcia.

Página 97

Quadro 1

Ela olha para o lado, ofegante, e vê uma pá.

Quadro 2

Lúcia está cavando um buraco.

Quadro 3

Ela joga terra para longe.

Quadro 4

Ela limpa o suor da testa.

Quadro 5

Transição entre dia (sépia) e noite (azul).

Quadro 6

Já é noite. Na vala, nós vemos alguns pedaços de galinhas saindo pela terra.

Quadro 7

Lúcia bate com a pá na terra finalizando o enterro.

Quadro 8

Ela senta cansada ao lado do buraco, a pá prostrada ao lado, presa pela ponta ao chão.

Página 98

Quadro 1

Dia. Um carro na chuva.

Quadro 2

Carmen vem correndo, com o casaco sobre a cabeça para não se molhar.

Quadro 3

Ela entra no banco do passageiro, seu filho Eduardo está dirigindo.

Eduardo - Tudo certo?

Carmen - Aham, pode ir...

Quadro 4

O carro vai cruzando pela cidade

Quadro 5

Pela janela, nós vemos o Rio e do outro lado a cidade continua.

Carmen - Du, tu não lembra do meu pai, ou lembra?

Quadro 6

Carmen olha pela janela.

Du - Eu não sei, eu acho que sim. Mas só pelas fotos mesmo. Porque quando eu penso no vô, ele parece sempre mais novo do que devia sê.

Quadro 7

Carmen - No enterro dele, a gente saiu dali da matriz e fomos com ele por essa rua aqui, virando no morro até chegar no cemitério.

Carmen - Tu tá com quanto? vinte seis? eu tinha a tua idade acho...

Carmen - Não, menos, eu tinha vinte-três... vinte-quatro.

Quadro 8

Du sorri e Carmen também, lembrando.

Carmen - Meu deus, eu nunca tinha visto tanta gente junta assim na vida. Parecia enterro de bispo.

Carmen - A italianada toda na rua.

Página 99

Quadro 1

Carmen - Meus tios e os primo que carregaram o caixão, não me deixaram ajudar. O caminho era muito longo.

Quadro 2

Carmen - Eu lembro que quando a gente chegou por aqui assim, eu olhei pra lá. Não tinha esses prédio na época, dava pra ver do outro lado do rio. Tinha quase tanta gente quanto aqui.

Carmen - Tava o Elias, ele tem a minha idade por aí, e a Motta Schveppa, os alemão tudo. Não tava chovendo como agora, eu lembro de olhar e ver que eles tavam tudo bebendo e rindo, contando piada.

Quadro 3

Carmen - Foi um alemão que matou o pai, tu sabe, uns dias depois um homem nosso devolveu o favor.

Carmen - A coisa tava prestes a ficar feia, meus tio eram pavio curto que nem o pai. Por eles, começava o tiroteio ali na hora.

Quadro 4

Carmen - Fui eu que arrumei tudo né, fiz as pazes, fiz todo mundo brincar junto. O pai e a Motta Schveppa já tinham feito paz mais de dez vezes, nunca durava.

Eduardo - Ah é? Isso eu não sabia.

Carmen - É, faziam paz ... dava duas semana, tavam se matando.

Quadro 5

Carmen - Não dá pra sê todo mundo amigo, e daí ir eles pro campo e nós pra cidade, isolado. Cria intriga, cria inimizade. Um pega ranço do outro.

Quadro 6

Carmen - Foi o que eu falei pra Motta, o único jeito de ter paz, paz de verdade é eles se metendo no negócio nosso e nois no deles. Porque daí, prum alemão matar um Italiano, ou vice-versa, não custa só depois lá com São Pedro...

Quadro 7

Carmen - Custa no bolso.

Quadro 8

O carro dirige pela chuva.

Página 100

Quadro 1

Jairo (gordo, em seus quarenta anos, com os restos de um fino cabelo - rapidamente desaparecendo - jogado para trás com brilhantina) está sentado em uma escrivaninha, os pés apoiados na mesa, falando ao telefone.

Jairo - Então vai fechá o que? Cobra e Galo? não quer fechá a centena?

Jairo - Que “hoje não” o que homi, é teu dia de sorte, eu tô sentindo.

Quadro 2

Jairo explode rindo.

Jairo - HA HA HA... é verdade porra, eu vô minti?

Quadro 3

Jairo se estica para pegar o caderno na mesa. Ao lado, vemos uma roda de bingo.

Jairo - vai sê quanto? Pódexa , eu tô anotando... Tá tudo anotado

Quadro 4

Jairo começa a anotar.

Jairo - Aham, cinco em cada. Não qué mesmo uma centena? Não pode sê pão-duro assim.

Jaira - Ha ha, tá certo.

Quadro 5

Jairo - Cobra e Galo pro viadão. HA HA.

Jairo - Anotado... O que?

Quadro 6

Jairo - Ah é? Não! Que isso, aqui é de confiança! isso ai é com os italiano. Eles dão jeito de furá até rinha.

Jairo - Perdeu muito foi? É esse pessoal lá de baixo, vô te contá...

Jairo - Mas aqui tem Schveppa!

Quadro 7

BAM BAM BAM

O barulho chama atenção de Jairo.

Jairo - Claro que sô! Não tem o nome no cartório mas a minha mãe era Schveppa. Sou cem por cento colono, até meus ancestral vem dum lugar chamado Colônia... Não tem jeito de sê mais colono.

Jairo - Ta ó, tão batendo aqui em casa, tenho que í.

Jairo - Se dá tudo certinho eu te ligo, pódexa . Aham, vai com Deus.

Quadro 8

Jairo sai da cadeira.

Página 101

Quadro 1

Jairo vai caminhando até a porta.

Jairo - Pódexa Amor que eu atendo!

Quadro 2

Ele abre a porta.

Quadro 3

Do outro lado estão Carmen e Eduardo.

Carmen - Jairo, boa tarde.

Carmen - Podemos conversar?

Quadro 4

Jairo assustado.

Jairo - Eu... Dona Carmen...

Quadro 5

Close em Jairo.

Carmen - Vai ser coisa rápida.

Quadro 6

Close em Jairo.

Jairo - A minha mulher tá lá atrás.

Quadro 7

Close em Dona Carmen, pensando.

Quadro 8

Carmen - Entra no carro então.

Página 102

Quadro 1

Os três se aproximando do carro.

Jairo - Por favor Dona Carmen, eu não sei de nada, eu não sou ninguém. Não faz isso comigo.

Carmen - Vai na frente, eu sento atrás.

Quadro 2

Jairo chorando.

Jairo - Por favor, por favor Dona Carmen!

Quadro 3

Close em Carmen, séria.

Carmen - Entra no carro agora ou eu te mato na frente da tua mulher.

Quadro 4

Carmen - E depois eu mato ela.

Quadro 5

Os três no carro, Carmen atrás, Eduardo dirigindo e Jairo no banco de passageiro.

Quadro 6

Close em Jairo, nervoso.

Quadro 7

Jairo olha para trás.

Jairo - Me desculpa Dona Carmen... Eu sinto muito pelo Juba... Ele era um homi muito bom... alma boa assim...

Quadro 8

Carmen está olhando pela janela.

Página 103

Quadro 1

O carro estaciona no Poço.

Quadro 2

Carmen sai do carro em primeiro plano. Jairo está em pé, em frente a porta, olhando-a.

Quadro 3

Jairo se vira para Eduardo.

Jairo - Onde ela vai?

Quadro 4

Carmen entra no pequeno depósito ao lado do poço.

Jairo (off) Guri... onde que ela vai?

Quadro 5

Mesmo plano, agora apenas o depósito.

Quadro 6

Carmen começa a retornar, ela tem algo na mão.

Quadro 7

Mesmo plano, ela se aproxima ainda mais, com um pedaço longo de madeira, como um bastão, na mão direita.

Jairo - Dona Carmen! Dona Carmen!

Quadro 8

Ela acerta Jairo na cabeça com um pedaço de madeira.

Jairo - Dona

Página 104

Todos os quadros desta página têm exatamente o mesmo plano. Só o que muda é o movimento e o sangue nas roupas de Carmen.

Quadro 1

Jairo cai no chão, seu corpo estirado na grama, horizontalmente no quadro. Na vertical, Carmen com o bastão levantado.

Quadro 2

Ela bate nele com o bastão.

Quadro 3

Ela levanta o bastão.

Quadro 4

Ela bate com o bastão novamente.

Quadro 5

Ela levanta o bastão.

Quadro 6

Ela bate com o bastão novamente

Quadro 7

Ela levanta o bastão.

Quadro 8

Ela bate com o bastão novamente.

Página 105

Todos os quadros têm o mesmo plano da página anterior.

Quadro 1

Ela levanta o bastão.

Quadro 2

Ela bate com o bastão novamente.

Quadro 3

Ela levanta o bastão.

Quadro 4

Ela deixa o bastão levantado, respirando ofegante.

Quadro 5

Ela continua observando o corpo, abaixando o bastão.

Quadro 6

Ela joga o bastão longe.

Quadro 7

Ela se vira na direção de Eduardo

Carmen - Joga no rio.

Quadro 8

Ela sai de quadro, deixando apenas o corpo.

Página 106

Quadro 1

Dia. Lúcia está dormindo na cama de sua casa, no campo.

Quadro 2

BIIP BIIP

O som a desperta.

Quadro 3

Ela abre a porta e olha lá fora.

Quadro 4

A origem do barulho, um carro parado na frente da casa. Ademar está em pé ao lado do banco de motorista, com uma mão esticada para apertar a buzina dentro do carro e a outra levantada em reconhecimento a Lúcia.

Ademar - Ei Lúcia!

Quadro 5

Ademar se aproxima de Lúcia. Ela na varanda da casa e ele do outro lado.

Ademar - Ei, me desculpa, tava dormindo ainda? Má quanto tempo viu! Eu venho vindo aqui faz mais de mês, ninguém em casa... Batendo na porta... onde cêis foram?

Lúcia - Eu tava lá embaixo na cidade. E o Cid, tu não viu ele?

Quadro 6

Ademar - Ele não foi contigo? Eu até me estranhei, o carro taí ainda, mas ninguém atende, ninguém por aí sabe de vocês.

Ademar - Eu cheguei a achá que ele tava bebendo de novo...

Quadro 7

Close em Lúcia, ela abaixa a cabeça.

Ademar - Ei, não te preocupa...

Quadro 8

Ademar, simpatizando.

Ademar - Eu tenho certeza que não é nada, daqui a pouco ele aparece.

Página 107

Quadro 1

Lúcia grita.

Lúcia - Ele não foi dá uma voltinha Ademar! Ele sumiu faz mais de um mês e ninguém sabe dele! Ninguém se importô em procurá! Ninguém foi atrás...

Quadro 2

Lúcia abaixa a cabeça.

Quadro 3

Lúcia olha para o lado, evitando contato visual com Ademar, lacrimejando.

Lúcia - Ele tava jogando de novo, sei lá se não tava bebendo também...

Lúcia - Indo em rinha de galo.

Quadro 4

Lúcia encara Ademar, braba.

Ademar - Eu sei...

Lúcia - Como assim tu 'sabe'?

Quadro 5

Fecha em Ademar, envergonhado.

Ademar - Ele veio me dizê um dia que não ia dá conta de pagá o que me devia, que precisava de mais tempo.

Ademar - A gente conversô um pouco, ele falô do Tião e eu disse 'eu conheço um cara, um italianão, ele tá procurando galo de briga pra comprá'.

Quadro 6

Lúcia - Quem é esse italiano?

Ademar - Era Juba o nome dele, não vi mais ele por essas banda. Deve tê seguido rumo, ele é caminhoneiro.

Quadro 7

Ademar - Me desculpa Lúcia, eu achei que ia sê só um negocinho, não achei que o Cid ia, que ele ia jogá, se eu soubesse eu...

Quadro 8

Close em Lúcia

Lúcia - E as rinha Ademar? Onde é que eles fazem as rinha?

Página 108

Quadro 1

Dia. Exterior. O POÇO. Está chovendo.

Quadro 2

Lúcia sai da picape.

Quadro 3

Ela olha ao redor.

Quadro 4

Ela repara que tem apenas um carro, o de Carmen. As portas ainda estão abertas.

Quadro 5

Ela olha em direção ao rio.

Quadro 6

Duas figuras estão agachadas à beira do rio.

Quadro 7

Eles se viram e reparam em Lúcia.

Quadro 8

Eles vêm na direção dela, Laerte e Eduardo. Eles estão sujos de lama, na roupa, nos calcanhares e da mão até o cotovelo.

Laerte - Quem é tu? que que tu qué?

Página 109

Quadro 1

Lúcia - Eu... o portão tava aberto... Eu fui entrando, desculpa.

Quadro 2

Lúcia - É aqui que eles chamam de Poço?

Quadro 3

Laerte - Aqui é a minha casa, quem qué sabê?

Laerte - O meu nome é... Lúcia, eu tô procurando pelo meu marido.

Quadro 4

Laerte - Não tem mais ninguém aqui além de nós, dona.

Lúcia - O nome dele é Alcides, Cid eles chamam.

Quadro 5

Laerte olha para Eduardo, ele não tira os olhos de Lúcia, como se estivesse estudando as intenções dela.

Laerte - Eu não conheço nenhum Cid, tu conhece Duda?

Eduardo - Não conheço.

Laerte - Não tem nenhum Cid aqui dona...

Quadro 6

Lúcia - Ele veio aqui, algumas semanas atrás, com um amigo pra jogar na rinha.

Lúcia - Um tal de Juba era.

Quadro 7

Eduardo e Laerte olham para ela, incrédulos, em silêncio.

Quadro 8

Mesmo plano, as expressões deles parecem fatais.

Laerte - Comé que era o sobrenome desse teu marido mesmo?

Página 110

Quadro 1

Lúcia - Stadnick... Por que?

Quadro 2

Laerte - Então tu é a mulher do polaco?

Lúcia - Tu conhece ele? Tu sabe onde ele tá?

Quadro 3

Laerte - Não... E pô bem dele, é bom eu nem descobrí.

Quadro 4

Close em Lúcia, assustada.

Lúcia - Eu...

Quadro 5

Ela olha pra trás, em direção a picape.

Quadro 6

Laerte começa a se aproximar.

Laerte - Ele roubou uma nota nossa. Fez a folia... Tem gente morta por causa dele.

Quadro 7

Lúcia começa a ir para trás. Laerte vai se aproximando, eles mantêm contato visual.

Quadro 8

Eduardo segura o braço de Laerte.

Eduardo - Já deu Laerte...

Página 111

Quadro 1

Lúcia, assustada.

Lúcia - Eu... Eu vô embora... Eu vô embora então...

Quadro 2

Close em Eduardo, sério.

Eduardo - Não.

Quadro 3

Eduardo se ajoelha no chão.

Lúcia - Por favor, eu não sei o que o meu marido fez, eu não sei no que ele se envolveu...

Lúcia - Eu só quero acha ele.

Quadro 4

Mesmo plano, ele junta do chão o bastão de madeira.

Quadro 5

Close em Lúcia, sem reação.

Quadro 6

Ela corre para trás

Quadro 7

Ela cai no chão.

Quadro 8

Lúcia está caída no chão, os dois se aproximam.

Página 112

Quadro 1

Mesmo plano do quadro anterior. Um grito para Eduardo e Laerte, eles olham na direção.

Carmen (off) - Que porra que cês tão fazendo!?

Quadro 2

Nós vemos Carmen na porta do Poço.

Carmen - Larga isso, Duda.

Quadro 3

Carmen chega frente a frente com Eduardo.

Carmen - Me dá isso aqui.

Quadro 4

Ela pega o bastão da mão dele.

Carmen - Vai lá pra dentro.

Quadro 5

Close em Eduardo.

Eduardo - É a mulher dele mãe, é a mulher do polaco.

Carmen - Vão, os dois.

Quadro 6

Carmen deixa cair o bastão.

Quadro 7

Carmen ajuda Lúcia a levantar.

Carmen - Merda...

Quadro 8

Carmen - Tá tudo indo pro caralho...

Página 113

Quadro 1

As duas ficam em pé

Lúcia - O meu marido...

Quadro 2

Carmen - Ele não tá aqui. Ele tava andando com o meu irmão.

Carmen - O meu irmão tá morto.

Quadro 3

Close em Lúcia.

Carmen - O teu marido deve de tá também.

Quadro 4

Carmen - Se ele tá vivo, é que tá junto dos Schveppa.

Carmen - Quer dizer que logo vai tá morto de qualquer jeito.

Quadro 5

Carmen - Qual é teu nome?

Lúcia - Lúcia.

Carmen - Lúcia?

Quadro 6

Carmen - Lúcia, vai pra casa. Eu não sei onde tu mora, eu não vou atrás de ti.

Carmen - Chega em casa, arruma tuas coisa e vai embora. Não vai na polícia, não vai adiantar, eles me conhecem.

Quadro 7

Carmen - Eu não quero te ver de novo, nem tu nem o teu marido. Se ele tiver vivo.

Quadro 8

Carmen - Vai embora enquanto dá.

Carmen - Não vale a pena.

Página 114

Quadro 1

Noite. Chove. No alto de um morro no fim da estrada, um portão quase gótico. Feito de madeira, e ornamentado com duas pequenas estátuas de águias em cada ponta. Entalhado em uma placa, presa no arco sobre o portão, se lê "Sítio Schveppa"

Quadro 2

Elias caminha com um guarda-chuva.

Quadro 3

Nós vemos a direção em que ele caminha, indo até um grande galpão de madeira, guardado por um leão-de-chácara armado.

Quadro 4

Ele chega até a porta do galpão onde é protegido da chuva e fecha seu guarda-chuva.

Elias - Meu deus! Que friaca da porra.

Leão-de-chácara - Sim, seu Schveppa. Hoje tá que tá.

Quadro 5

Elias esfrega as mãos para aquecê-las.

Elias - O meu pinto tá só mais a cabeça, meu deus.

Leão-de-chácara - E a chuva ainda por cima.

Quadro 6

Elias olha para o leão.

Elias - É. Tudo certo ali dentro?

Leão-de-Chácara - Nem um pio.

Quadro 7

Elias vira a maçaneta de madeira que segura as duas portas.

Elias - Bom então, se tu me dá licença...

Quadro 8

Fecha em Elias.

Página 115

Quadro 1 (*ocupando o espaço dos quatro primeiros quadros*)

Nós vemos o interior do galpão. As paredes, de canto a canto e do chão até quase dois metros, recobertas por gaiolas de galos. Apesar disso, o lugar está uma bagunça. Nós temos algumas ferramentas em um carrinho de mão de madeira, garrafas de cachaça rolando, folhas do que parece ser fumo espalhado pelo chão.

Quadro 2

Detalhe de algumas garrafas.

Quadro 3

Close em um galo de briga preso em sua gaiola. Seus olhos vagos e distantes.

Quadro 4

Detalhe em grãos de milho e ração de galos no chão, infestados por baratas.

Quadro 5

Nós vemos partes de alguém que deita em um colchonete no chão, virado de costas para nós, entre garrafas vazias de cachaça.

Página 116

Quadro 1

Elias, visto de baixo, olhando para algo no chão.

Elias - Meu deus homem, como é que tu aguenta esse cheiro? Tu não limpa o teu penico?

Quadro 2

Cid, visto de cima. Se vira para olhar Elias, assustado. O polonês está sem óculos, e porta uma barba de mais de um mês.

Elias - Anda, levanta.

Quadro 3

Elias inspeciona uma garrafa de cachaça

Elias - Isso aqui é pra passar no galo, sabia? Não é pra ficá bebendo.

Quadro 4

Elias joga a garrafa longe e ela se quebra.

Elias - Esse lugar tá virado num chiqueiro. Tu tá é criano porco de briga, polaco!?

Quadro 5

Cid, temeroso

Cid - Eu... Elias eu não

Elias - Olha o jeito que tá isso aqui! isso não é jeito de criá nada.

Quadro 6

Elias pega Cid pela nuca e o carrega.

Elias - E olha essa merda!

Quadro 7

Ele coloca a cabeça de Cid de frente a gaiola de um galo.

Elias - Isso parece um campeão pra ti? Parece um galo que vence alguma merda?

Elias - Como é que tu tá treinando os meus galo? Que porra de técnica misteriosa é essa que mata os bichos de fome enquanto tu rola bêbado no chão?

Quadro 8

Cid - Ele... Ele não come... Ele não come!

Página 117

Quadro 1

Close em Elias

Elias - Ele não comi? Sabe o que tu faz? Sabe o que tu faz quando ele não comi?

Quadro 2

Elias abre a porta da gaiola.

Elias - Tu é a mãe dele Cid, tu tem que trata ele como filhinho.

Elias - Vô te mostrar...

Quadro 3

Elias junta Ração que está no chão, com as baratas.

Elias - Abre a boca...

Quadro 4

Close em Cid, desesperado

Elias - É melhor abrí a boca....

Quadro 5

Elias enfia a ração na boca de Cid.

Elias - Pronto... agora mastiga. Mastiga, não engole.

Quadro 6

Elias coloca a cabeça de Cid - com a boca aberta - defronte à gaiola aberta, o galo estende seu pescoço na direção de Cid.

Quadro 7

O galo começa a comer de dentro da boca de Cid.

Quadro 8

Close em Cid, o galo morde sua língua que começa a sangrar.

Página 118

Quadro 1

Elias segurando Cid.

Elias - É! Cuidado a língua viu, polaco. Galo com fome come até homi.

Quadro 2

O Leão-de-Chácara aparece na porta.

Leão - Licença... É, seu Elias?

Elias - O que!?

Leão - Tem uma coisa é... é o teu primo...

Quadro 3

Elias vai saindo, Cid está sentado, meio caído, no chão.

Elias - Se tu me dá licença, polaco...

Quadro 4

Cid olha para a porta fechando

Quadro 5

Cid cospe no chão, sangue e ração.

Quadro 6

Ele junta uma garrafa do chão.

Quadro 7

Ele olha para a garrafa, vendo que está meio cheia.

Quadro 8

Ele bebe.

Página 119

Quadro 1

Cid cospe no chão o álcool com pedaços de milho

Quadro 2

Cid bebe, agora de verdade.

Quadro 3

Ele se levanta.

Quadro 4

Cid junta a garrafa quebrada no chão. A metade de cima, até o bocal, ainda está inteira.

Quadro 5

Cid vai até seu colchonete.

Quadro 6

Ele tira o colchonete do lugar, revelando um buraco no chão de terra.

Quadro 7

Ele se ajoelha diante do buraco, garrafa quebrada em mãos.

Quadro 8

Ele começa a cavar usando a garrafa.

Página 120

Quadro 1

Cid cavando, acorocado no buraco. Pedacinhos de terra voam para trás.

Quadro 2

Cid continua cavando.

Quadro 3

Um barulho vindo das costas de Cid chama sua atenção, ele se vira para trás e olha assustado.

Quadro 4

Silêncio. Cid continua olhando, esperando algo acontecer.

Quadro 5

Silêncio. Cid continua olhando.

Quadro 6

Um dos galos presos nas gaiolas faz o mesmo barulho novamente.

Quadro 7

Cid respira aliviado.

Quadro 8

Cid limpa o suor da testa.

Página 121

Quadro 1

Cid junta a terra ao redor do buraco.

Quadro 2

Cid carrega a terra em sua camiseta.

Quadro 3

Cid espalha a terra pelo chão igualmente (o chão do lugar é de terra batida)

Quadro 4

O galo faz o mesmo barulho novamente, Cid passa por ele cabisbaixo, mostrando o dedo do meio.

Quadro 5

Cid olha para o buraco.

Quadro 6

Fecha no buraco, ao lado dele, tem algumas garrafas de cachaça inteiras, do outro lado, tem a garrafa quebrada usada para cavar.

Quadro 7

Cid senta ao lado do buraco, abrindo a garrafa de cachaça inteira.

Quadro 8

Cid bebe.

Página 122

Quadro 1

O galo observa Cid pelas grades.

Quadro 2

Cid cabisbaixo. O galo cacareja para ele.

Quadro 3

Cid olha para o galo.

Cid - Cala a boca...

Quadro 4

Fecha no galo, cacarejando.

Quadro 5

Cid arremessa a garrafa na grade.

Cid - CALA A BOCA!!

Quadro 6

A garrafa estoura na grade, o galo se debate e grita assustado.

Quadro 7

Cid começa a se levantar

Cid - Filho da puta...

Quadro 8

Cid junta a garrafa usada para cavar.

Página 123

Quadro 1

Noite. Carmen está se encarando pelo espelho do banheiro. Seus olhos cansados.

Quadro 2

Ela lava as mãos na pia.

Quadro 3

Close em Carmen, olhando para as mãos.

Quadro 4

Mesmo plano.

Quadro 5

Mesmo plano, a atenção de Carmen é capturada pela voz que vem da direita.

Filho (off) - Mãe... Tem alguém no telefone.

Quadro 6

Carmen no telefone.

Carmen - Alô

Quadro 7

Telefone - Alô, Dona Carmen?

Carmen - Quem é?

Quadro 8

Carmen aproxima o telefone do ouvido, um pouco temerosa.

Telefone - Não reconhece a voz?

Página 124

Nos quadros da coluna esquerda, Elias, nos da direita, Carmen.

Quadro 1

Elias, do outro lado da linha.

Telefone (Carmen) - O que tu qué?

Elias - Não sei... Botar a conversa em dia...

Quadro 2

Carmen do outro lado da linha, em silêncio.

Quadro 3

Elias.

Elias - Soube do meu primo?

Telefone (Carmen) - ...

Elias - Encontraram ele boiando no rio. O que sobrou, no caso.

Quadro 4

Carmen.

Telefone (Elias) - Carmen? tá ai ainda?

Carmen - Eu tô aqui.

Telefone (Elias) - Achei que tinha caído a linha, com essa chuva, sabe como é...

Carmen - Tem razão pra me ligar Elias, ou eu posso ir?

Quadro 5

Elias.

Elias - Eu queria falar contigo.

Telefone (Carmen) - Eu não tenho nada pra te dizer.

Quadro 6

Carmen.

Telefone (Elias) - Bem, eu tenho bastante pra falar. É só que eu acho que se as coisa vão esquentar, a gente devia pelo menos estabelecer algumas regras, sabe?

Telefone (Elias) - Eu, por exemplo, eu não tenho nenhum filho pequeno pra perder. Então pra mim, não tem essa urgência toda...

Quadro 7

Elias.

Elias - Posso falar então? Vamô lá... Carmen, tu sabe, eu tenho muito respeito pelo teu avô, que bolou o negócio aqui, e pelo teu pai, que fez dele o que é hoje. A gente deve muito a vocês, de verdade. Mas o que tá acontecendo agora... Esse é o problema de vocês italianos: administração. É que nem na guerra, não tem uma boa ideia italiana que um alemão não leve a perfeição.

Elias - Vocês... vocês misturam muito família com negócio, vocês são esquentados, é um problema.

Quadro 8

Carmen.

Telefone (Elias) - Eu acho que a nossa melhor saída aqui... O que seria favorável pra todo mundo, é a gente revê os termos da nossa relação. Eu acho... e a motta também, que não tem motivo pra gente entrar nessa briga onde, no fim, todo mundo vai perder.

Página 125

Quadro 1

Elias.

Elias - A gente acha que é melhor trabalhar junto, só que separado. Fazer a coisa como era antigamente. Vocês aqui embaixo, nois lá em cima. Sem essa mistura toda. A gente fica com a rinha, que é coisa nossa. Dinheiro de loja, com vocês. Quer comprar pó? na cidade é com vocês, na roça é com a gente... Assim por diante...

Quadro 2

Carmen

Telefone (Elias) - E, se por acaso, alguém sai da linha, a gente não mata e joga no rio. A gente faz que nem antigamente: dá uma surra, explica, ensina. O que aconteceu com o meu primo, eu achei bem... deselegante...

Quadro 3

Elias.

Elias - Mas agora já passou... O alemão é um povo que olha pra frente...

Elias - O que tu me diz? Vamos apertar a mão? Metaforicamente né...

Quadro 4

Carmen ainda com o telefone no ouvido.

Telefone (Elias) - Alô? Carmen? Alô?

Quadro 5

Elias olha para o telefone.

Elias - Porcaria de telefone de merda...

Telefone (Carmen) - Elias...

Quadro 6

Carmen.

Carmen - Tu matou meu irmão, Elias, e eu vô te matá por causa disso. Eu vô matá teus primo tudo, teus tio, a tua mãe. Vô matá cada Schveppa que não corre rápido ou que não sabe se esconde.

Quadro 7

Elias.

Telefone (Carmen) - Se eu pudesse, depois de matá vocês tudo, eu pegava um avião pra Alemanha e eu matava cada Schveppa que tem por lá.

Quadro 8

Carmen.

Carmen - Vocês são uma praga. Se eu deixar só um sobreviver, só um, vocês vão se espalhar que nem erva daninha.

Página 126

Quadro 1

Elias.

Elias - Eu tô feliz que tu falou isso tudo, não é bom guardá essa coisa ruim, essa raiva, dentro da gente sabe.

Elias - Principalmente quando não tem razão de ser.

Quadro 2

Carmen.

Telefone (Elias) - Porque, Dona Carmen, eu não matei teu irmão.

Quadro 3

Elias.

Telefone (Carmen) - Cala a boca.

Elias - É verdade.

Quadro 4

Carmen.

Telefone (Elias) - Por que eu mataria o Juba? Que razão eu tenho?

Elias - Tu sabe quanto ele me devia? Tu não mata um homi que te deve quase que uma casa própria em pó.

Quadro 5

Elias.

Elias - Deus do céu, eu devia tá é mais puto que a senhora...

Elias - Não... Sabe o que eu acho que deu?

Quadro 6

Carmen.

Telefone (Elias) - Eu acho que foi aquele Polaco que tava indo na rinha com ele. Algum desentendimento por causa do dinheiro... Não sei. Só sei que desde então o Polaco não deu mais as caras.

Quadro 7

Elias.

Elias - Eu sei como tu se sente Dona Carmen, eu também fiquei devastado com a morte do Juba.

Elias - E acredita em mim, eu não tô medindo esforços pra encontrar o culpado.

Quadro 8

Carmen.

Telefone (Elias) - Assim que ele estiver em minha posse, ele é todo teu.

Página 127

Quadro 1

Elias.

Telefone (Carmen) - Não importa..

Quadro 2

Carmen.

Carmen - Se eu fosse tu eu fazia as mala e saía correndo.

Quadro 3

Elias sorri.

Quadro 4

Elias começa a rir.

Quadro 5

Elias.

Elias - Tá bom Dona Carmen, tá bom. Eu tentei.

Elias - Se é isso que tu tanto qué, então é isso que tu vai tê... com juro!

Quadro 6

Elias.

Elias - Eu tenho dois homi pra cada um teu!

Elias - Tu acha que tu pode comigo! Eu dei uma chance! Eu dei!

Quadro 7

Elias gritando.

Elias - Tu que vai fazê tuas mala vadia! Eu vô queimá a tua casa! Eu vô matá o teu guri! Eu vô abri a cabeça dele eu vô mija lá dentro. Eu vô matá todo mundo! Eu vô matá todo mundo!

Quadro 8

O telefone de Carmen desligado, no gancho.

Página 128

Quadro 1

Noite. Uma mala aberta em cima de uma cama.

Quadro 2

Uma mão fecha a mala.

Quadro 3

Lúcia sai de sua casa, segurando duas malas.

Quadro 4

Lúcia coloca as malas na traseira da picape.

Quadro 5

Ela entra no banco de motorista.

Quadro 6

Ela segura o volante com as duas mãos.

Quadro 7

Mesmo plano, ela olha para trás, para a casa.

Quadro 8

Ela olha para frente novamente.

Página 129

Quadro 1

Noite. Portão do Sítio Schveppa. Tem dois leões-de-chácara na frente. O portão está aberto e o carro de Elias vai avançando.

Quadro 2

Elias sai do carro.

Quadro 3

Três homens parecem estar agredindo um quarto, que está deitado no chão.

Elias(off) - Ei! Porra que cês tão fazendo!?

Quadro 4

Eles param, um deles se vira para Elias.

Homem - Ele tentô fugi, Seu Schveppa. A gente pegô tava caído num buraco na mata.

Quadro 5

Close em Cid, no chão, machucado.

Quadro 6

Close em Elias, visto de cima, olhando para ele. Com muita raiva.

Quadro 7

Cid é jogado por Elias para dentro do galpão.

Elias - Seu filhadaputa!

Quadro 8

Elias chuta Cid.

Elias - É assim que tu me paga!? É assim!?

Página 130

Quadro 1

Elias - Eu te dô todas oportunidade. Tem lugar pra ficá, comida quente! Galo pra cuidar!

Quadro 2

Elias - Não é isso que tu queria? Tu não queria sê o grande galista!? Tu não queria fazê a grana preta!?

Quadro 3

Elias - Todo mundo qué sê rico, mas ninguém qué trabalhá!

Elias - Tu qué as coisa tudo de mão beijada.

Quadro 4

Elias chuta Cid de novo.

Elias - Seu bêbado! Vagabundo!

Quadro 5

Elias pega uma corrente que tem nas ferramentas.

Quadro 6

Elias agarra Cid

Elias -Vem cá! Vem cá

Quadro 7

Elias amarra Cid num poste, com as correntes.

Elias - Fica parado.

Quadro 8

Elias termina. Cid está amarrado em um dos pilares de madeira que mantém o galpão.

Página 131

Quadro 1

Elias - Mas eu não posso te forçá a trabalhá. Eu só posso te dá a oportunidade. E eu dei! Deus sabe que eu dei!

Quadro 2

Elias vai até as gaiolas.

Elias - Olha pra eles? Magros, famintos. Eles podiam sê campeão. Cada um deles... Campeão

Elias - Eles querem ser. Eles querem trabalhar.

Quadro 3

Ele abre a gaiola.

Elias - Eu tenho que dá a oportunidade.

Quadro 4

Os galos todos saem das gaiolas abertas.

Quadro 5

Elias tira os óculos de Cid.

Elias - Eles não tem frescura, eles não precisam de bóia quente.

Elias - Tu sabe como é galo de briga, eles não precisá de motivo pra brigar.

Quadro 6

Cid começa a ser cercado por galos.

Elias - Pior ainda é quando têm.

Quadro 7

Elias vai até a porta.

Elias - O que será que dá quando eles enjoam do gosto de galinha?

Quadro 8

Elias fecha a porta atrás de si.

Página 132

Quadro 1 (*ocupando o espaço dos 4 primeiros quadros*).

Cid preso, desesperado, vários e vários galos ao seu redor.

Quadro 2

Um galo começa a bicar o chinelo de Cid.

Quadro 3

Cid olha, suando e desesperado.

Quadro 4

Um galo levanta o peito e abre as asas para outro.

Quadro 5

Close nos olhos de Cid.

Página 133

Quadro 1

Eduardo entra por uma porta.

Eduardo - Mãe?

Quadro 2

Ele vai pela sala de Carmen.

Eduardo - Mãe?

Quadro 3

Ele abre a porta do escritório, Carmen está fumando pela janela.

Carmen - Que foi?

Quadro 4

Eduardo - Deu na rádia, vai cair o céu hoje a noite.

Carmen - É eu vi.

Quadro 5

Eduardo - Vai ser hoje então?

Carmen - Vai... pode preparar o pessoal, a gente se concentra no poço, às 4. Depois subimo a mata.

Quadro 6

Eduardo - Alemão filho da puta não vai nem sabê de onde veio.

Quadro 7

Carmen apaga o cigarro na janela, tem algumas bitucas ali já.

Quadro 8

Ela pressiona os dedos contra a testa.

Página 134

Quadro 1 (widescreen)

Noite, chovendo na mata. Alguns homens em silhueta, armados.

VOZ - Cuidado donde pisa, issaqui à noite é uma naba. Vai acabá virando o pé.

Quadro 2

Carmen carregando uma arma, Eduardo se aproxima.

Quadro 3

Eduardo conversa com ela.

Eduardo - Ó mãe, só seguindo reto, logo já dá pra vê o sítio.

Quadro 4

Eduardo - Mãe? Tudo certo?

Quadro 5

Carmen vomita no chão.

Quadro 6

Carmen, ainda de cócoras

Carmen - Filha da puta...

Quadro 7

Eduardo coloca a mão no ombro de Carmen.

Eduardo - Ó, fica aqui. Mãe, tá me ouvindo? Mãe? Fica aqui. Quando acabar a gente te chama.

Eduardo - Espera aqui tá bom?

Quadro 8

Ela tira a mão dele do ombro.

Carmen - Nem fudendo.

Página 135

Quadro 1

À beira da mata, um Leão-de-Chácara está parado, de costas.

Quadro 2

Um homem na mata tem a arma apontada pra ele.

Homem - Dona Carmen... É só dá a ordem.

Quadro 3

Carmen coloca a mão em cima do rifle dele, abaixando-o.

Quadro 4

Ela ergue o próprio rifle.

Quadro 5

Ela mira

Quadro 6

Ela puxa o Cão da arma.

Quadro 7

Close em Carmen.

Quadro 8

Fecha mais ainda,quase só o olho dela.

Página 136

Quadro 1

Noite. Chove pela janela de Elias.

Quadro 2

Elias e a Mãe assistem televisão.

Quadro 3

Elias ri, ele está cortando uma maçã com uma faca.

Quadro 4

Ele tira um gomo e oferece para a mãe. Ela não tem reação.

Quadro 5

Elias come o gomo.

Elias - Não sabe o que tá perdendo...

Quadro 6

BAM BAM BAM.

Tiros vindo de fora da casa. Elias vira o rosto na direção, assustado.

Quadro 7

Ele levanta prontamente do sofá.

Elias - Silvia! Silvia!

Quadro 8

Elias levanta a mãe da poltrona para colocá-la na cadeira de rodas.

Elias - Vem cá, vamô pra cadeira... Pronto... Pronto.

Elias - Silvia!

Página 137

Quadro 1

Elias empurra a cadeira de rodas com a mãe .

Quadro 2

A mulher aparece no corredor.

Silvia - Senhô Schveppa, o que... o que tá acontecendo?

Quadro 3

Elias - Leva ela pro quarto, tranca a porta. Só abre se for eu. Entendeu?

Silvia - Sim...

Elias - Só eu!

Quadro 4

BLAM BLAM (lá fora)

Elias vai até a sala, tem um rifle pendurado na parede.

Quadro 5

Ele pega a arma.

Quadro 6

Ele abre uma gaveta cheia de munição.

Quadro 7

Ele carrega a arma.

Quadro 8

Elias abre a porta da casa, para sair.

Página 138

Quadro 1

Mesmo plano. Elias é baleado imediatamente ao abrir da porta.

BAM

Quadro 2

Ele cai morto. Pelo vão da porta nós vemos Carmen, com o rifle em mãos.

Quadro 3

Ela olha para Elias, no chão. Um buraco na testa.

Quadro 4

Ela entra pela casa, olhando ao redor.

Quadro 5

Ela entra no corredor

Quadro 6

Ela vê a porta fechada no fundo

Quadro 7

Ela tenta a maçaneta sem sucesso.

Quadro 8

Ela explode a maçaneta com um tiro.

Página 139

Quadro 1

Silvia está em pé, segurando uma pistola. Suas mãos tremem enquanto ela aponta para Carmen.

Quadro 2

As duas apontam armas, uma para a outra. Carmen com segurança, Silvia tremendo.

Carmen - Larga! Agora!

Quadro 3

Silvia abaixa a arma.

Quadro 4

Um tiro atravessa Silvia pela barriga.

BAM

Quadro 5

Carmen se aproxima da cama, onde está deitada a Motta Schveppa.

Quadro 6

Close na velha Motta.

Quadro 7

Close em Carmen, encarando-a.

Quadro 8

Close na Motta, de novo.

Página 140

Quadro 1

Cid está de olhos fechados, com a cabeça caída. Ainda amarrado ao poste.

Quadro 2

BAM BAM

Cid acorda, e olha na direção da porta.

Quadro 3

BAM

Ele parece assustado.

Quadro 4

BAM BAM BAM

Close na porta do galpão.

Quadro 5

BAM BAM BAM

Tiros atravessam a porta

Quadro 6

BAM BAM

Mais tiros lá fora.

Quadro 7

Tudo em silêncio, mesmo plano da porta.

Quadro 8

Ela começa a se abrir.

Página 141

Quadro 1

Carmen entra pelo galpão.

Quadro 2

Carmen aponta a arma.

Quadro 3 (ocupando o espaço do 3 até 6)

Cid preso no poste, galos ao seu redor.

Cid - Me... Ajuda...

Quadro 4

Carmen se aproxima

Cid (off) - Por favor...

Quadro 5

Carmen atira.

Página 142

Quadro 1

O tiro explode a corrente.

Quadro 2

Os galos se assustam, alguns gritam na direção da Carmen.

Quadro 3

Cid, livre das correntes, começa a se levantar.

Cid - Obrigado...

Quadro 4

Cid olha para Carmen, que investiga os fundos do galpão.

Cid - O que tá acontecendo? Onde tá o Elias?

Quadro 5

Carmen vira o colchão de Cid do chão, encontra o buraco.

Carmen - Tem mais alguém aqui?

Quadro 6

Cid - Eu quero voltá pra casa, eu posso voltá pra casa?

Quadro 7

Carmen aponta a arma para Cid.

Carmen - Tem alguém aqui!?

Cid - Não! Não! É só eu.

Cid - Não!

Quadro 8

Tiros do lado de fora assustam Cid e alertam Carmen.

Página 143

Quadro 1

Carmen - Qual o teu nome? O que tu tá fazendo aqui?

Quadro 2

Cid - Ele me deixô aqui... com os galos. Eu... Eles... Eles nem se mexeram... eu

Carmen - Qual o teu nome?

Cid - É Cid... é Cid...

Carmen - Cid...

Quadro 3

Close em Carmen

Carmen - Qual é o teu sobrenome Cid?

Quadro 4

Close em Cid, com medo.

Quadro 5

Close em Carmen, com raiva.

Carmen - Qual é o teu sobrenome?

Quadro 6

Cid, chorando.

Cid - Por favor... chega, por favor.

Quadro 7

Carmen aponta o rifle.

Cid - Por favor...

Quadro 8

CLIC

Carmen puxa o cão do rifle.

Página 144

Quadro 1 (ocupando o espaço dos quatro primeiros quadros)

Os galos fazem um rebuliço, voando e gritando e pulando por tudo. Carmen atira, mas os galos jogam sua arma pra cima e os tiros perfuram o teto.

Quadro 2

Carmen tenta mirar novamente, por entre as aves.

Quadro 3

Temos a visão de Carmen, o rifle em primeiro plano e, por entre os galos, Cid foge atravessando a porta.

Quadro 4

Cid foge, correndo do depósito em direção a uma mata. Tiros vem do depósito.

Quadro 5

Cid chega na boca da mata, Carmen sai do armazém.

Página 145

Quadro 1

Cid corre pela mata, na chuva.

Quadro 2

Cid continua correndo.

Quadro 3

Carmen, com o rifle em mãos, vem perseguindo atrás.

Quadro 4

Carmen se aproxima.

Quadro 5

Cid corre pela floresta.

Quadro 6

Ele tropeça em algumas raízes.

Quadro 7

Ele cai rolando pelo chão.

Quadro 8

Os óculos de Cid se quebram.

Página 146

Quadro 1

Carmen chega até o local das raízes, onde Cid tropeçou.

Quadro 2

Ela olha para o chão e encontra os óculos.

Quadro 3

Em primeiro plano, Cid, sujo de terra, folhas e galhos, está escondido atrás de uma árvore. No fundo, Carmen analisa os óculos.

Quadro 4

Cid, desesperado, olha ao redor. Carmen se aproxima

Quadro 5

Cid encontra uma pedra grande. Carmen cada vez mais se aproxima

Quadro 6

Cid apanha a pedra. Carmen a menos de um metro de Cid.

Quadro 7

Cid está pronto para atacar. Segurando a pedra nervoso, virado na direção que Carmen vai vir.

Quadro 8

Tudo preto. Em letras brancas garrafais:

BAM

Página 147

Quadro 1

Close em cid, em choque. Sua orelha esquerda perdeu a ponta e está sangrando.

Quadro 2

Ele leva a mão até a orelha.

Quadro 3

Carmen mira o rifle novamente.

Quadro 4

A pedra atinge Carmen e seu tiro sai pela culatra.

Quadro 5

Cid corre pela mata, atrás de si, vários tiros.

Quadro 6

*Mesmo tipo de plano (só mudam as árvores ao redor, para mostrar o deslocamento).
Cid correndo.*

Quadro 7

Mesmo plano. Cid corre.

Quadro 8

Mesmo Plano. Cid cai em um buraco.

Página 148

Quadro 1

Cid se segura em algumas raízes na beira de uma vala.

Quadro 2

A chuva atinge seu rosto, a terra vira lama ao redor.

Quadro 3

Cid tenta conseguir apoio para sair do buraco, se agarrando à terra...

Quadro 4

...mas ela se despedaça em suas mãos.

Quadro 5

Carmen caminha pela floresta, procurando ao redor.

Quadro 6

Ela continua procurando.

Quadro 7

As raízes na mão de Cid começam a ceder, se desvencilhando da terra.

Quadro 8

As raízes cedem completamente, Cid sai de plano.

Página 149

Quadro 1

Mesmo plano do quadro anterior. Raízes que cederam.

Quadro 2

Cid volta ao plano, escalando as raízes.

Quadro 3

Cid começa a sair do buraco.

Quadro 4

Cid sai completamente do buraco.

Quadro 5

Cid começa a ficar em pé.

Quadro 6

Cid respira fundo, aliviado.

Quadro 7

CLIC

O barulho chama atenção de Cid para trás de si.

Quadro 8

Carmen está com o rifle apontado para Cid.

Página 150

Quadro 1

Cid olha, implorando para Carmen.

Quadro 2

Carmen se aproxima lentamente.

Quadro 3

Cid vira o rosto, os olhos fechados.

Quadro 4

Carmen se aproxima, com o rifle.

Carmen - Acabô.

Quadro 5

Carmen cai no buraco.

Quadro 6

Carmen atinge o fundo do buraco, batendo com a perna esquerda no chão.

CREK

Quadro 7

Carmen vê sua perna, a tibia quebrada saindo para fora.

Quadro 8

Close em Carmen, olhos cheios de raiva, a chuva caindo no rosto.

Página 151

Quadro 1

Cid observa enquanto vários tiros saem do buraco.

BAM BAM BAM

Quadro 2

Um pouco menos de tiros.

BAM BAM

Quadro 3

Apenas silêncio agora.

Quadro 4

Cid se aproxima da boca do buraco.

Quadro 5

Cid olha lá embaixo.

Quadro 6

Carmen, de corpo inteiro, olhando para cima.

Quadro 7

Close em Cid, olhando para baixo, quase com pena, considerando o que fazer.

Quadro 8

Close em Carmen. Resignada,

Página 152

Quadro 1

É manhã e parou de chover. Cid caminha, subindo um morro.

Quadro 2

Plano médio em Cid. Ele está sujo, cansado, suado. Sangue seco na orelha, as roupas rasgadas.

Quadro 3

Cid chega na frente de sua casa.

Quadro 4

Ele abre a porta.

Quadro 5 (*widescreen*)

Ele olha ao redor; a casa está vazia.

Quadro 6

Ele puxa uma cadeira da mesa da cozinha.

Quadro 7

Ele senta na cadeira.

Página 153

Quadro 1

Cid sentado, acabado. Olhando para baixo.

Quadro 2

Mesmo plano, Cid sentado. Ele olha para a sala.

Quadro 3

Mesmo plano, Cid sentado. Ainda olhando para a sala.

Quadro 4

Mesmo plano, Cid sentado. Ele volta a olhar para baixo.

Quadro 5

Mesmo plano.

Quadro 6

Mesmo Plano, ele fecha os olhos.

Quadro 7

Mesmo plano. Ele começa a cair da cadeira, perdendo a consciência.

Quadro 8

Mesmo plano. Uma voz vem detrás dele.

VOZ - Cid?

Página 154

Quadro 1

Lúcia olha chocada para Cid.

Lúcia - Meu deus... Cid...

Quadro 2

Cid sorri.

Lúcia - Cid, o que aconteceu? Onde tu tava?

Cid - Lúcia, me desculpa....

Quadro 3

Lúcia começa a chorar.

Lúcia - A tua orelha, meu Deus! Cid, a tua orelha!

Quadro 4

Cid sorrindo

Cid - Lúcia senta aqui do meu lado.

Lúcia - Eu preciso... eu vou pegar o álcool, meu deus, Cid. Meu Deus.

Quadro 5

Cid segura o braço dela, sem forças.

Cid - Tá tudo bem, tá tudo bem. Depois... Senta aqui comigo agora.

Cid - Senta aqui, eu quero conversá contigo.

Quadro 6

Lúcia observa Cid em silêncio

Quadro 7

Lúcia se senta na cadeira.

Quadro 8

Cid segura a mão dela por cima da mesa.

Página 155

Quadro 1

Cid - que tal o Rio?

Lúcia - O quê? Cid...

Quadro 2

Cid - Ou São Paulo, Minas... A Bahia. Um lugar bem longe...

Lúcia - o que é que tu tá falando...

Cid - Tu tava certa, a gente tem que vendê isso daqui tudo e ir embora. Eu sei que é difícil alguém comprá hoje em dia, mas a gente dá um jeito. Junta com o dinheiro que tu fez, tu continuô de garçonete lá na cidade né? Qualquer coisa vendemô a picape também, vamô de ônibus...

Quadro 3

Cid - A gente arranja um emprego, seja o que for. Alguma vaga tem que tê. Deve de dá pra aluga um lugarzinho, um apartamento. Nada muito chique, não precisa de muito espaço. Tu pode estudá à noite, tu sempre foi mais cabeça. Daqui a pouco vira uma médica, uma advogada...

Cid - Nós ia fazê amigos, e eles iam vim nos visitá, e a gente ia rí e conversá a noite toda. Eles iam rí do jeito que nós fala e nós ia rí do jeito deles.

Quadro 4

Cid - Nós podia de tê um cachorrinho, e í no cinema todo fim de semana, saí pra dançá em algum baile. Só costurá aquele meu paletó, arrumá um vestido bonito. A gente aprende a dançá, não deve sê tão difícil...

Cid - E pulá carnaval... a gente não é velho demais pra pulá carnaval, ou é?

Quadro 5

Cid sorri.

Cid - Não ia sê lindo Lúcia?

Quadro 6

Lúcia encara Cid em silêncio, triste.

Quadro 7

Ela esboça um sorriso triste.

Quadro 8

Lúcia, ainda sorrindo, põe a outra mão sobre a mão de Cid.

Lúcia - Sim... Ia sê maravilhoso.

Página 156

Quadro 1 (*widescreen*)

Os dois sentados na cozinha, vistos do lado de fora, pela janela.

Quadro 2 (*widescreen*)

O quadro se afasta. A casa, agora vista de fora.

Quadro 3 (*widescreen*)

A casa, no “mar de morros”.

Quadro 4 (*widescreen*)

Ainda mais distante, apenas os morros, a casa bem pequena.

Página 157

Quadro único.

O mesmo plano do primeiro quadro da primeira página. Zenital, observando um vale. O rio agora transbordando e alagando lá embaixo.

FIM

MEMORIAL

1. Origens da História

“Cidades pequenas têm memórias longas e passam diante seus terrores cerimonialmente, de geração em geração”
-Stephen King

1.1 Serra geral, Vale europeu

Serra Geral, Vale Europeu é uma narrativa que surge de um conjunto de interesses e ansiedades que eu experienciei nos meus últimos anos de faculdade. Eu sempre tive um apego por farsas, narrativas dominadas por personagens excêntricos que embarcam em situações descontroladas e cada vez mais absurdas. É o caso de peças como *O Santo e a Porca* e *Auto da Compadecida*, de Ariano Suassuna ou filmes como *Ser ou Não Ser* (1942, Ernst Lubitsch), *Fargo* (Ethan e Joel Coen, 1996), *Gosto de Sangue* (Ethan e Joel Coen, 1984) e *A Simple Plan* (Sam Raimi, 1998). Essas são histórias onde mentiras, enganos e pequenas escolhas levam a desastrosas e imprevisíveis consequências, sejam cômicas ou trágicas.

Eu sabia que queria escrever algo nesse gênero, algo tragicômico, em que as personagens, por teimosia e infortúnio, acabassem presas em uma trama completamente fora de controle. A primeira imagem a surgir foi simples: um homem promete levar seu galo para uma rinha mas, por que ele mentiu para a esposa, seu galo é morto e cozido. O que esta história viria a ser, só foi se solidificar muito depois, quando a pandemia começou.

Forçado a sair de Florianópolis e retornar para minha terra natal, Ituporanga - pequena cidade rural no interior de Santa Catarina - eu comecei a me sentir, como muitos, isolado e alienado. Esta era a história que eu queria contar, uma história sobre o urbano e o rural, sobre pessoas presas - pelo passado, por suas escolhas, pela geografia ao seu redor - incapazes de escapar, de se comunicar uns com os outros. Assim como os galos de rinha, tudo que eles sabem fazer é brigar.

Durante a escrita, a história se tornou bem mais violenta e niilista do que originalmente previsto. As flutuações de tom na narrativa vieram naturalmente, quanto melhor eu conhecia as personagens, mais trágico me parecia seus destinos.

Sempre admirei os trabalhos do diretor de cinema Bong Joon-ho, que transitam, sem esforço, entre momentos cômicos e de violência brutal. *Salinui chueok* (*Memórias de um assassino*, 2003), particularmente, foi uma inspiração: assim como o meu trabalho, o filme se passa nos anos 80, numa cidade rural, em um país subdesenvolvido durante uma ditadura militar.

O ano de 1983 foi escolhido como período para a narrativa devido ao momento de transição que representou tanto no país, com o avanço do processo de redemocratização, quanto na região. Em 1983, o Vale do Itajaí foi vítima de uma das maiores enchentes de sua história. Desde o princípio da colonização, enchentes fazem parte da vida nas cidades ribeirinhas do Alto Vale (83, logo após a construção da barragem em Ituporanga, foi uma das piores já registradas). As chuvas e a enchente aparecem largamente na segunda parte da narrativa.

1.2 Lugar, personagens e temas.

A história se passa numa região não nomeada do Alto Vale do Itajaí, na fronteira entre a Serra Geral e o Vale Europeu. Alcides ‘Cid’ Stadnick, junto de sua esposa Lúcia Stadnick, mora na fictícia comunidade ‘Nova Polônia’, da qual ele é o último morador. Os outros, provavelmente, foram todos embora, abandonando suas casas à procura das zonas urbanas.

A década de oitenta foi o auge do êxodo rural na região. A narrativa busca refletir esse aspecto, do interior representado como decadente, repleto de belezas naturais e de casas abandonadas. A narrativa abre com as paisagens do campo; nós vamos lentamente transicionando de imagens da natureza para mostrar a presença humana. Primeiro cercas, casas desertas, até chegar em uma estrada de chão para uma asfaltada.

Antes da história começar, Cid e Lúcia tentaram abrir um armazém, mas faliram e se afundaram em dívidas. Por conta disso, Cid agora quer vender um galo de briga para tentar conseguir quitar o que deve. Para Cid o sucesso está a um bom negócio de distância. Ele quer ter dinheiro e prover para sua família. Cid não se deixa abater pela paisagem ao seu redor, para ele o rural está voltando com tudo e todos os que foram embora são tolos, logo vão querer voltar.

Lúcia é de opinião contrária. No começo da história, ela é a principal antagonista de Cid. Para ela, o melhor é vender o pouco que eles tem e recomeçar em outro lugar - ir para a cidade. Ela parece ser a única que vê o que está acontecendo ao redor.

À medida que a narrativa avança, eles se separam. Lúcia decide parar de esperar que Cid encare o ‘óbvio’ e decide se mudar sozinha para a cidade. Para Cid, ir embora não é uma opção. Esta é a terra em que seu avô morou, seu pai depois dele, portanto, ele não pode simplesmente abandoná-la. Ambos estão presos pelo passado - Lúcia pelos laços do casamento e Cid por seus antepassados.

A outra protagonista da narrativa é Carmen Bara. Ela é a dona de alguns negócios ilegais na cidade, em conjunto com um sócio, Elias Schveppa. As famílias Bara e Schveppa passaram anos em conflito: os Bara na cidade e os Schveppa na roça. Depois da morte de seu pai, Carmen decide quebrar com o ciclo de violência entre as famílias e propõe uma trégua. Mas, quando seu irmão é morto por Elias, Carmen decide buscar vingança.

Carmen e Elias estão presos em um conflito que começou décadas antes deles nascerem. Carmen passou a vida toda lutando contra o passado, mas com a morte de seu, ela resolve aceitar o inevitável: retomar a briga com os Schveppa.

Elias é, de muitas formas, a *sombra* de Cid durante a narrativa. Ele é a versão deturpada de Cid. Ambos têm ambições de serem empreendedores, ambos acreditam que o futuro está no meio rural, ou seja, tanto Cid quanto Elias são homens que não entendem mais o mundo à sua volta. Porém, suas personalidades são muito distintas: enquanto Cid é tímido e medroso, Elias é um psicopata violento.

Todas as personagens da história estão presas pelo passado, quanto mais lutam para escapar, mais se afundam nele. Por este motivo, um dos principais símbolos da narrativa são *buracos*. O vale em si é um buraco, assim como o ‘poço’ onde os galos brigam. Cid tenta escapar de Elias cavando um buraco; Lúcia abre uma cova para enterrar suas galinhas e Carmen termina a história presa em um buraco na mata. Da mesma forma, os galos também são um símbolo durante a narrativa. Assim como as personagens, eles estão presos em um buraco - brigando entre si. Como a citação no começo da narrativa diz: eles brigam não por uma razão nobre, mas apenas porque brigar é tudo que conhecem.

Misael Corrêa Costa (2015) localiza a prática das rinhas de galo como um local de disputa entre o rural e uma crescente mudança de sensibilidade em relação à prática e o tratamento de animais, em geral, trazidos pela expansão do urbano. Para Costa, o movimento urbanizador em Santa Catarina, especialmente nas décadas de 1960 e 70, é o principal responsável pela clandestinidade do ‘esporte’ (2015).

O tema principal da narrativa, que perpassa pelas jornadas de todas as personagens, é essa relação entre o rural e o urbano. Para Lúcia, o urbano é a promessa de um novo começo. Mas, quando ela chega lá, percebe que a cidade pode ser tão brutal quanto a vida no campo. Para Cid, a cidade é da ordem do incompreensível, o outro. Para Carmen, o campo é o outro. As relações duais e destrutivas entre urbano e rural e a aparente impossibilidade de conciliação norteiam a narrativa.

2. Narrativa visual, nos quadrinhos e no cinema

‘Nós temos esse histórico de
soluções impossíveis para problemas
insolucionáveis’
- Will Eisner

1.1 Tempo e Espaço

Podemos pensar o cinema e os quadrinhos enquanto formas de expressão bastante próximas. Ambas funcionam, primordialmente, através de narrativas sequenciais, onde imagens justapostas criam sentido através da relação que formam entre si.

Porém, no cinema, as imagens justapostas uma atrás da outra, em uma mesma tela, produzem a ilusão de tempo e movimento (características definidoras da sétima arte). Já nos quadrinhos, as imagens (quadros) coexistem no papel simultaneamente, uma ao lado da outra. Por esse motivo, a experiência de espaço e tempo são muito distintas. No cinema, o espaço da tela é fixo e imutável; e, ainda que o tempo possa ser manipulado diegeticamente na narrativa, a experiência que o espectador tem com ele é delimitada pela duração do filme.

Nos quadrinhos, tempo e espaço são dimensões inseparáveis. Cada quadro designa um momento único de tempo e ocupa espaço físico na página. Todos os momentos da narrativa coexistem. Tudo disponível simultaneamente para o leitor, que pode criar sua própria temporalidade. Pode passar segundos em um mesmo quadro ou horas; pode ler páginas adiante, ou reler páginas anteriores¹.

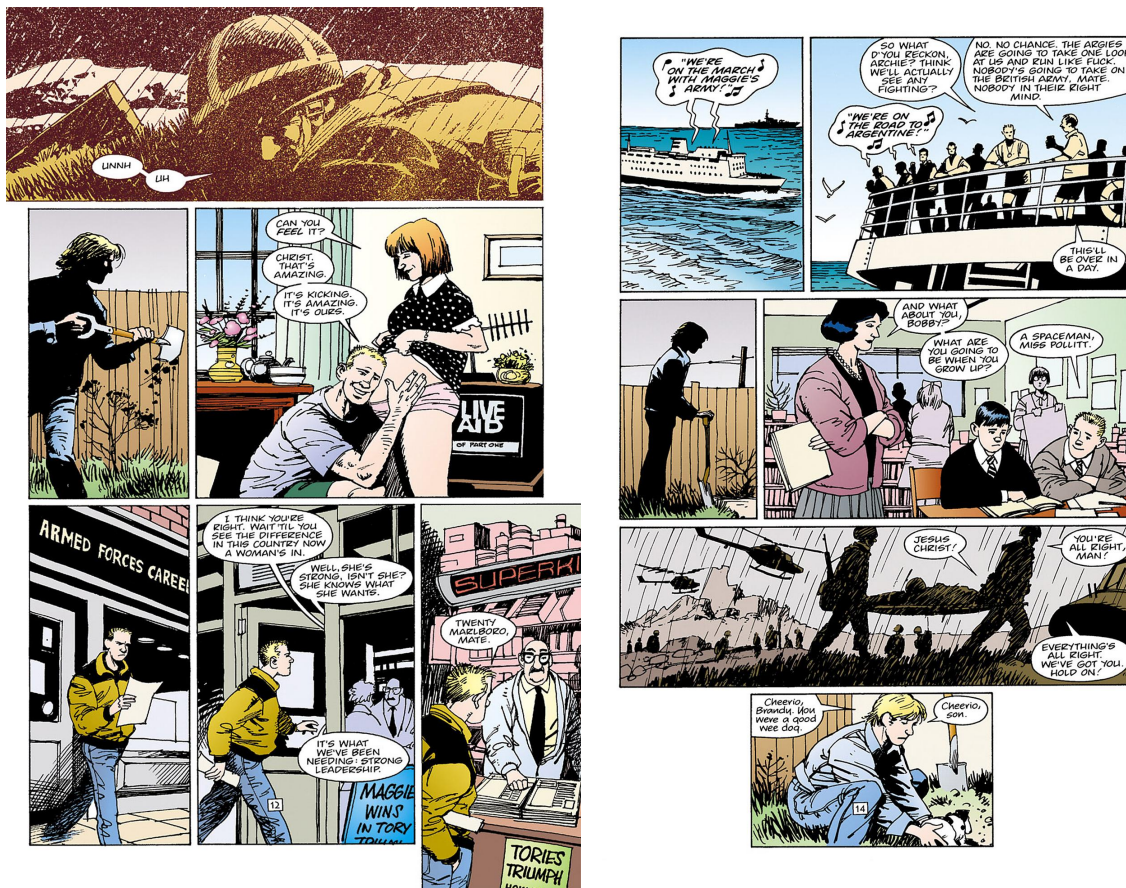
¹ Apesar de não possuírem controle absoluto sobre a experiência de tempo do espectador como os cineastas, quadrinistas dispõem de técnicas que permitem certo agenciamento sobre a velocidade da narrativa. Quadros com mais palavras, com mais detalhes no desenho ou com maior número de ações são normalmente lidos mais devagar.

Segundo Art Spiegelman, escritor do quadrinho Maus

O mais interessante dos quadrinhos para mim tem a ver com a abstração e as estruturas que implica a página de quadrinho. Em uma história que trata de converter em cronológico e coerente o incompreensível [Maus], a justaposição do passado e do presente insiste que o passado e o presente estão sempre presentes: um não desloca o outro como ocorre nos filmes. (2012, p 165, tradução nossa).

Grant Morrison e Steve Parkhouse exploram esse conceito na história *Last Man Fall* (*The Invisibles*, edição 12). Nessa narrativa, um dos capangas que apareceu, brevemente, na edição anterior torna-se o foco. O quadrinho acompanha toda a sua vida, indo e voltando em breves momentos; de uma página para outra vemos sua infância, sua experiência na guerra, seu casamento. Próximo do fim da narrativa, o tempo se acelera e os momentos se justapõem de quadro em quadro, indo e voltando entre toda a vida do personagem.

FIGURA 01 - The Invisibles n 12. Páginas 12 e 14



Fonte: DC Comics

1.2 Composição

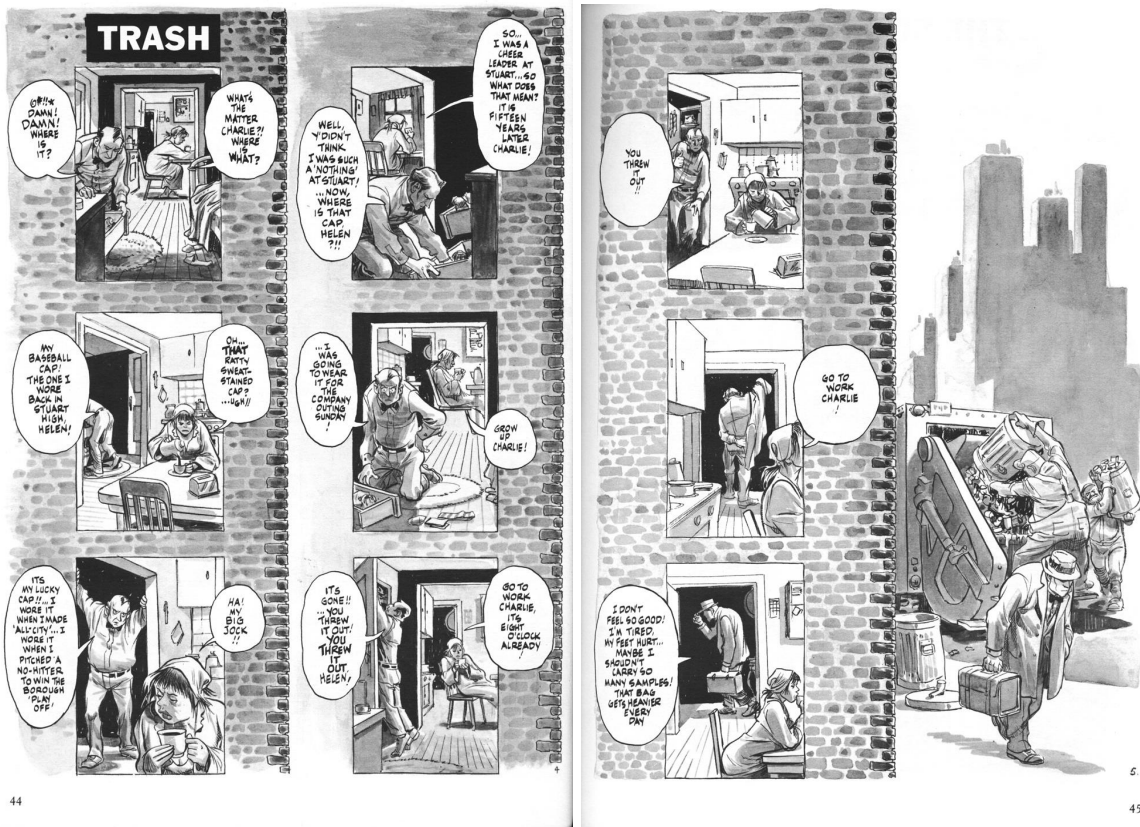
Muitos dos valores de composição pictórica são intercambiáveis entre as duas formas de expressão (cinema e quadrinhos). Conhecimentos de design de imagens, "regra de terços"², controle da atenção do espectador, todas se aplicam tanto nos quadrinhos quanto no cinema.

Contudo, como nas histórias em quadrinhos o leitor se depara não somente com a imagem individual, mas com a página inteira à sua frente, quadrinistas precisam também trabalhar a composição dos quadros uns com os outros dentro da página.

A isto, Will Eisner (2010, p 65) chamou de 'Metaquadrinho': uma história que foca na página inteira enquanto meio para narrar a história. Boa parte do trabalho mais tardio do autor, como *Um sinal do espaço* (originalmente *Life on another planet*, publicado em 1978) e *Nova York: vida na grande cidade* (*New York, life in the big city*, 1986), exploram essa estética, utilizando-se largamente de quadros que se fundem através das páginas para produzir efeitos narrativos. Em *Nova York: vida na grande cidade*, constituído de curtas vinhetas sobre o cotidiano dos nova-iorquinos, a qualidade do metaquadrinho faz com que as histórias fiquem sempre diretamente ligadas a sua ambientação.

² Técnica onde a altura e a largura de uma imagem são divididas cada uma em três partes por linhas equidistantes. Os quatro pontos onde essas linhas se interceptam são considerados de grande valor estético para a composição.

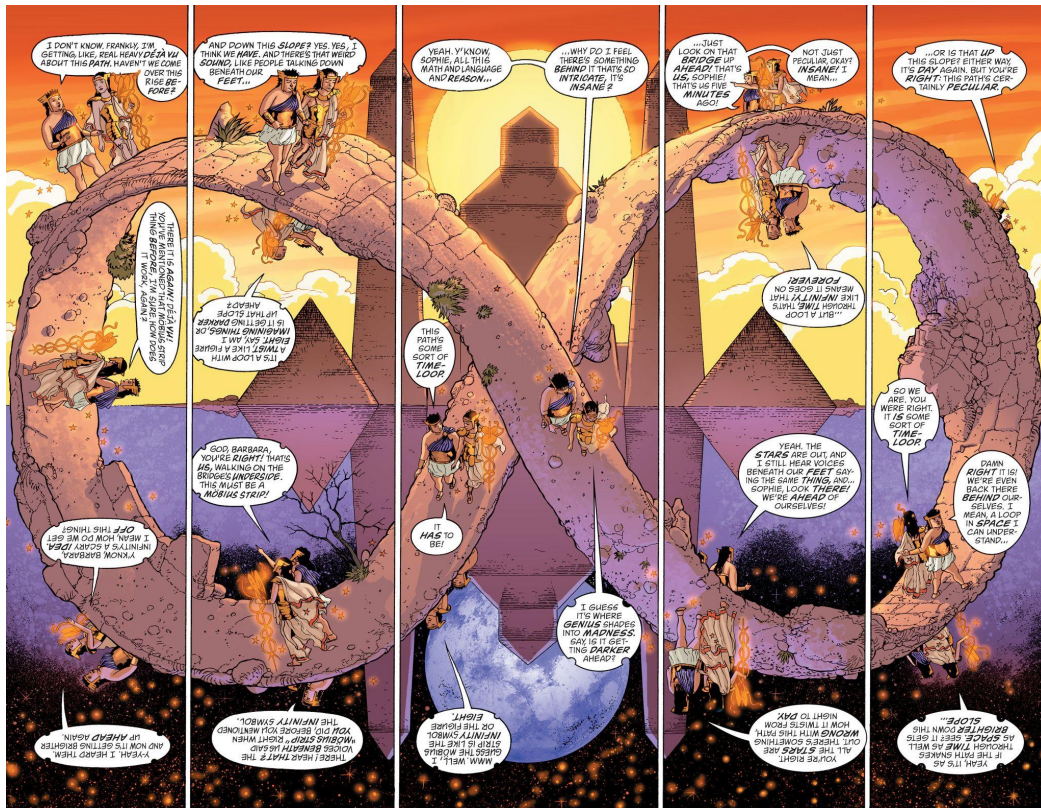
FIGURA 02 - New York, life in the big city. Páginas 44 e 45



Fonte: Will Eisner Studios

Na série *Prometeia* (1999 - 2005), Alan Moore e JH Williams III vão um pouco além. A história é pensada de modo que o leitor de revista em quadrinhos sempre tem duas páginas à sua frente ao mesmo tempo; assim, grande parte da narrativa é contada em composições de duas páginas.

FIGURA 03 - Prometeia, edição 15. Páginas 10-11



Fonte: DC Comics

A função da composição entre as duas formas de expressão continua largamente a mesma. Ela cria uma atmosfera e uma estética própria para a imagem e, na esfera do mais ‘prático’ para a narração, ela foca a atenção do espectador/leitor para os elementos desejados.

As ferramentas que os artistas possuem para este ‘controle’ da atenção variam pelas particularidades das duas formas de expressão. As câmeras cinematográficas (no cinema) disponibilizam um controle do campo de visão e foco nas lentes, enquanto o tamanho de quadros (nos quadrinhos) dentro da página aloca importâncias diferentes a determinadas cenas, por exemplo.

A diferença principal nos quadrinhos é a necessidade de conduzir/mover o foco do leitor através da página. No ocidente, histórias em quadrinho são lidas de cima para baixo, da esquerda para direita. Sendo assim, se o efeito desejado é uma leitura sem turbulências, os quadros

individuais de uma história são construídos levando em consideração a direção com que o olhar do leitor naturalmente atravessa a página.

FIGURA 04 - Página 23, com versão comentada.



Fonte: Arquivo pessoal.

Esta página do meu trabalho busca auxiliar o fluxo natural do leitor. Do quadro 2 para 3, o leitor se move na diagonal, para baixo e para esquerda, acompanhando o movimento de Almeida entregando o balde para Juba. Do quadro 3 para o 4, o leitor vai horizontalmente para a direita, acompanhando Juba que se prostra para frente e vomita. O movimento do personagem ganha mais impacto por acompanhar o movimento do leitor. Cid é propositalmente excluído do fluxo de leitura no segundo quadro.

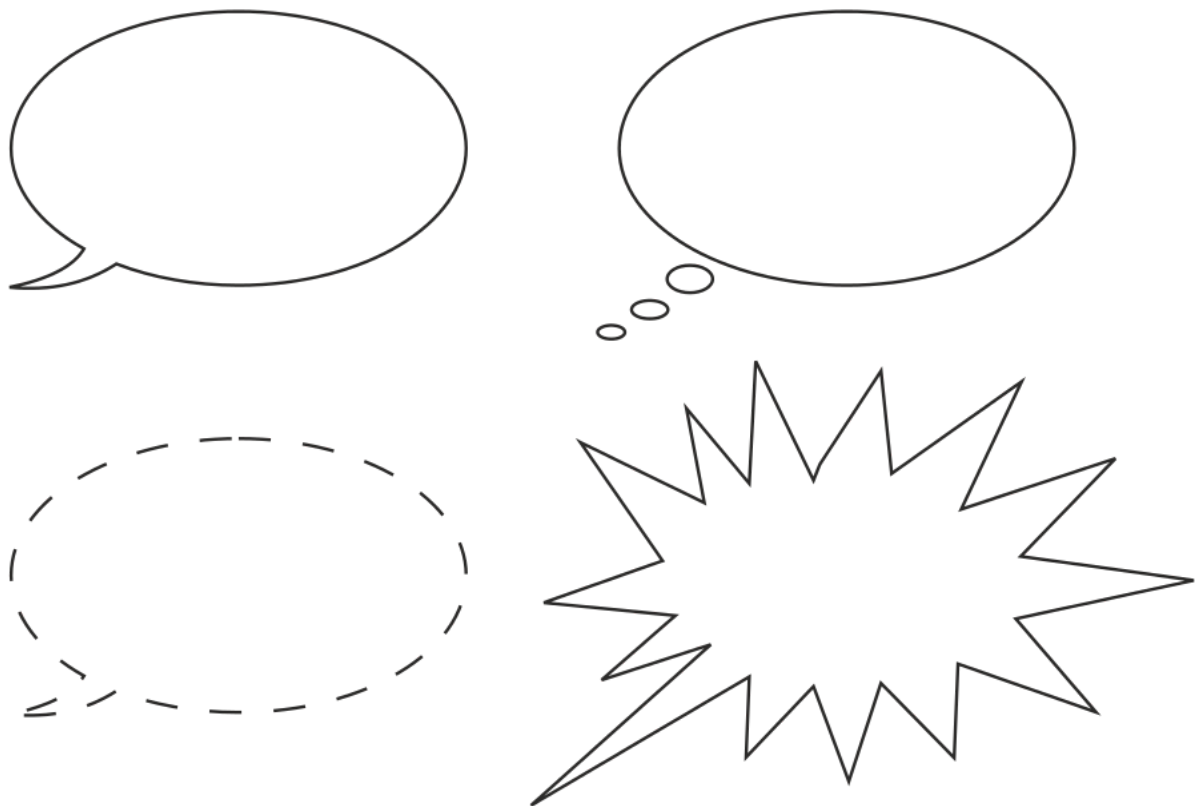
A galinha, nos quadros 6 até 8, se move da esquerda para a direita (o contrário do tradicional para o leitor ocidental), com intuito de fazer com que seus movimentos pareçam mais lentos e titubeantes. A quantidade de palavras também é maior nos quadros com a galinha, o que

aumenta o tempo que o leitor passa em cada um deles - também com a intenção de contribuir para o efeito de lentidão.

2.3 Som

Som, no sentido tradicional (ondas sonoras transmitidas pelo ar e captadas pelo ouvido), inexistente nos quadrinhos. Contudo, o que nós tradicionalmente entendemos como a função do som para o cinema, isto é, a transmissão de diálogos, efeitos sonoros, ruídos e trilha musical, estão presentes nas HQ's através dos balões de fala e das onomatopeias. Assim, o som, nos quadrinhos, é um elemento gráfico que, dependendo de sua composição e estilo, constrói e passa ao leitor uma ideia de sonoridade.

FIGURA 05 - Quatro tipos de balões de fala

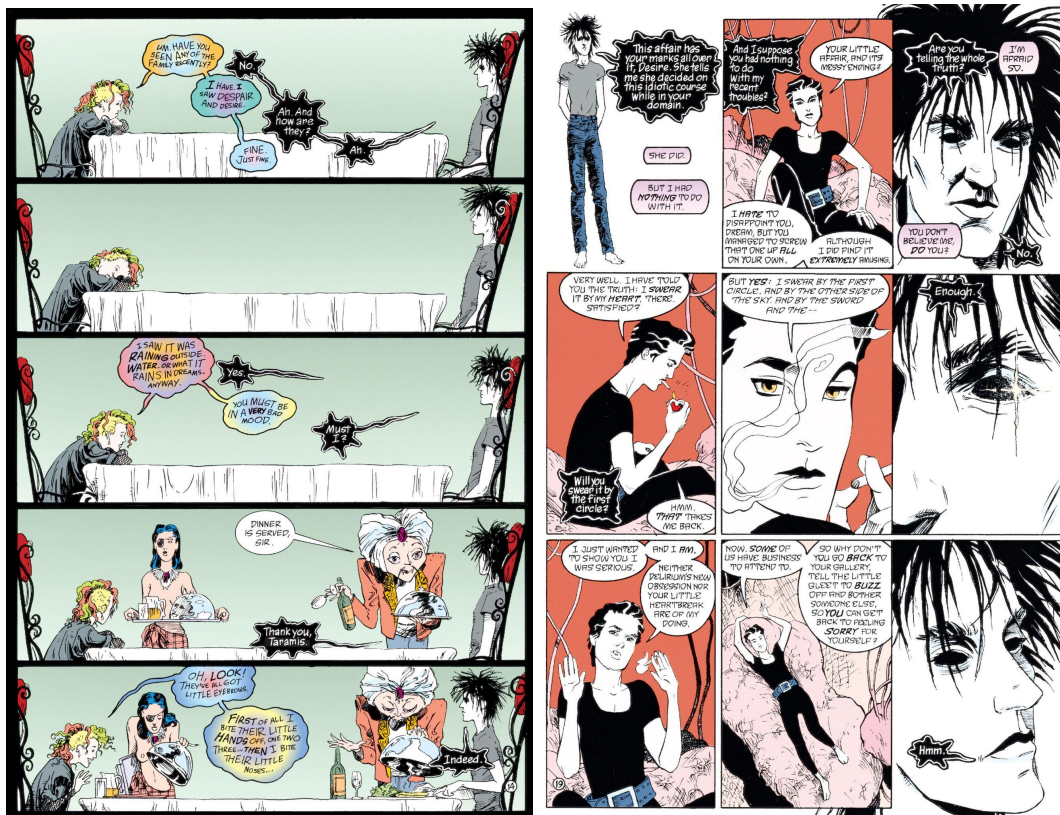


Fonte: Seekpng

O estilo dos balões define a sonoridade transmitida. No sentido horário, começando no canto superior esquerdo: balão tradicional - descreve uma fala comum; balão de pensamento - descreve um pensamento; balão pontiagudo - descreve um grito; balão tracejado - descreve um sussurro ou som baixo.

Letristas (o modo como é chamado o profissional, dentro da produção industrial de quadrinhos, responsável pelas palavras) conseguem produzir o efeito de uma ‘sonorização’ para as histórias em quadrinhos, transmitindo informações que seriam, no cinema, relegadas à faixa sonora. Todd Klein, no quadrinho de *Sandman* (Neil Gaiman e Artistas diversos, 1989 - 1995), criou diferentes tipos de balões de fala para alguns personagens, com intenção de diferenciar a maneira com que cada um deles fala, o que funciona e transmite ao leitor aspectos de suas personalidades - de forma semelhante ao que um sotaque faria.

FIGURA 06 - Sandman, edição 42. Páginas 13 e 19

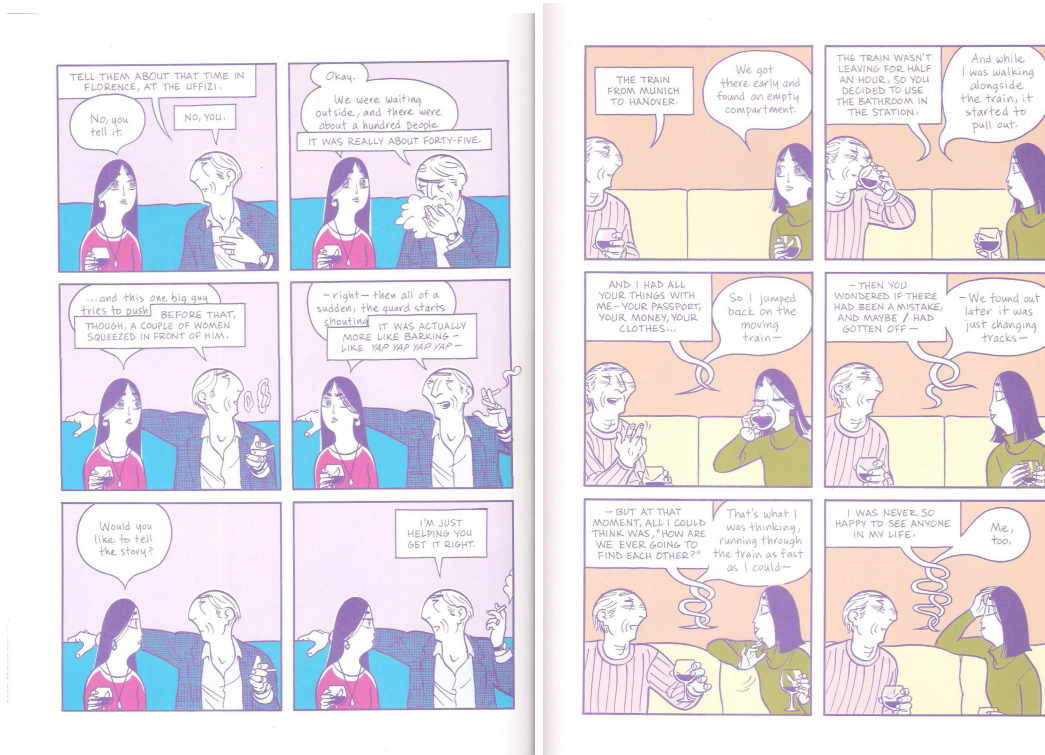


Fonte: DC Comics

Na página 13 (esquerda) as falas de Sonho são descritas em balões pretos com palavras brancas - o exato oposto do tradicional; ele é o único personagem em Sandman a utilizar caixa baixa na sua fonte. Os balões de fala de Delírio são todos coloridos e a fonte é instável. Na página 19 (direita), Desejo fala com uma fonte que reflete certo arcaísmo.

Em *Asterios Polyp* (2009), David Mazzucchelli utiliza o design e a posição dos balões para estabelecer a relação entre personagens nas cenas.

FIGURA 07 - Páginas 78 e 160 de Asterios Polyp



Fonte: David Mazzucchelli

Na página 78 (esquerda) os balões de fala de Asterios sobrepõem os de Hannah quando ele a interrompe. Na página 160 (direita) os balões de ambos vão se entrelaçando, conforme eles se aproximam emocionalmente.

Inspirado pelo trabalho de Mazzucchelli, tentei fazer algo semelhante com a letragem de algumas de minhas páginas.

FIGURA 08 - Quadros 2 e 7, da página 8 de Serra geral, Vale europeu.



Fonte: Arquivo pessoal.

No quadro 2 (esquerda), a relação de proximidade entre Juba e a atendente do posto é representada pela sobreposição dos balões de fala. No quadro 7 (direita), a fala de Cid é levada para fora do plano do desenho, na margem inferior da página, para demonstrar seu desconforto.

Ron Wimberly - em sua adaptação da peça *Romeu e Julieta*, de William Shakespeare, intitulada *Prince of Cats* (2012) - utiliza-se largamente de onomatopeias como elementos de composição e, também, para adicionar efeitos narrativos aos quadros. No trabalho de Wimberly, a fonte, cor, disposição e design das onomatopeias indicam informações ao leitor sobre seu ritmo e sonoridade.

FIGURA 09 - Páginas 15 e 31 de Prince of Cats.



Fonte: DC Comics

Existem até mesmo tentativas referentes ao uso de trilha sonora nos quadrinhos. A função *adaptive audio*, nos quadrinhos digitais da Marvel Comics, permite ouvir músicas durante a leitura das histórias. Nos quadrinhos impressos, os autores têm menos controle sobre a trilha. É tradicional o uso da letra da música, em conjunto com símbolos de notas musicais, para indicar um determinado som diegético.

FIGURA 10 - A banda The Archies, da revista Archie, cantando



Fonte: Archie Comics

Na história *Hallo Spaceboy* de *Casanova - Gula* (2011), Matt Fraction e Fábio Moon sugerem ao leitor faixas de músicas que combinam com as cenas da história.

FIGURA 11 - Casanova - Gula, n 07. Páginas 8 e 10.

4: The Beat That My Heart Skipped (3:48)



5: Ashes To Ashes (4:28)



Fonte: Image Comics

No meu trabalho, o som é utilizado também como forma de reconhecimento. O galo Tião e a galinha Betina, por exemplo, cacarejam de forma diferente. Respectivamente, CRUK e CÃÃÃ. A página 13 é a primeira e única a mostrar Tião - e o reconhecemos pelo som que produz. Enquanto na página 19, o leitor é alertado da presença de Betina dentro da caixa pelo barulho dela, sem que os personagens ao redor saibam o que está acontecendo, o que - auspiciosamente - tem intenção de causar tensão na cena.

3. Fazendo o quadrinho

"O passado é um país estrangeiro.
Eles fazem as coisas de um jeito diferente
por lá"
- L.P Hartley

3.1 Escolhas estéticas e narrativas

Para realizar *Serra geral, Vale Europeu*, foram feitas algumas escolhas orientadas por questões práticas (referentes ao tempo disponível e a qualidade do meu desenho) e também narrativas/estéticas.

A primeira delas foi a escolha da 'grade' de oito quadros por página - divididos em quatro linhas, com dois quadros em cada uma - como base para a construção das páginas. Me inspirei em *Stray Bullets* (1995 - presente), do quadrinista David Lapham. Esse formato permite uma maior aproximação com o cinema, pois abdica da variação entre formatos de quadros e também os deixa com um aspecto horizontal, semelhante ao da tela de um filme. O foco, assim, da narrativa visual recai sobre a composição individual dos quadros, ao invés da página.

FIGURA 12 - Stray Bullets, edição 1 páginas 5 e 6



Fonte: El Capitan

Stray Bullets é uma série antológica de contos policiais escritos e ilustrados por David Lapham. Todas as histórias são construídas quase que inteiramente seguindo a grade de oito quadros.

Os aspectos positivos, que me fizeram optar por essa construção, são, ao meu ver:

- O aumento da quantidade de informação que cada página possui, o que diminui o número total de páginas da história;
- Eliminar a necessidade de aprender diagramação de páginas para começar a fazer o quadrinho;
- Um ritmo próprio para a leitura. As grades de quadros servem, nos quadrinhos, de forma análoga à estrutura das estrofes na poesia. Cada linha, um verso e cada quadro, um pé. Assim, quadros que estão na mesma linha têm uma conexão maior entre si e funcionam como *set up* e *pay off* uns dos outros;

- Por conta de quase todos os quadros serem iguais, o leitor é conduzido a reparar quando eles não são. Na prática, a dramaticidade da variação do formato e tamanho dos quadros é maior - a exemplo da introdução de Juba na página 6 - do que quando todos os quadros sempre são diferentes.

Quanto aos aspectos negativos da escolha por essa forma de construção das páginas, é possível elencar:

- Páginas mais densas: por motivos agora óbvios, mas completamente estranhos quando eu comecei o quadrinho, demoram mais para ser desenhadas do que páginas com menos quadros, mesmo descontando o tempo usado para planejar e diagramar a página;
- A narração se torna menos maleável: as cenas precisam se adequar a um ritmo particular e é preciso sempre escolher oito momentos para cada página;
- A falta de variação pode causar certa monotonia na narrativa.

FIGURA 13 - Página 16, Serra geral, Vale europeu



Nesta página é possível notar as questões de ritmo referentes a grade de quadros. Os quadros em uma mesma linha conversam mais diretamente entre si do que com os outros. Nesta página, a intenção do ritmo é dar

zoom in. O quadro 1 é uma panorâmica, o segundo tem o mesmo objeto, mas mais fechado. O quadro 3 é médio, em Cid, o 4 fecha em Cid. O quadro 5 é médio, em Cid diante da porta, o quadro 6 fecha neles. Na última fileira, o padrão é quebrado: o quadro 7 é fechado em Laerte, e o oitavo abre.

Buscando potencializar os aspectos positivos e suavizar os negativos, optei por variar, ocasionalmente, a grade. Contudo, mesmo quando ela é ‘quebrada’, mantive sua estrutura geral - margens e espaçamentos - intacta, para dar mais coesão ao trabalho.

A segunda escolha foi o estilo do desenho: uma consideração inteiramente prática. Eu não sou capaz de desenhar de forma realista continuamente, confiavelmente e com velocidade. Se os personagens, carros e locações tivessem proporções realistas, eu não conseguiria fazer com que eles ficassem parecidos de um quadro para outro, de página para outra; da mesma forma, não conseguiria fazer expressões faciais facilmente legíveis. Por esse motivo, eles foram cartunizados. Assim, mesmo quando eu vario o desenho dos personagens através do quadrinho, eles sempre são reconhecíveis, pois possuem formas geométricas específicas.

Isto gera um efeito estético interessante, pois contrasta bastante com os elementos mais violentos da narrativa. O cartoon 'desarma' o leitor e cria nele expectativas de uma história mais “infantil” e lúdica do que aquela sendo contada.

A terceira escolha foi o uso das cores. Um tom marrom/sépiea para as cenas durante o dia, e outro verde-azulado para a noite. Esta escolha se justifica, também por motivos práticos - não teria tempo de aprender habilmente colorização para a realização do quadrinho - mas sua principal função é estética.

O uso destas cores permite um meio-tom, mais escuro que o branco da página (no caso deste quadrinho, o branco é um tom amarelado escolhido, pois harmoniza melhor com as cores e cria um aspecto de papel jornal para o trabalho) e mais claro do que o preto da tinta (no caso, tinta digital), que suaviza os desenhos, removendo vários dos contrastes mais duros entre branco e preto. Também confere um aspecto mais ‘gráfico’ aos desenhos, podendo ser modeladas em formas geométricas.

Uma terceira vantagem é que, juntamente com a escolha da grade de quadros, estas cores permitem que eu remova o requadro dos desenhos. Com o preenchimento das imagens permitido pelas cores, juntamente com a padronização estabelecida pela grade (o leitor sempre sabe exatamente a posição dos oito quadros de cada página, pois eles nunca variam), não há a

necessidade de traçar uma linha preta ao redor de cada um dos quadros de uma página. A falta de requadros confere um aspecto mais polido e contribui para uma melhora gráfica dos desenhos.

A última vantagem pela escolha das cores é narrativa, uma vez que elas estabelecem o ritmo temporal noite-dia (explicado para o leitor nas primeiras duas páginas, com as imagens do amanhecer) que é de suma importância para a compreensão da história.

3.2 - Pesquisa

Já que os eventos narrados transcorrem em 1983, fez-se necessária uma pesquisa histórica para produzir maior veracidade à história. Esta pesquisa é dividida em elementos visuais e prosaicos: fatos históricos, sotaques, falas e tudo que se refere ao universo do possível em relação às ações dos personagens e à história - e foi realizada em alguns movimentos diferentes.

Primeiramente, coletei fotografias de família dos meus pais e avós, focando nos períodos entre 1960-1989. Essas fotografias serviram como apoio visual para elementos da história: vestimentas, estilos de barba e cabelo, casas e espaços urbanos. Escolhi expandir o período das fotos selecionadas para além de 1983, pois muitos dos elementos visuais se intersectam entre as datas.

FIGURA 14 - Fotos de Álbum



Fonte: Arquivo pessoal.

Outra fonte importante de fotografias foram os grupos no facebook “*Antigamente em Ituporanga*” e “*Antigamente em Rio do Sul*”, nos quais moradores compartilham fotos antigas de suas coleções pessoais e de acervos públicos referentes a história dos municípios e celebram, de forma pouco saudável, tempos menos democráticos do país.

Uma terceira fonte de referências visuais foi a pesquisa de campo. Eu, pessoalmente, fotografei construções, ruas e demais elementos urbanos que estavam presentes em 1983 e que continuam em pé. Também fotografei a casa dos meus avós maternos, que possuíam em 1983 status econômico semelhante ao da personagem Carmen - além das mobílias antigas e estruturas arquitetônicas que servem de base para a casa dela.

A limitação das fontes citadas é que elas favorecem, desproporcionalmente, os elementos urbanos em detrimento dos rurais. Tanto meus avós paternos quanto maternos nasceram em comunidades rurais da região, mas as fotografias que possuem são majoritariamente referentes aos aspectos urbanos de suas vidas. O mesmo é verdade sobre os grupos de facebook.

Minha sorte foi o emprego do meu pai: um engenheiro agrônomo, cujo trabalho envolve viajar pelas comunidades rurais da região e conduzir entrevistas com moradores referente às plantações. Acompanhando ele pelas viagens, consegui fotografar estilos de casas e paisagens naturais.

Ambos mudam pouco com o tempo, mas certos cuidados são necessários para transpor as fotografias tiradas no presente para o passado. Alguns tipos de plantas são introduzidas na paisagem da região e são agora mais comuns do que costumavam ser - coqueiros e palmeiras-azuis, por exemplo - mas a grande maioria da flora continua a mesma. Quanto às casas e demais elementos da paisagem rural oriundos da construção humana, é o meu entendimento que eles também são parecidos como eram antigamente. Existem casas novas, feitas de concreto e com arquitetura mais moderna, mas algumas das antigas - quase inteiramente feitas de madeira ou, se muito antigas, tijolo - permanecem. As pessoas de mais idade ainda se vestem como se vestiam na juventude, e ainda trabalham de forma semelhante.

FIGURA 15 - Fotos tiradas em viagens pelo interior do Alto Vale.



Fonte: Arquivo pessoal.

Nestas viagens pude também desenvolver a pesquisa prosaica, já que eram sempre conduzidas entrevistas com os moradores. Pude dialogar diretamente com pessoas que vivem, hoje, numa situação semelhante à dos meus personagens, falando sobre seus cotidianos, apreendendo seus modos de fala e interesses, mesmo no formato limitado de uma entrevista ‘formal’.

A forma como os personagens falam é de suma importância para a narrativa. Para construir seus modos de fala, me baseei nas entrevistas que pude realizar, no sotaque e

expressões usadas por meus familiares - em particular meus avós - e também no jeito que eu mesmo falo. A substituição do ‘tu’ pelo ‘você’; evitar a concordância do plural no objeto das frases (as perna, os braço, os homi, etc); algumas mudanças particulares do sotaque de colonos alemães (som de ‘j’ vira ‘x’); e algumas mudanças e expressões pontuais (‘como diz o outro’, ‘desmoralizia’, ‘prantô’ ao invés de ‘plantou’, etc).

Para a melhor representação das rinhas de galo, utilizei-me de pesquisas teóricas. Os autores Clifford Geertz (2005) e Sérgio Alves Teixeira (1997) se debruçaram sobre aspectos culturais e simbólicos da prática, particularmente sobre os elementos sociais atribuídos às rinhas: a relação dela com o modo de vida rural e com a expressão de masculinidade.

Misael Corrêa Costa (2009, 2015) é um historiador que se debruça sobre a prática no território catarinense. Ele escreveu uma tese e artigos de história oral sobre as rinhas, entrevistando galistas e visitando rinhadeiros. Por este motivo, seus trabalhos foram imprescindíveis para a representação das rinhas no quadrinho.

Outra pesquisa prosaica histórica foi a consulta de periódicos. O jornal “A Região”, veiculado em Ituporanga entre os anos de 1978 e 1988, serviu bastante para a contextualização da época. As fotos contidas nele não foram de enorme ajuda, devido a baixa qualidade da reprodução. Contudo, as informações históricas foram imprescindíveis. A coluna *Na boca do povo*, que contava causos e fofocas da cidade, foi de particular auxílio para a pesquisa sobre o estado psicológico das personagens na época.

3.3 O roteiro

Eu não sou um escritor muito espontâneo. É do meu entendimento que os irmãos Coen, quando escrevem seus filmes, não planejam nem estruturam as histórias. Eles começam pela primeira cena; quando terminam, escrevem a segunda. Uma cena de cada vez, do começo ao fim. Acredito que isso ajude no tom farsesco dos filmes deles, cada cena construindo-se pela que veio antes, tomando rumos muitas vezes inesperados. Eu queria escrever assim.

Mas, no meu caso, toda história foi planejada de antemão. A primeira ideia que eu tinha era sobre a morte precoce do galo Tião e o quiproquó que este evento causaria. A partir disso, eu anotei ideias esparsas para cenas e personagens e resolvi seguir os passos listados por Syd Field

em seu livro *Screenwriters's workbook* (2006). Eu criei fichas para as personagens, escrevi biografias e descrevi suas personalidades. Depois, eu estruturei a história em um 'paradigma'.

Para Field, um paradigma é a estrutura básica de um roteiro. Nele estão descritos:

- como a história abre. Neste caso, com uma série de paisagens acompanhadas de um monólogo de Cid;
- o *inciting incident*, momento que a narrativa de fato começa. Aqui, trata-se da primeira cena - Cid encontra Juba e descobre que ele não quer comprar o galo;
- fim do primeiro ato, onde a história muda de direção. Aqui, quando Cid ganha a rinha sem querer e acaba chamando a atenção de Carmen e Elias;
- *midpoint*, o ponto climático no meio do segundo ato. Aqui, quando Cid decide aceitar a oferta de Elias no fim da primeira parte;
- fim do segundo Ato, a história novamente muda de direção. Cid tenta fugir e acaba preso e deixado para ser comido vivo;
- clímax do terceiro ato. Cid é solto por Carmen, mas acaba em uma enrascada ainda maior;
- cena final. Cid faz planos para o futuro com Lúcia.

Por meu roteiro ter uma segunda protagonista, Carmen, uma mesma estrutura foi construída para sua jornada. Nós abrimos com o *inciting incident*, quando ela descobre os problemas na rinha. Seu primeiro ato termina com a morte do irmão. O *midpoint* é a deflagração de guerra com Elias. O segundo ato termina com o encontro dela e de Cid. O clímax é o mesmo do de Cid, e a cena final é ela caída no buraco.

Depois do paradigma, veio o argumento. Nele, descrevi em prosa os eventos da história. Foram algumas idas e vindas, mudando a história - principalmente a narrativa de Lúcia (que originalmente teria um caso extraconjugal e faria um tratamento de fertilidade) e o terceiro ato (que originalmente não existia devido a um bloqueio criativo).

Seguindo o argumento, vem a escaleta. Nela, descrevo cada uma das cenas do roteiro individualmente, detalhando em cada uma um mini-paradigma. Cada cena tem três atos - começo, meio e fim - e algo precisa mudar na situação dos personagens em cada uma. A escaleta também prevê um número estimado de páginas que cada cena vai ocupar.

Enquanto no cinema não existe a necessidade de prever a minutagem de cada cena, nos quadrinhos espaço é tempo. Uma revista em quadrinhos sempre tem duas páginas abertas de cada vez. A página da esquerda tem um número par, e a da direita um ímpar. Quando o leitor vira a página, ele termina de ler uma página ímpar e começa uma par. Por ter sempre duas páginas à sua frente, o leitor vê o final da página ímpar antes de começar a página de número par. Por este motivo, quando se está escrevendo o roteiro, é preciso planejar quais momentos o leitor verá somente quando virar a página, e quais ele vai ter diante de si com antemão.

Por exemplo, a página 5 (ímpar) termina com a porta do caminhão se abrindo. O leitor vira a página e é recebido na página 6 (par) por uma imagem quatro vezes maior do que um quadro normal, de um homem semi-nu gritando. As surpresas devem sempre ser guardadas para uma página par.

Eu também acho particularmente harmônico que as cenas comecem sempre em páginas pares e terminem em ímpares. Quando o leitor vira a página, uma nova cena se inicia. Isto nem sempre é possível, infelizmente, devido a quantidade de informações particulares de cada cena.

Em razão das necessidades de tempo, estas fases de escrita do roteiro se misturaram um pouco. Comecei a desenhar as páginas antes de terminar toda escrita do roteiro. Terminei a primeira parte e a reescrevi para polir melhor a narrativa. Depois, enquanto escrevia a segunda parte (ainda sem um terceiro ato), planejei e desenhei as páginas. Para só então, enquanto desenhava, concluir a segunda parte e reescrevê-la.

A citação que abre a primeira parte foi encontrada em alguns textos que li sobre brigas de galos, sua origem é uma anedota escrita por Cláudio Eliano em sua *Varia Historia*, sobre a origem das rinhas de galo no teatro da Grécia. Modifiquei-a para servir melhor meus propósitos. A citação que abre a segunda parte é inteiramente fabricada.

3.4 Pré-produção

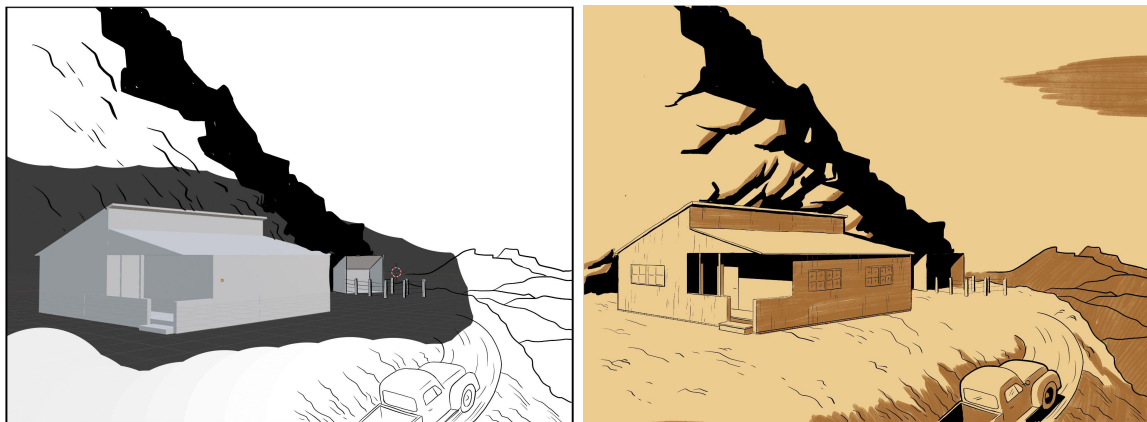
Após completar o roteiro (da primeira parte) e antes de começar o desenho das páginas, foi necessário um trabalho de ‘direção de arte’³. No caso, criar o visual dos personagens e dos cenários.

Os cenários recorrentes das 32 páginas desenhadas: a casa dos Stadnick e o ‘poço’ foram construídos em quatro modelos 3D diferentes, no programa *blender*. Tratam-se de: interior da casa de Stadnick; exterior da casa de Stadnick; interior do ‘poço’ e exterior do ‘poço’. Ambas foram decoradas e arquitetadas baseadas nas referências coletadas.

Resolvi construir estes cenários em 3D para poder planejar os quadros da mesma forma que seria feito em locações no cinema. Coloquei a câmera virtual em lugares específicos e tirei fotos para servir de base para os desenhos.

Isto foi particularmente útil no começo, mas conforme eu me senti mais seguro para desenhar as locações, diminuí o uso dos modelos, pois assim consigo maior agenciamento - alterando proporções e mudando tamanhos de objetos para melhor encaixarem nos desenhos.

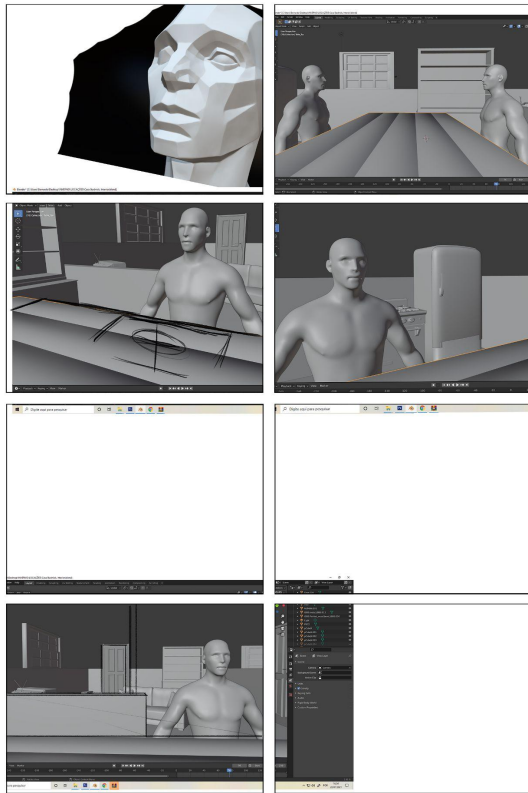
FIGURA 16 - Construção do quadro 1 da página 10



Fonte: Arquivo Pessoal

³ Como já descrito, por questões de tempo as fases do processo se misturaram. A pré-produção começou de fato antes da escrita do roteiro e na prática ainda não terminou, pois alguns personagens e cenários ainda precisam ser feitos.

FIGURA 17 - Construção da página 14



Fonte: Arquivo Pessoal

As personagens foram construídas sobre o princípio de que precisavam ser facilmente reconhecíveis. Assim, se eu variar a qualidade do meu desenho ou resolver desenhá-las inteiramente em silhuetas, o leitor sempre sabe quem são e para que lado estão viradas. Algumas das personagens também possuem padrões nas roupas - linhas horizontais em Laerte, xadrez em Cid, linhas verticais em Lúcia - que permitem fácil reconhecimento delas nas páginas. Baseadas em suas personalidades, foram construídos da seguinte forma:

Cid foi feito de triângulos arredondados. Os ombros mais finos do que a cintura e os grandes óculos tartaruga dão a ele uma aparência frágil; os elementos do rosto - com seu nariz grande, cabelo pontudo e óculos - deixam-no com um aspecto galináceo.

Juba foi construído por quadrados arredondados. Ele deveria parecer fisicamente imponente e, ao mesmo tempo, amigável. O boné quadrado para esconder a careca e o grande bigode que permite expressar emoções.

Lúcia foi desenhada usando formas arredondadas. Seu rosto utiliza o formato criado pelo desenhista Fred Moore, um animador da Disney, que consiste em uma esfera acoplada a uma mandíbula pontuda. Este ainda é o estilo utilizado para as personagens femininas - e também algumas masculinas - em desenhos da Disney. Suas roupas foram baseadas em fotografias da época.

FIGURA 18 - Estudos de cabeça feitos por Fred Moore.



Fonte: Disney

Carmen foi feita de quadrados arredondados. Ela é semelhante ao design de Juba - com cabelos brancos e porte grande - para deflagrar a relação entre eles. Ela também deveria parecer fisicamente imponente. Seu filho, Eduardo, é uma versão mais jovem e atlética de Juba.

Elias é triangular. Ele é largo, alto, magro e deveria parecer vilanesco, perigoso. Seu cabelo pontudo e o padrão xadrez foram escolhidos para lembrar Cid. Laerte tem o formato de uma gota, arredondado e mais largo na barriga do que no ombro. Almeida é longo e retangular, com um padrão de bolinhas na camisa.

FIGURA 19 - Galeria de personagens principais



Fonte: Arquivo Pessoal

Com os personagens e cenários prontos, comecei a desenhar as páginas.

3.5. Desenhando

O primeiro passo é desenhar os storyboards a lápis em papel. Nesta fase os desenhos são soltos e rabiscados, apenas tentando alcançar uma noção geral de forma, composição e movimento - tentando traduzir o roteiro em imagens.

O resto do trabalho é feito digitalmente, utilizando o programa *Photoshop* e uma mesa de digitalização. São quatro fases principais: rascunho, finalização, colorização e letragem. Na teoria, elas acontecem nessa ordem - na prática, elas se misturam.

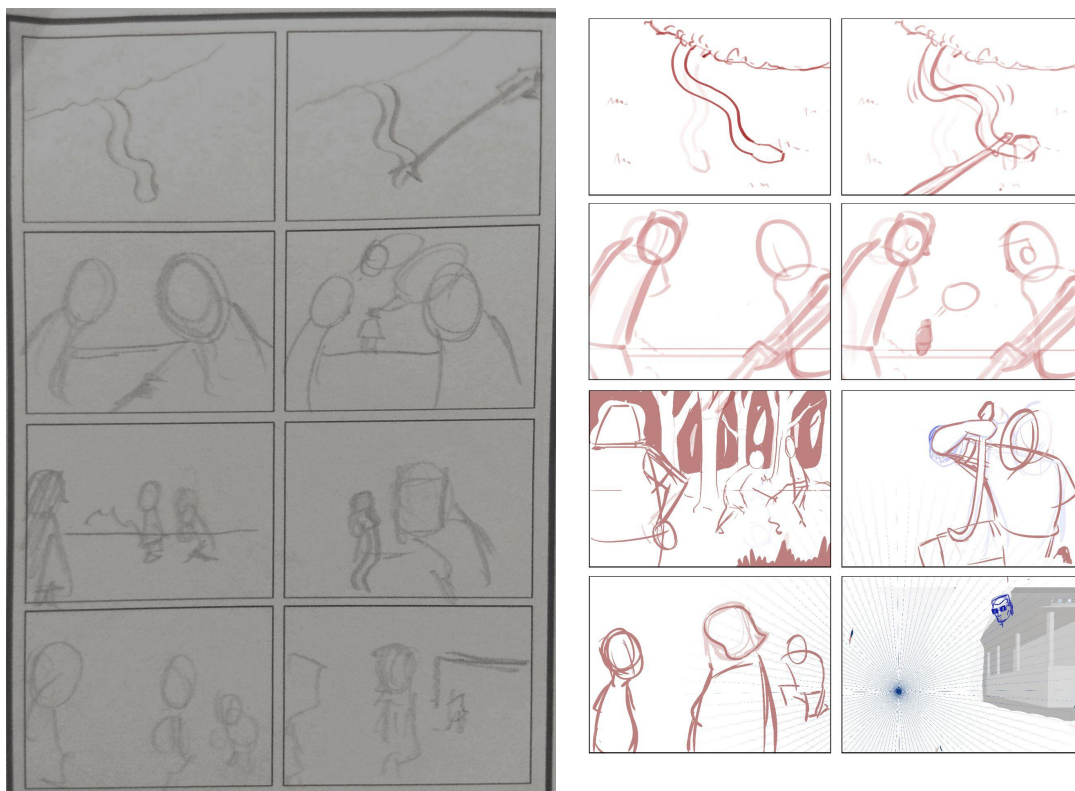
O rascunho é feito com traços coloridos, em diversas camadas. Eu começo estruturando os storyboards: desenvolvendo a perspectiva (se necessária) e atentando para as proporções e formas das personagens. Quando uma camada de rascunho se torna muito bagunçada e cheia, diminuo a opacidade, mudo a cor da caneta e desenho em outra camada por cima. Este processo se repete até o desenho ficar concluído.

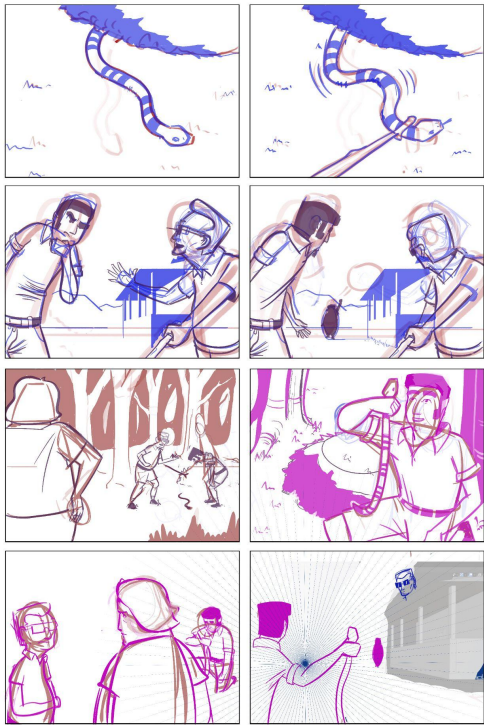
A finalização envolve traçar os desenhos em tinta preta, tentando criar linhas individuais bonitas e que tenham variedade de espessura. Se o rascunho requer um pensamento tridimensional, de proporções e espaço, a finalização é bidimensional. Não me preocupo com o desenho, apenas com as linhas que o compõem.

Depois de traçar todas as linhas, vem a fase de *spotting the blacks*. Termo que descreve o ato de adicionar áreas sólidas de tinta preta nos desenhos. É uma técnica normalmente usada por quadrinistas com estilos mais cartunizados para dar solidez e ‘peso’ para os desenhos. Depois da finalização, eu adiciono as cores. Se a cena é de dia, uso marrom/sépia; se for à noite, verde-azulado. Tentei sempre criar padrões e composições interessantes com as cores.

Terminado os desenhos, adiciono os balões de fala e as onomatopeias. A fonte usada para as falas dos personagens foi feita por mim, baseada na minha caligrafia.

FIGURA 20 - Processo de criação da página 32





Fonte: Arquivo Pessoal

Devido às restrições de tempo, eu realizei todas estas fases (com exceção da letragem, que foi toda de uma vez) para cada página e, depois de concluída, repeti o ciclo para a página seguinte. Me parece agora, após a experiência de 32 páginas desenhadas, que o mais prático é realizar cada uma dessas fases para todas as páginas, antes de passar para a fase seguinte. Isto é, fazer o storyboard de todas, depois o rascunho de todas e, assim por diante, até terminar.

Cada página levou em média dois dias para ser feita. Uma página mais complexa, como a página 17, chegou a levar até cinco dias. Meu objetivo é, eventualmente, conseguir fazer uma página por dia.

A primeira página que eu desenhei foi a 4, pois me sentia inseguro para desenhar as três primeiras, que contém muitas paisagens. Desenhei em ordem até a 16, pulei a 17 devido a complexidade envolvida, e continuei até a 32. Voltei e desenhei a 2, depois a 1, 3 e a última foi a 17. A que eu, particularmente, achei de melhor qualidade é a 2. Depois de concluídas as 32 páginas, voltei e redesenhei as dez primeiras, para ficarem mais ‘aceitáveis’.

FIGURA 21- Página 9, antes e depois.



Fonte: Arquivo Pessoal
As primeiras páginas foram desenhadas com um estilo diferente de aplicação das cores, também havia quadros e a cor do papel era branca.

3.6 Considerações finais

Meu objetivo, quando comecei o TCC, era escrever um roteiro de mais ou menos 40 páginas, para poder entregar uma história em quadrinhos completa e fechada para a apreciação da banca. Mas as personagens se recusaram. Lúcia precisava ir para a cidade, Carmen precisava se vingar e Cid não resistiu a fazer um negócio com o diabo. A história acabou somando 157 páginas, divididas em duas partes.

Decidi que iria desenhar 86 páginas, a primeira parte completa. Meu professor de desenho aplicado comentou que seria impossível entregar 86 páginas no tempo disponível. Eu pensei comigo: "O que ele sabe?" (ele só trabalha com desenho há mais de quarenta anos). Comecei a trabalhar, mas aparentemente é demorado desenhar páginas de quadrinho quando não se sabe, efetivamente, fazer quadrinhos; e, claro, quando é necessário aprender a desenhar cada novo elemento que aparece - tive de estudar como representar água para a página 2, cachorros para a 3, caminhões para a 5, galinhas para a 10, e assim por diante.

O professor estava certo (óbvio).

Diante disso, decidi entregar 41 páginas: terminar a primeira sequência de Cid e a primeira de Carmen. Devido a alguns contratempos referentes a uma oportunidade de edital e uma inscrição pendente de mestrado, ficaram faltando 9 páginas.

Sucesso é, no fim das contas, fracassar para frente. Assim sendo, submeti 32 páginas - um quinto - do quadrinho "Serra Geral, Vale Europeu" para avaliação.

BIBLIOGRAFIA

AELIAUS, Claudius. *Varia historia*. **Penelope.uchicago**. Disponível em <<http://penelope.uchicago.edu/aelian/>> Acesso em 23 de set. de 2021.

CORRÊA, Misael Costa. **Costumes incomuns: a rinha de galos no extremo-oeste catarinense**. Tese (bacharelado e licenciatura em história) - Centro de Ciências Humanas e Filosofia, Universidade Federal de Santa Catarina. p. 74. 2009.

CORRÊA, Misael Costa. As rinhas de galos no Litoral Catarinense: relatos orais sobre uma prática em conflito com a urbanização (1980-2010). **Anais do XXVIII Simpósio Nacional de História. Florianópolis: ANPUH**, 2015.

EISNER, Will. **Quadrinhos e arte sequencial**. 4 ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2010.

EISNER, Will. **Graphic storytelling and visual narrative**. 1 ed. New York: Norton press, 2008.

FIELD, Syd. **The screenwriter's workbook**. 2 ed. New York: Dell press, 206

FIELD, Syd. **Screenplay**. 2 ed. New York: Dell press, 2005

GEERTZ, Clifford. Deep play: Notes on the Balinese cockfight. **Daedalus**, v. 134, n. 4, p. 56-86, 2005.

KING, Stephen. **Sobre a Escrita**. 1.ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2015.

MCCLLOUD, Scott. **Making Comics**. 1 ed. New York: Harpercollins, 2006.

MCCLLOUD, Scott. **Understanding comics: the invisible art**. 2 ed. New York: Harpercollins, 1994

SPIEGELMAN, Art. **Metamaus**. Tradução de: Cruz Rodriguez Juiz. 1 ed. Barcelona: Reservoir Books, 2012.

TEIXEIRA, Sérgio Alves. O simbolismo essencial das brigas de galo. **SCIELO**, 1997. Disponível em <<https://www.scielo.br/j/ha/a/bc3GxMTGczD4WNcBLGkMV4P/?lang=pt>> Acesso em: 23 de Set. de 2021.

Filmografia

Fargo. Direção: Ethan e Joel Coen, EUA. Working Titles e Polygram filmed, 1996

Gosto de Sangue (Blood Simple). Direção: Ethan e Joel Coen, EUA. River Road Pro. e Foxton Entertainment, 1984.

Memórias de um Assassino (Salinui Chueok). Direção: Bong Joon-ho, KOR. CJ Entertainment e Sidus Pictures, 2003

Ser ou Não Ser (To be or Not to be). Direção: Ernst Lubitsch, EUA. Romaine film corp, 1942

Um Plano Simples (A Simple Plan). Direção: Sam Raimi, EUA. Paramount Pictures, 1998

Peças de Teatro

SUASSUNA, Ariano. **Auto da Compadecida**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2018

SUASSUNA, Ariano. **O Santo e a Porca**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2018

Jornal Consultado

A Região. Ituporanga/SC

Quadrinhos Referenciados

Casanova. Portland: Image Comics. 2006 - presente. Publicação Irregular.

Promethea. La Jolla: Wildstorm. 1999 - 2005. Mensal.

Stray Bullets. New Jersey: El Capitan Books. 1995 - presente. Publicação Irregular.

Sandman. Burbank: DC Comics. 1989 - 1996. Mensal.

The Invisibles. Burbank: DC Comics. 1994 - 2000. Mensal.

EISNER, Will. **Um sinal do espaço**. São Paulo: Abril, 1991

EISNER, Will. **Nova York: vida na grande cidade**. São Paulo: Companhia das letras, 2009

MAZZUCHELLI, David. **Asterios Polyp**. New York: Pantheon books, 2009

SPIEGELMAN, Art. **Maus**. São Paulo: Companhia das letras, 2009.

WIMBERLY, Ron. **Prince of Cats**. Burbank: DC Comics, 2012